

EM FOCO

# Turismo Balanço de uma legislatura

É bom lembrar que esta conjuntura, no que para nós tem de benéfico, se deve em primeiro lugar a males alheios

■ Carlos Luís Figueira Pág. 23



Proletários de todos os países UNI-VOS!

# Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 2 de Setembro de 1999 • Preço: 180\$00 (IVA Incluído) • N.º 1344 • Director: José Casanova

# Vamos à Festa!



## Comício no domingo com Carlos Carvalhas

José Casanova e Margarida Botelho



ÚLTIMAS

Governo criou  
conselhos  
económicos  
e sociais  
regionais  
CGTP  
denuncia  
fraude  
e perigos de  
corporativização

A Comissão Executiva da Intersindical Nacional exigiu ainda a valorização do trabalho no debate político.

## Com esperança no futuro TIMOR CONTA VOTOS



Págs. 5 e 6

Pág. 32

Editorial Todos os caminhos vão dar à Festa





Timorenses votam em massa no referendo

## RESUMO

25  
Quarta-feira

Médicos e enfermeiras do Instituto de Emergência Médica de Coimbra e do Porto, escrevem à ministra da Saúde denunciando graves deficiências do sistema ■ O governo jugoslavo pede reunião do Conselho de Segurança da ONU na sequência da descoberta, no Kosovo, de uma vala comum com cadáveres de sérvios ■ Cinquenta mil pessoas desfilam em Díli manifestando-se pela independência ■ Xanana Gusmão declara a intenção de oferecer uma amnistia geral a todos os que praticaram crimes políticos ■ A oposição brasileira ao Presidente Fernando Henrique Cardoso decide convocar manifestação para Brasília ■ Pirata do ar marroquino sequestra em Barcelona 88 pessoas durante seis horas, num avião que viajava de Casablanca para Tunes, acabando por soltar os reféns e entregar-se às autoridades.

26  
Quinta-feira

O antigo Secretário geral da NATO, Lord Carrington, critica a intervenção da Aliança contra a Sérvia, afirmando que os bombardeamentos se limitaram a «piorar as coisas» ■ Novos actos de violência abalam Timor, registando-se sete mortos e vários feridos em Díli. Enquanto Xanana Gusmão e o Governo português apelam à intervenção da ONU, Kofi Annan exige à Indonésia que prenda os responsáveis ■ Mais de cem mil pessoas manifestam-se em Brasília contra a política do Presidente ■ Ministra britânica para a Irlanda do Norte reafirma a sua confiança no cessar-fogo do IRA ■ Oito deputados do SDP alemão, da ala esquerda do partido, assinam uma carta contestando a política neoliberal de Schröder ■ Assembleia Constituinte da Venezuela limita os poderes legislativos do parlamento, num acto que é classificado por este de «golpe de Estado» ■ Deflagra intenso incêndio no Parque da Serra da Malcata, só circunscrito no fim da tarde.

27  
Sexta-feira

Os portugueses vítimas do acidente de aviação ocorrido em Hong Kong queixam-se de falta de assistência e de abandono por parte das autoridades portuguesas ■ Novos confrontos em Timor provocam feridos em Díli, Los Palos e Maliana. Apesar disso, a ONU e o Governo português insistem na realização do referendo na data prevista ■ A jornalista Maria Elisa é afastada da Direcção de Programas da RTP ■ Confrontos em Caracas, opondo a polícia e opositores venezuelanos ao presidente Hugo Chavez, originam cerca de trinta feridos ■ Sindicato dos Enfermeiros do Norte apresenta queixa-crime contra a Ministra da Saúde por «abuso do poder e difamação».

28  
Sábado

Falando em Ponta Delgada, Carlos Carvalhas, que se desloca aos Açores para participar na apresentação dos candidatos da CDU, alerta para os perigos de uma maioria absoluta do PS ■ Em vésperas do referendo em Timor, novo acordo é firmado entre representantes das Falintil e das milícias apoiadas pela Indonésia ■ Secretário geral da ONU envia mensagem aos timorenses exortando-os

a participar na votação e pedindo aos dirigentes que aceitem os resultados do referendo ■ Um carro armadilhado explode em bairro diplomático da capital do Iémen, fazendo dois mortos ■ Morre no Recife, com 90 anos de idade, o arcebispo brasileiro D. Hélder Câmara, conhecido pelas suas posições a favor da «teologia da libertação» ■ Regressa à Terra a última tripulação da estação orbital MIR. Esta, lançada ainda no tempo da União Soviética, conclui a sua missão de mais de treze anos no espaço.

29  
Domingo

Duas mortes, registadas após o acordo firmado entre as Falintil e as milícias, demonstram, na véspera das eleições, que o clima de violência se mantém em Timor ■ No primeiro dia das festas de Barrancos, a tradição da lide do touro a culminar com a morte do bicho manteve-se, apesar das ameaças violentas dos promotores de manifestações de «amigos dos animais» ■ Chegam a Portugal os portugueses acidentados no desastre de aviação ocorrido em Hong Kong, mantendo-se em território chinês as vítimas mais graves ■ Na Jugoslávia, a oposição ao presidente Milosevic associou-se ao governo na denúncia da «incapacidade» da KFOR na protecção dos sérvios e de «conluio» com os terroristas do UCK ■ Um autodenominado «Exército Islâmico» reivindica atentado no Iémen, que matou duas pessoas e feriu outras nove ■ O dirigente unionista Trimble, da Irlanda do Norte, declara ser impossível o diálogo com o Sinn Fein, apesar das declarações favoráveis à manutenção do cessar-fogo produzidas pela ministra Mowlam.

30  
Segunda-feira

O referendo em Timor salda-se por um primeiro êxito, com uma votação maciça. Mais de noventa e oito por cento dos recenseados no território foram às urnas exprimir a sua posição ■ O presidente brasileiro, sob a pressão das manifestações populares contra a sua política, anuncia «programa de investimentos» de 165 milhões de dólares, ao longo de sete anos, para a «criação de postos de trabalho» ■ Savimbi, que afirma controlar 70 por cento do território angolano, ameaça atacar Luanda ■ Continuam as festas de Barrancos, com novas lides de touros a finalizar com a morte dos animais ■ É anunciada a descoberta, na sequência de achados anteriores, de um povoado com cerca de quatro mil e quinhentos anos, no sítio da Malhada, em Fornos de Algodres.

31  
Terça-feira

O ministro dos Estrangeiros indonésio, Ali Alatas, reconhece, em Jacarta, que a votação foi livre e pacífica e, por isso, a consulta foi executada de uma forma justa». Ao mesmo tempo, os integracionistas acusam as Nações Unidas de parcialidade a favor dos independentistas e aludem a milhares de irregularidades no processo de votação ■ O PSD contesta a permanência de Jorge Coelho como ministro da Administração Interna na sequência do caso dos touros de morte de Barrancos ■ O processo contra Luís Filipe Menezes no caso das viagens fantasma dos deputados é declarado extinto com base na prescrição ■ Na Colômbia começa uma greve geral por tempo indeterminado.

## EDITORIAL

## Todos os caminhos vão dar à Festa

Começa amanhã e, durante três dias, vai ser uma festa... Mais do que isso: vai ser A Festa, singular, única e para a qual só a do ano passado pode ser tomada como termo de comparação. Vai ser a Festa a que todos os caminhos irão dar no próximo fim-de-semana, a Festa-ponto-de-encontro de muitos e muitos milhares de pessoas – nuns casos, encontros marcados desde todas as Festas anteriores, reencontros portanto, inevitavelmente pontuados com um «isto está cada vez mais bonito!»; noutros casos, primeiros encontros descobertos na Festa acabada de descobrir, no espanto de ver o que se julgava não ser o que é e ser o que não é, e que empurra, também inevitavelmente, para exclamativos «nunca pensei que isto fosse tão bonito!», a que se segue a irreversível decisão de voltar para o ano. É assim, de facto. Por mais voltas e reviravoltas que se queiram dar e por muito que custe aos que, confundindo desejos com a realidade, ainda não se cansaram de «demonstrar» as suas doências «inevitabilidades», os seus obsessivos «declínios irreversíveis», enfim, «o fim».

Falemos sempre e sempre da construção da Festa: do esforço colectivo que ela representa; da força imparável nascida de muitas vontades somadas; da criatividade sem margens dos seus construtores; da determinação e da alegria com que alguns milhares de militantes e simpatizantes comunistas constroem três dias de alegria para muitos e muitos milhares de pessoas.

Relembremos, justamente, o papel decisivo e determinante dos jovens na criação desse espaço que durante três dias será ocupado por uma população onde a Juventude terá presença maioritária – realidades que, somadas, fazem com que Festa do «Avante!» seja, cada vez mais, sinónimo de Festa da Juventude.

Registemos, com igual justeza, o esforço e a abnegação dos vários milhares de activistas que, durante três dias, asseguram as muitas, diversificadas e, por vezes complexas, tarefas indispensáveis ao bom funcionamento da Festa.

E sublinhemos o facto incontestável de nenhum outro partido nacional ser capaz de fazer uma Festa como esta – sem dúvida repetindo-nos na enunciação desta evidência, mas com a convicção profunda de que esta conclusão, seguramente partilhada pela generalidade dos e das visitantes da Festa, é a verdade maior e mais significativa da Festa do «Avante!».

Por tudo isto – e porque tudo isto espelha claramente a diferença existente entre o PCP e todos os outros partidos – a Festa é um momento de particular importância na vida e na actividade partidária dos militantes comunistas. Não se trata de uma *rentrée* como a que, nos restantes partidos, procura mascarar a ausência de actividade militante no ano que finda e a sua inexistência no ano que começa e, ao mesmo tempo, esconder a diferença que há entre as suas promessas eleitorais e a sua prática concreta no período que decorre entre as sucessivas eleições. Trata-se, bem pelo contrário, do culminar de um ano de intensa luta e de permanente intervenção político-partidária e, simultaneamente, da partida para um novo período de novas tarefas e novas batalhas por parte de quem está consciente de que tem um papel a desempenhar na vida nacional. E muitas são as tarefas que,

no futuro imediato, se colocam aos comunistas, aos militantes de um partido que, sempre com os trabalhadores e o povo, não dá tréguas à política de direita e não desiste de lutar pela igualdade e pela justiça social, pela concretização de uma política de esquerda que dê prioridade à resolução dos problemas dos que trabalham e vivem do seu trabalho e que dê resposta aos anseios e aspirações da maioria das portuguesas e portugueses. O facto de o PCP ser o único partido a inscrever estas preocupações na sua actividade torna mais difícil a luta dos comunistas mas torna-a também mais exaltante.

As eleições legislativas de 10 de Outubro constituem a primeira grande batalha que temos pela frente, batalha que pela sua relevância, pelo que nela está em jogo, nos coloca exigências incontornáveis. Por isso ela estará presente na Festa, em múltiplas iniciativas de carácter político e de forma mais marcante na intervenção que o Secretário Geral do PCP, Carlos Carvalhas, produzirá no grande comício de domingo à tarde. Intervenção cujo conteúdo de seriedade e verdade pode ser anunciado previamente e que, por isso mesmo, contrasta com a prática dos outros dirigentes partidários – Guterres com um discurso cada vez mais teatralizado (que, naturalmente, deixa extasiados os seus comentadores políticos privados) e no qual exhibe uma ridícula vaidade pessoal (mal disfarçada por uma ainda mais ridícula falsa modéstia) e uma preocupante sede de poder absoluto (mascarada de «diálogos», «transparências» e «paixões» só dele conhecidas); Barroso, um vencido fingindo-se possível vencedor, num crescendo de confusão e baralhão de onde emerge como dado adquirido o seu profundo apego à política de direita; Portas, o «filho querido» da comunicação social,

cavalcando uma demagogia sem freio, produzindo um discurso dito «populista», forma «moderna» de dizer «de conteúdo neo-fascista».

Reforçar a expressão eleitoral da CDU e aumentar o número dos seus deputados eleitos é o objectivo primeiro e o que mais força dará ao desejo de uma mudança de política – e é um objectivo possível de alcançar na base de uma forte campanha eleitoral, de uma ampla mobilização e intervenção militante, de um intenso trabalho de esclarecimento que faça chegar junto do maior número possível de pessoas a nossa mensagem, as nossas propostas, a verdade sobre o papel de cada partido na legislatura que agora finda, a clarificação sobre os reflexos dos resultados eleitorais na evolução da situação política nacional.

Um bom resultado eleitoral da CDU dará maior capacidade de intervenção aos nossos deputados na Assembleia da República e dará mais força à luta que, sejam quais forem os resultados gerais, é necessário continuar e intensificar.

A poderosa concentração de massas que é a Festa do «Avante!» tem todas as condições para vir a ser a primeira grande etapa da batalha eleitoral que se avizinha. Nela teremos oportunidade de fazer chegar a nossa voz a muitos milhares de homens, mulheres e jovens que, não sendo comunistas, ali querem estar connosco neste fim-de-semana, ali se sentem entre a sua gente e, por isso, consideram a Festa também sua. Dela sairá cada um de nós, militantes comunistas, com ainda maior determinação para dar o seu contributo para o êxito da campanha e com ainda maior confiança nos resultados desse esforço colectivo.

*A poderosa concentração de massas que é a «Festa do Avante!» tem todas as condições para vir a ser a primeira grande etapa da batalha eleitoral que se avizinha*

## Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português  
Rua Socorro Pereira Gomes, 3  
— 1600 — 196 Lisboa, Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:  
Rua Socorro Pereira Gomes, 3 — 1600 — 196 Lisboa  
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390  
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,  
— 1169-161 Lisboa  
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.  
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:  
DISTRIBUIÇÃO ADE'S  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,  
— 1169-161 Lisboa  
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11  
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:  
Até às 17 horas de cada sexta-feira:  
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:  
Tapada Nova  
Cipa Rota — Linho — 2710 Sintra  
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B Lx. 227 — 4470 Maia  
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1169-161 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADES: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1169-161 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão  
Heska Portuguesa, SA  
Campo Raso  
2710 — 139 Sintra  
Depósito legal nº 205/85

## TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (Contínente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.



## A cada um a sua esquina

"Se o PS conquistar agora a maioria absoluta, estará consumada a derrota na luta pela liderança da esquerda..." DN, 27/8/99, M.Bettencourt Resende in "O PCP na esquina da História"

Pela enésima vez, um enésimo analista voltou a pressagiar o declínio do PCP e da sua influência. Coube a vez ao director do DN. Não se sabe se por correspondência com algum íntimo e profundo desejo, se para mostrar serviço, se para não destoar da corrente dominante que, nestes meios da chamada opinião, há décadas profetiza e decreta a derrota do PCP, o fim do comunismo, o termo da História. Nem o apurar da motivação será o que mais importa. Está no seu direito em insistir na tese as vezes que entender. Que o faça! Ainda que com o risco certo de se sujeitar ao desmentido que a vida e a luta deste Partido e a confiança que os trabalhadores nele depositam se encarregarão de lhe dar. Pelo que a exemplo de tantos outros ilustres prestigeadores o que se apresenta como seguro é que este Partido mil vezes condenado o há-de ver a ele e a alguns outros, não à esquina da História, mas à porta do jornal que por ora dirigem.

Procurou o Director do DN, num notável exercício de raciocínio dedutivo, sustentar a conclusão com que sentencia o PCP numa prosa do tipo: - Se o PCP alerta que o risco maior para o prosseguimento da política de

direita decorre de uma eventual maioria absoluta do PS, conquistada que seja pelo PS essa maioria, ficará assim consumada a derrota do PCP na «luta pela liderança da esquerda».

Mesmo sem a mais leve esperança de que o que a seguir se escreverá possa influenciar o autor a rever o profundo exercício analítico que naquele texto concebeu, aqui se registam três breves anotações:

A primeira para fazer notar ao autor que em matéria de lideranças se há alguma que o PS possa ambicionar com fundadas razões e expectativa, forjada no irrecusável esforço de anos a fio, é o da liderança na condução da política de direita cuja eficácia tem sido objecto de inúmeros testemunhos de reconhecimento pelos principais beneficiários. É esse o campo, o da política de direita, que o PS pode aspirar a liderar. Um campo onde chegou, não porque empurrado por alguém, mas pelos seus próprios pés e vontade e com indissociável entusiasmo.

A segunda para sublinhar que, por mais que isso perturbe o cenário que mais convirá eleitoralmente ao PSD e ao PS e que por mais que isso incomode os que a todo o custo querem

criar um quadro virtual de disputa eleitoral, é um facto que na presente eleição os partidos de direita não apresentam qualquer possibilidade credível de chegar ao poder. Pelo que, chamar a atenção dos eleitores para essa realidade é, não apenas um acto legítimo de esclarecimento e de informação, como também um factor que contribui para um voto mais livre daquela imensa carga de chantagem eleitoral alimentada pelo agitar do perigo da direita de todos quantos aspiram a uma viragem à esquerda.

A terceira para afirmar, por mais que isso não encaixe nos padrões maniqueístas de análise do director do DN, que o que move o PCP não é a procura de lideranças mas sim o da luta pela concretização de uma nova política, de esquerda e oposta à que PS e PSD alternadamente vêm prolongando.

O que perante um quadro em que as possibilidades de acentuação da política de direita crescem na razão directa de um eventual reforço da expressão eleitoral do PS, o voto na CDU e o aumento da sua influência é a única forma de o impedir e de contribuir para a sua inversão.

■ Jorge Cordeiro

## Um dólar, um voto

Segundo o jornal britânico «The Independent on Sunday», em notícia repercutida depois por alguma imprensa nacional, as empresas privadas vão ter a possibilidade de comprar o direito de se encontrarem com os chefes de Estado, ministros e negociadores participantes na conferência ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC) que está prevista para a cidade de Seattle, nos Estados Unidos, de 30 de Novembro a 3 de Dezembro.

Esta «oportunidade muito interessante» foi proposta pelo comité da cidade organizadora, presidido por Bill Gates, e além da Microsoft muitas dezenas de empresas transnacionais como a General Motors, a Ford, a Procter e Gamble, a Hewlett Packard, a Boeing, já teriam garantido o acesso à conferência da OMC em função do montante da sua contribuição.

A OMC, fundada em 1995 e agrupando actualmente 135 países, é a única organização que regula as regras do comércio entre as nações e, por isso, os seus acordos e deci-

sões têm um profundo impacto ao nível económico e político mundial.

Uma breve passagem de olhos por temas que vão estar em debate na terceira conferência ministerial (o órgão máximo da Organização) permite sem dúvida evidenciá-lo. A título meramente exemplificativo refiram-se: a agricultura, acesso aos mercados, direitos alfandegários, contingentes tarifários; os investimentos; o comércio e a concorrência; o comércio electrónico; o comércio de serviços; o comércio e o ambiente; os produtos florestais e os produtos da pesca; o acesso aos mercados de produtos industriais; a facilitação das trocas; os mercados públicos; direitos de propriedade intelectual relativos ao comércio.

É conhecido que a OMC, de acordo com as orientações neoliberais, tem funcionado como instrumento de domínio planetário do capitalismo e de afirmação dos interesses dos países mais ricos e das transnacionais.

Mas ao propor que estas empresas participem ao lado dos representantes das nações

na terceira conferência ministerial da OMC e em função do montante da sua contribuição, o sempre inovador presidente da Microsoft deu um salto conceptual que o neoliberalismo ainda não assumira.

No desenvolvimento desta linha de raciocínio, não demorará certamente a ser proposto que os órgãos de direcção assentem, tanto ao nível mundial como ao nível nacional e local, em entidades escolhidas segundo o princípio um dólar - um voto. O que representaria uma simplificação da vida «política» e faria prosperar, como nunca, o mundo dos negócios. Além de que dispensaria a complicação e sobretudo o risco do apuramento democrático da vontade dos cidadãos e da eleição dos seus representantes.

Os que já julgavam que o princípio «um homem - um voto», herdado da democracia ateniense, constituía uma definitiva aquisição civilizacional, que se cuidem portanto.

■ Edgar Correia

# TIMOR

## a luta continua

Timor-Leste. Apesar de redigida na véspera de 30 de Agosto e muito antes de conhecidos os resultados da consulta popular, esta coluna dificilmente poderia ter outro tema. Quanto mais não fosse para endereçar uma calorosa e fraternal saudação à Resistência Timorense, ao CNRT, as Falantil, à Fretilin, ao martirizado e heróico povo timorense que neste momento crucial da sua luta libertadora está dando uma vez mais provas de admirável coragem e tenacidade. E também para confirmar que o PCP, hoje como sempre, está com o povo de Timor-Leste e que, seja qual for o desfecho da consulta popular e a situação que venha a configurar-se, os comunistas portugueses continuarão solidários com as forças patrióticas e progressistas timorenses.

Perante a onda de violência, intimidação e terror desenvolvida em Timor-Leste pelas «milícias integracionistas» e pelas forças de ocupação indonésias, ninguém se atreve a considerar que foram efectivamente reunidas as condições de uma consulta verdadeiramente livre e democrática. Em tal situação, a derrota da «integração» significará uma histórica vitória do povo timorense, confirmando inequivocamente aquilo que mais de 23 anos de resistência e luta heróica há muito já referendaram: a recusa da ocupação indonésia, o amor à Liberdade, a aspiração à independência de Timor-Leste.

Para avaliar do extraordinário alcance de um tal resultado basta lembrar que os presos políticos, a começar por Xanana Gusmão, não foram libertados; as tropas indonésias não retiraram de Timor nem foram acantonadas, mas concentraram-se novos contingentes militares junto à fronteira na parte ocidental da ilha; as forças policiais a quem competia, nos termos dos Acordos, garantir a «segurança da população», pelo contrário protegeram descaradamente a acção terrorista das «milícias»; os exilados não foram autorizados a regressar e fazer campanha. O CNRT viu sedes atacadas e destruídas e dirigentes da Resistência no interior foram forçados à semiclandestinidadade. Assassinatos na via pública, assaltos e incêndios de habitações, fuga para as montanhas de dezenas de milhares de patriotas, todo um cortejo de arbitrariedades, violências e crimes impuseram um clima de intimidação e insegurança.

Numa situação em pleno desenvolvimento complexo e contraditório seria demasiado arriscado anteciper os cenários pós-votação. É entretanto com inquietação que temos assistido às ameaças frontais por parte das «milícias integracionistas» e seus patrões indonésios de provocar uma «guerra civil» no caso da evolução do processo não ser do seu agrado. Inquietação tanto mais justificada quanto a «segurança» em Timor-Leste continue atribuída à Indonésia, ou seja ao próprio responsável por uma das mais sangrentas situações de opressão que a história contemporânea regista. Inquietação suscitada também pelo comportamento de grandes potências (EUA, Austrália, Grã-Bretanha) que, sejam quais forem as boas palavras que agora dirijam à resistência timorense, sejam quais forem as «advertências» que agora fazem ao poder indonésio, têm sido co-responsáveis pela opressão e sofrimento do povo timorense. O quadro internacional desfavorável, a posição estratégica de Timor, a existência de petróleo na região, aguçam apetites e propiciam manobras que é necessário denunciar e combater.

A justificada expectativa num resultado favorável à independência de Timor-Leste e o profundo desejo de que o «referendo» de 30 de Agosto aproxime a hora da libertação nacional do povo timorense, não deve fazer esquecer que muito caminho falta ainda percorrer e que a palavra de ordem é ainda e sempre a de solidariedade. Portugal, que assume particulares responsabilidades no processo de Timor, não deverá faltar com a sua. Nunca perdendo de vista - contra quaisquer tentações de aproveitamento político-partidário, que a questão de Timor-Leste é uma questão de Estado, solenemente inscrita na Constituição da República, em torno da qual deve procurar construir-se o maior consenso nacional possível.

Quanto a nós comunistas não faltaremos com a nossa, nomeadamente durante a Festa do «Avante!» O acto «Solidários com Timor» que terá lugar às 19 horas do próximo sábado na Cidade Internacional, será certamente expressão dos sentimentos de fraternal amizade do nosso povo para com os nossos irmãos timorenses nesta hora decisiva de esperança e de luta.

■ Albano Nunes



Foto: Jorge Carria

**Votar** - e continuar a esperança



## SEMANA



## Água: um recurso finito

A disponibilidade de água potável vai tornar-se um dos problemas mais prementes do futuro, consideraram os cerca de 700 especialistas reunidos em Graz, Áustria, faz hoje oito dias, no Congresso Mundial da Associação Internacional de Investigação Hidráulica.

Alguns cientistas afirmam que a água, um bem que entre os próximos 20 a 40 anos terá de ser cada vez mais partilhado, é «o ouro do século XXI». A comprovar esta asserção está um estudo realizado pelas Nações Unidas, no qual se afirma que duas em cada três pessoas serão afectadas pela escassez de água.

Os dados da ONU revelam que 1700 milhões de pessoas,

um terço da população mundial, não têm acesso a uma fonte de água potável e que 2 600 milhões carecem de instalações sanitárias.

Este resultado reflecte-se nos dados estatísticos relativos à mortalidade, os quais revelam que cerca de 25 000 pessoas morrem todos os dias devido a doenças contraídas através do consumo de água contaminada.

Contrastando com esta realidade, os países alpinos, como a Áustria e a Suíça, vivem numa situação paradisíaca, tanto pela grande quantidade de água de que dispõem como pela sua qualidade, segundo constataram os especialistas.

## X Congresso da Frente Polisário

Decorreu entre quinta-feira e domingo passados, em território saaraui, o X Congresso da Frente Polisário. Com a presença de 1300 delegados e 120 delegações estrangeiras convidadas, os trabalhos do Congresso foram dominados pela realização do referendo de autodeterminação do Saara Ocidental, marcado pela ONU para 31 de Julho de 2000.

A realização da consulta tem vindo a ser adiada desde Janeiro de 1992,

existindo agora a expectativa de que o acto desta vez se realizará. Esta foi também a confiança manifestada pelo secretário-geral da Polisário, que não escondeu o seu optimismo pelo estado em que se encontra o processo de organização do referendo para o Saara Ocidental. Na sua intervenção, Mohamed Abdelaziz salientou que as Nações Unidas «estão prestes a definir e a completar os participantes na consulta», em que os sa-

raus decidirão entre a independência ou a integração em Marrocos.

O líder da Frente Polisário aproveitou ainda o seu discurso para fazer um balanço das últimas actividades daquele movimento, destacando, por um lado, a constituição de um Conselho Nacional, que tem a «missão exclusiva de legislar», e, por outro, o reforço do aparelho judicial saaraui, com a criação de um Conselho do Poder Judicial e de um Supremo Tribunal de Justiça.

## Angola reforça defesa

O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, apelou na passada semana ao reforço da capacidade defensiva do país, face aos desafios impostos pela guerra movida pela UNITA. O chefe de Estado de Angola fez o apelo na sessão à porta fechada de abertura dos trabalhos da reunião do Comité Central do Movimento Popular de Libertação Popular de Angola (MPLA, maioritário no governo), segundo citação pelo porta-voz do encontro, Mário António.

No decorrer da reunião várias foram as intervenções sublinhando a necessidade de o governo de Angola não mais apoiar qualquer espécie de negocia-

ção com a UNITA, sobretudo com o seu líder, Jonas Savimbi, a quem consideram o principal culpado pelo reinício da guerra no país.



Segundo o porta-voz, José Eduardo dos Santos, que é também presidente do MPLA, dedicou parte do seu discurso à necessidade «urgente» da melhoria das condições sociais e económicas dos angolanos.

Relativamente à vida interna do partido, exortou para uma maior reafirmação do MPLA junto dos

seus militantes, por constituir a principal formação política do país, afirmou Mário António.

## Novos achados no Egipto

Uma equipa de arqueólogos iniciou na passada semana a divulgação de imagens de um cemitério no oásis de Bahariya, 400 quilómetros a sul do Cairo, envolvendo a descoberta de 10.000 múmias egípcias em túmulos intactos, sepultados durante quase dois mil anos.

A extraordinária descoberta foi localizada acidentalmente há três anos, mas mantida em segredo por receio do saque de gatinhos, como aconteceu em quase todos os túmulos egípcios do tempo dos faraós.

Finalmente, os arqueólogos principiaram agora a divulgar imagens dessa descoberta, num local que baptizaram de Oásis dos Mortos ou Vale das Múmias Douradas, enquanto fotografias dos tesouros encontrados nos túmulos foram publicadas na semana transacta na

revista norte-americana «Archaeology».

Os arqueólogos afirmam que esta descoberta vai ajudar a uma melhor compreensão da civilização greco-romana, que ocupou o Egipto desde Alexandre o Grande, e representa uma importantíssima descoberta daquela cultura, no delta do rio Nilo.

Os especialistas encontraram quatro tipos básicos de múmias no oásis de Bahariya: múmias cobertas apenas por tecido de linho, como na época dos faraós, sem caixão ou sarcófago, múmias em caixão de barro, múmias cobertas por papelão, feito de linho e papiros, no qual artistas representavam cenas dos deuses que tinham julgado os mortos, e, finalmente, o tipo mais esplêndido, com o maior número de múmias usando máscaras douradas, muitas delas rodeadas por arte-



factos e amuletos bem como peças de barro.

O facto que mais tem interessado os arqueólogos e egip-tólogos é o de os

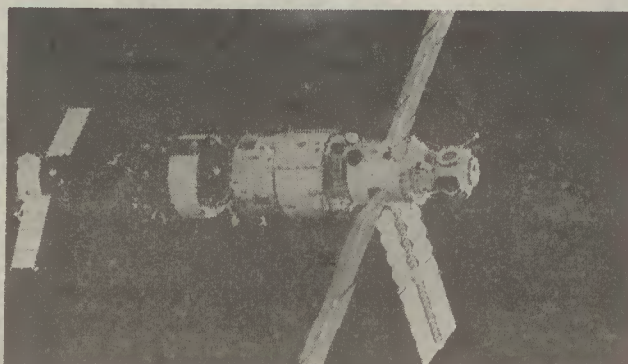
túmulos não terem sido molestados ou saqueados, como se os funerais greco-egípcios tivessem ocorrido, ontem e não há 2000 anos.

## Última tripulação da MIR regressa à Terra

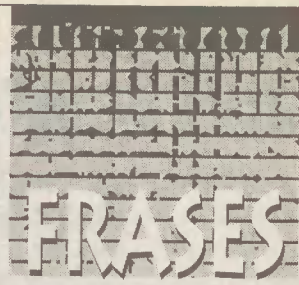
Regressou à Terra na madrugada do passado sábado a última tripulação da estação orbital russa «MIR». A bordo da nave «Soyuz», os cosmonautas aterraram no Cazaquistão, numa zona desértica a oitenta quilómetros a norte da região de Arkalik, no norte daquela antiga república da ex-União Soviética.

Os russos Serguei Avdeiev e Viktor Afanassiev e o francês Jean-Pierre Haigneré, foram os últimos tripulantes da «MIR», que verá muito em breve a maioria dos seus sistemas ser desligada, nomeadamente o computador central.

Na próxima Primavera, a «MIR», que está há treze anos em órbita, deverá abandonar o espaço, desintegrando-se na atmosfera, para cair no Oceano Pacífico.



Durante os treze anos em órbita, a estação efectuou mais de 77 mil voltas à Terra, teve a bordo mais de cem pessoas e sobreviveu a mais de 1600 avarias.



### “Obrigado Timor”

(Manchete da primeira página  
- «Diário de Notícias», 31.08.99)

“O drama de Timor deixa-nos uma raiva impotente perante a agonia de um povo que continua espeznhado, mesmo à luz dos holofotes internacionais.”

(António José Teixeira  
- «Diário de Notícias», 28.08.99)

“Um homem desta dimensão (como Xanana) merece um povo e uma pátria onde firmar a sua imortalidade.”

(Óscar Mascarenhas  
- «Diário de Notícias», 30.08.99)

“A concentração de propriedade dos “media” é legalmente obscura. O poder político não está interessado em fazer cumprir algumas leis.”

(Fernando Correia  
- «Visão», 26.08.99)

“Ou se assume pela diferença ou (a RTP) não é competitiva com o lixo das privadas.”

(Carlos Figueiras  
- «Diário de Notícias», 29.08.99)

“O balanço destes quatro anos socialistas na RTP é avassalador: caíram as audiências e a TVI prepara-se para a ultrapassagem, acumularam-se défices de largos milhões de contos e a qualidade da programação não saiu, em média, da mediocridade na obsessão de copiar as privadas.”

(José António Lima  
- «Expresso», 28.08.99)

“No plano político, a RTP ras-teja abjectamente perante este Governo, que lhe estimula a propensão para o vício e para o endividamento.”

(Vasco Graça Moura  
- «Diário de Notícias», 25.08.99)

“A RTP foi menos subsidiada do que devia. Por razões de conjuntura económica.”

(Arons de Carvalho  
- «Euronotícias», 27.08.99)

“A RTP precisa de um líder e precisa que acabem com a quantidade de cargos que fazem com que seja uma empresa com muitas empresas.”

(Júlio Magalhães  
- «Diário de Notícias», 29.08.99)

“Vou liderar o PSD nos próximos dez anos.”

(Durão Barroso  
- «O Independente», 27.08.99)

“O sistema e o país precisam de reformas profundas. Nalguns casos, de revoluções. Não de um líder que, como alternativa, promete fazer o mesmo. Mas e melhor. Mas o mesmo.”

(Sérgio Figueiredo  
- «Diário Económico», 26.08.99)





## Timor-Leste

## O povo votou em massa



Apesar da violência que tem marcado o quotidiano dos timorenses, vivem-se momentos de grande esperança

Foto Lusa

## Um exemplo do que pode a determinação de um povo

Na apresentação das listas da CDU, que teve lugar segunda-feira passada no Castelo de São Jorge, as primeiras palavras de Carlos Carvalhas foram para Timor, que saudou «todos os combatentes e todos os resistentes» e prestou homenagem a «todos os que ao longo destes anos deram a sua vida pela liberdade e pela democracia».

«Hoje foi um grande dia para o povo de Timor e para o povo português, e para todos os combatentes da causa da democracia e da liberdade. É também, naturalmente, um grande dia para os comunistas portugueses e para todos os activistas da CDU que nunca faltaram com a sua solidariedade activa à resistência timorense e que sempre consideraram a causa de Timor, como causa nacional.

«Apesar das intimidações por acções das milícias, das pressões da Indonésia, de Xanana Gusmão continuar preso, dos exilados não terem podido regressar, apesar de tudo, há em todos nós uma grande satisfação pela grande afluência às urnas, o que é extraordinário e é motivo de esperança redobrada de que o povo timorense tome nas suas mãos os seus destinos. Agora, é necessário exigir que a Indonésia cumpra os Acordos e que a ONU e a chamada Comunidade Internacional não falhem com o apoio devido.

«Timor é mais um exemplo do que pode a determinação e a vontade de um povo e também da importância da solidariedade nacional.»



Carlos Carvalhas saudou a determinação e a vontade do povo timorense



Os timorenses participaram em massa no referendo formando longas filas à porta dos locais de voto. Na foto, um aspecto da votação em Lisboa

**V**amos votar! Vamos todos votar! Não tenhamos medo! O futuro de Timor-Leste depende da nossa coragem e convicção do dia de hoje. Palavras de Xanana Gusmão, em mensagem ao povo timorense, pouco antes do início da votação sobre o seu futuro. Horas depois a ONU divulgava os impressionantes números da afluência às urnas, que atingiu os 98,6 por cento. Dentro de uma semana, apenas, serão conhecidos os resultados. Mas a maciça participação no acto eleitoral é já uma vitória para a causa da democracia e da liberdade.

Mesmo que a relação entre o apelo de Xanana e os números entretanto divulgados não seja directa, a participação popular no referendo representa, em si, uma inequívoca afirmação da vontade do povo timorense de se fazer ouvir, de se afirmar enquanto povo e determinar o seu futuro. Apesar da insegurança. Da violência. Das ameaças, nem sequer veladas, por parte da Indonésia.

Vivem-se, neste momento, dias de incerteza. Mas também de grande esperança.

O líder pro-integracionista já fez questão de acusar a ONU de fraude eleitoral. Em véspera do acto eleitoral, o exército de Jacarta anunciava, num preocupante comunicado, que não poderia garantir a segurança pos-eleições, em particular no quadro de uma vitória independentista. Esta semana, como depois de conhecidos os resultados divulgados, muita coisa poderá ainda acontecer.

Findo o acto eleitoral, os timorenses, que votaram bem cedo, fecharam-se nas suas casas ou recolheram-se ao abrigo das montanhas e florestas. O medo está assim bem presente. Mas a determinação em participarem numa decisão fulcral para o seu futuro colectivo, não o está menos.

Vinte e três anos volvidos sobre a anexação pela Indonésia, nunca reconhecida pela ONU, com mais de 200 000 mortos (cerca de um terço dos habitantes), nada será igual. A participação maciça dos timorenses no referendo gerou uma situação

nova e irreversível. Nada poderá apagar este momento histórico na vida de Timor-Leste.

## Os números

Seis horas após a abertura das urnas, Karina Perelli, chefe da divisão de assistência eleitoral da ONU, classificava a participação na consulta eleitoral como «maciça e muito convincente, comparativamente a qualquer padrão internacional». Pelas 7,30 da manhã, nas filas de espera das secções de voto já estavam 50 por cento dos votantes registados.

Segundo os dados divulgados pela ONU, a participação no acto eleitoral atingiu os 98,6 por cento, tendo votado mais de 432 000 pessoas.

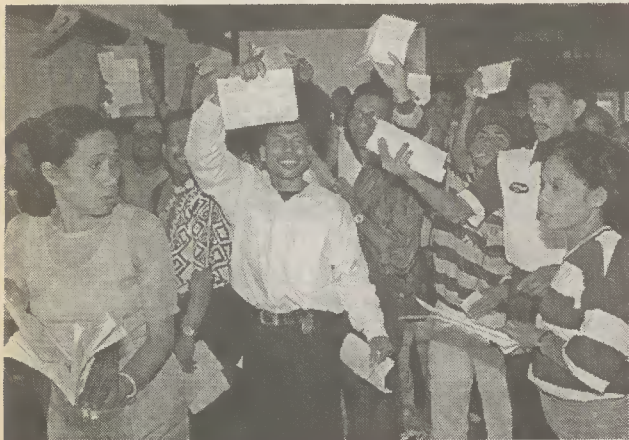
Algumas das 850 urnas instaladas em Timor-Leste registaram 100 por cento de afluência na consulta popular. A taxa de participação mais elevada, 99,5 por cento, registou-se no concelho de Ainaro, enquanto as mais reduzidas ocorreram nos concelhos de Manatuto (96,6 por cento) e Ermera (98,3 por cento), este último palco dos maiores incidentes registados no dia da votação.

A última urna a fechar - em Cassa, zona sul do concelho de Ainaro - foi uma das 32 urnas que fecharam depois da hora prevista, devido à suspensão da votação por acções de violência e intimidação.

A hipótese de fraude eleitoral, avançada de imediato pelos dirigentes integracionistas, ►



## INTERNACIONAL



A alegria marcou a participação no acto eleitoral

Foto Lusa

## Timor-Leste

## O povo votou em massa

foi entretanto liminarmente afastada pelo secretário executivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Marcolino Moco, que afirmou que as «condições do processo não levantam qualquer dúvida».

## Entre a violência e a esperança

A alegria e a relativa tranquilidade com que decorreu o acto eleitoral de segunda-feira foram entretanto manchadas com a morte de um funcionário timorense da UNAMET, num ataque das milícias integracionistas da região de Ermera.

Dia 31, cento e quarenta pessoas, entre as quais quatro observadores portugueses, foram retidos na sede da UNAMET em Ermera, por elementos armados das milícias pro-indonésias. Fonte da missão de observadores portugueses disse explicitamente à Lusa que «a polícia não está a conseguir controlar a situação e não está a agir como deve». Nesse mesmo dia, um grupo de elementos de uma milícia pro-integracionista atacou uma residência e a sede de uma organização juvenil de Manila.

Factos recentes que vêm confirmar o papel das milícias, com o apoio indonésio, em todo este processo eleitoral.

Pouco antes do referendo, o chefe da Missão da ONU em Timor-Leste (UNAMET), Ian Martin, culpou as milícias integracionistas e a inactividade da polícia indonésia pelos confrontos que então tinham causado vários mortos em Díli.

Assim, três dias antes do referendo, faziam-se sentir graves problemas de segurança, não apenas em Díli, mas também nos concelhos ocidentais de Bobonaro, Covalima, Ainaro e Manufahi.

O chefe da missão da ONU, disse mesmo então que «a UNAMET tem constantemente afirmado que o maior problema no que diz respeito à violência durante a consulta popular, têm sido as falhas das autoridades indonésias em tomar acções concretas para controlar a violência das milícias».

A mesma denúncia foi feita pela Missão de Observadores Portugueses que sublinhou que «apesar dos anunciados acantonamento e desarmamento voluntários das milícias, relatos indicam que muitos membros de milícias circularam armados em Díli e usaram armas contra apoiantes da independência».

Dados esparsos sobre um clima de violência e intimidação que não impediu, entretanto, o povo de Timor-Leste de ir às urnas.

Um facto incontornável e que, em qualquer dos casos, em si comporta razões de esperança.

Para Ramos Horta, prémio Nobel da Paz e dirigente da resistência timorense, a perspectiva será a de uma vitória dos apoiantes da independência pois, «se o povo não quisesse a independência, então não teria ido em massa às urnas».

O dirigente da resistência prevê entretanto uma margem alta de votos nulos pelo facto de cerca de 60 por cento da população ser parcial ou totalmente analfabeta.

## CGTP saúda timorenses

A CGTP-IN dirigiu uma saudação ao povo de Timor no «histórico dia» em que, finalmente, exerce «o seu justo direito à autodeterminação, com vista a poder decidir do seu futuro».

Na saudação, divulgada à imprensa segunda-feira, a CGTP sublinha que a consulta popular constitui «uma grande lição de empenhamento político» do povo de Timor e refere as «enormes dificuldades e obstáculos colocados à livre expressão» da sua vontade.

«Desde a resistência das autoridades indonésias à aceitação dos acordos sob a égide das Nações Unidas; às dificuldades criadas ao processo de recenseamento; às limitações ao esclarecimento político durante a campanha eleitoral; às intimidações, agressões e mesmo assassinatos durante o processo e à própria liberdade de voto nas assembleias eleitorais, as forças antidemocráticas tudo tentaram para condicionar a consulta popular» - lembra a central sindical.

Neste quadro, a CGTP-In reafirma a sua solidariedade com o povo de Timor e apela a toda a comunidade internacional, incluindo o Estado português e a ONU, para que «tudo façam para evitar acções que nos próximos dias tentem escamotear o sentido de voto das populações».

## LEGISLATIVAS

Candidatos da CDU  
Apresentação das listas  
de todo o País

Um encontro-convívio de candidatos da CDU reuniu, na passada segunda-feira, no Castelo de São Jorge, em Lisboa, candidatos da coligação unitária de todo o país.

A iniciativa, que teve como objectivo a apresentação das listas de candidatos da CDU, coincidiu com a realização do referendo em Timor-Leste.

Na sua intervenção, que reproduzimos nesta página, Carlos Carvalhas começou por homenagear os timorenses, num momento em que votaram para decidir o seu futuro, lembrando que os activistas da CDU «nunca faltaram com a sua solidariedade activa» à causa de Timor-Leste.

Relativamente às listas, cujo período de legalização terminou nesse mesmo dia, o secretário-geral do PCP destacou o número significativo de mulheres candidatas às eleições legislativas de Outubro.

Sublinhou ainda que quase um quarto dos candidatos da CDU são independentes ou pertencem ao Partido Ecologista «Os Verdes» e à Intervenção Democrática.

As listas da CDU reflectem uma elevada participação de jovens e a profunda ligação aos trabalhadores e a movimentos sociais.

## Ponta Delgada

Uma maioria absoluta do PS nas eleições legislativas seria o regresso ao tempo do cavaquismo, afirmou Carlos Carvalhas, em Ponta Delgada, na apresentação dos candidatos pelo círculo dos Açores.

O secretário-geral do PCP defendeu que os portugueses devem, pelo contrário, centrar-se na ideia de pluralismo como peça fundamental para a consolidação da democracia.

Sublinhou, por outro lado, que os Açores teriam a ganhar com uma voz interventiva na Assembleia da



Carlos Carvalhas, na apresentação de listas da CDU, no Castelo de São Jorge

Carlos Carvalhas:  
Mudar para melhor

Terminou hoje o período de legalização das candidaturas às eleições legislativas de 10 de Outubro.

A composição das listas com que a CDU se apresenta ao acto eleitoral de 10 de Outubro próximo para a Assembleia da República, pela sua diversidade social e cultural e onde a par da participação naturalmente relevante do PCP, quase um quarto dos candidatos são do Partido «Os Verdes», da Intervenção Democrática e independentes, confirma a CDU como espaço unitário e de diálogo entre forças democráticas comungando de um projecto comum.

As listas da CDU caracterizam-se por uma elevada participação de jovens (42 candidatos com menos de 25 anos). Esta participação mostra o empenho da Coligação na problemática juvenil e na sua mobilização, não apenas para a construção do seu próprio futuro, mas a sua participação solidária, criativa dinâmica na construção de um País mais desenvolvido e mais justo. A CDU apela aos jovens para com a sua alegria, irreverência e dinamismo dêem um contributo para uma grande e confiante campanha eleitoral. Mas para a CDU os jovens não servem apenas para agitar bandeiras, para a CDU, como as listas anunciadas comprovam, os jovens têm voz e espaço para intervir, agora na campanha e amanhã na Assembleia da República.

As listas da CDU marcam uma posição inequívoca na concretização do direito à igualdade das mulheres, na promoção da sua participação na vida política. As listas da CDU têm 110 mulheres, 33,6% do total dos candidatos, mais de um terço. Por decisão própria e seguindo uma orientação concretizada eleição a eleição, o número de mulheres passou de 21% para 33,6% relativamente às últimas eleições legislativas. E não se trata só do valor global nas listas. Apenas na base dos resultados das últimas eleições estaria garantida a eleição de cinco deputadas da CDU, isto é um terço do total dos deputados, mas se como se impõe e confiamos que vai acontecer a votação da CDU for reforçada é possível aumentar ainda mais o número de deputadas eleitas pela CDU.

As listas da CDU comprovam uma profunda ligação aos trabalhadores, aos movimentos sociais, ao movimento operário e sindical, facto evidenciado pela participação nas listas de 83 dirigentes sindicais, mais de um quarto dos candidatos, que os trabalhadores conhecem, que dão garantias pelas provas dadas, que intervieram ao longo dos últimos anos em defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores, nomeadamente contra os propósitos do Governo PS de concretizar o pacote laboral. Candidatos que também confirmam que o reforço da CDU é uma sólida garantia para os trabalhadores fazerem reforçar a sua voz, o seu protesto, a sua exigên-

República, e não com mais um deputado do PS ou PSD. Opinião partilhada por Decq Mota, que defendeu a necessidade de criar condições no país que permitam uma viragem à esquerda.

## Grândola

«Se as promessas pagassem impostos, há muito que estava resolvido o défice da saúde e a situação financeira da Segurança Social», ironizou Carlos Carvalhas, falando num jantar que reuniu, em Grândola, cerca de duas centenas de militantes e apoiantes do PCP e da CDU.

O secretário-geral do PCP advertiu para o «auto-elogio e o leilão de promessas» que o PS e o PSD, respectivamente, farão durante a campanha eleitoral para as legislativas de 10 de Outubro.

Numa antevisão da campanha que antecederá as eleições, Carvalhas manifestou a convicção de que o PS «vai fazer um auto-elogio e assumir que ainda há muito que fazer, procurando passar a mensagem de que, se tiver uma maioria nas próximas legislativas, vai fazer aquilo que não fez nos últimos quatro anos».

cia, para que sejam defendidos os seus direitos, em particular o direito às férias e caminho para garantir mais direitos, melhores condições e nível de vida e mais respeito por quem trabalha.

As listas da CDU contam também com a participação de 106 eleitos em autarquias locais, com um trabalho imenso ao serviço das populações, largamente reconhecido, feito com dedicação, competência e honestidade que são uma garantia de experiência e de capacidade de resolução dos problemas das populações.

A CDU concorre em todos os 22 círculos eleitorais, para em todo o lado disputar e conquistar o voto de todos aqueles que não querem a continuação da política de direita, que querem o desenvolvimento e melhoria das condições de vida e que nas suas mãos, na sua opção de voto, já tomada, ou a tomar até 10 de Outubro, através do reforço da votação e do número de deputados a eleger pela CDU, têm a possibilidade de contribuir para viragem à esquerda na política nacional.

Os 327 candidatos que integram as listas da CDU, operários e empregados destacados, quadros técnicos e intelectuais de reconhecido mérito, com provas dadas nos mais diversos domínios profissionais e da intervenção cívica, social, cultural e política na sociedade portuguesa, dão assim garantias de prosseguir e fortalecer o valioso trabalho realizado pelos deputados eleitos pela CDU, através do Grupo Parlamentar do PCP e do Grupo Parlamentar de «Os Verdes», na legislatura que está a terminar. São homens e mulheres profundamente ligados aos problemas do povo e do País, em que se pode confiar para lutar por uma nova política que permita uma perspectiva nova, uma perspectiva de progresso para o nosso país.

E é para que a vida das portuguesas e dos portugueses possa mudar para melhor que a CDU coloca no centro do debate eleitoral a luta por uma política inspirada pelos valores da esquerda; o combate ao neoliberalismo; a promoção do desenvolvimento económico e social, com uma mais equitativa repartição do Rendimento Nacional, a defesa dos sectores produtivos e a valorização das PME's; a reforma do sistema fiscal para uma maior justiça tributária, aliviando a excessiva carga sobre os rendimentos do Trabalho; a reforma do Serviço Nacional de Saúde que assegure de facto o direito à saúde de todos os cidadãos; uma política que faça da defesa do Ambiente e do reforço dos direitos sociais um factor essencial de desenvolvimento, uma conquista inalienável da pessoa humana e um avanço de civilização.

Com confiança, com empenho e audácia, trabalharemos intensamente para que os portugueses possam escolher com verdade, para que em 10 de Outubro, um importante reforço da CDU seja a forte expressão da vontade popular de uma viragem à esquerda.



## TRABALHADORES

# CGTP intensifica acção em Setembro

## Valorizar o trabalho na discussão eleitoral

O conteúdo político da discussão pré-eleitoral está muito frágil, afirma a Comissão Executiva da Intersindical, que promete um mês de intervenção, de apresentação de reivindicações, de colocação de questões, de esclarecimento. «Mas não depende de nós termos, logo à noite, dez minutos de debate num telejornal sobre problemas do mundo do trabalho», alertou segunda-feira Carvalho da Silva.

O coordenador da CGTP, acompanhado de Ulisses Garrido e Maria do Carmo Tavares, apresentou aos jornalistas os resultados da primeira reunião da Comissão Executiva após o período de férias.

Desde já, a atenção foi focada no próximo Conselho Nacional, que reúne dia 9, quinta-feira. Aqui vai ser analisado o primeiro esboço dos documentos para o 9.º Congresso da CGTP, marcado para 10 e 11 de Dezembro. Mas «o cerne da reunião» vai ser a definição dos conteúdos reivindicativos da central, uns com

sentido imediato, outros de curto e médio prazo (final de 1999 e ano 2000), englobando o valor do salário mínimo para o próximo ano, as reivindicações salariais, o enquadramento das férias, a matéria fiscal, entre outros pontos.

«Tendo em vista a necessidade de uma mudança muito grande das condições de vida e trabalho dos trabalhadores portugueses, estamos a preparar uma dinâmica de reflexão e acção de todo movimento sindical», disse Carvalho da Silva, adiantando que esta linha de

actuação foi definida ainda antes das férias e que até 17 de Setembro vai haver em todo o País reuniões regionais e debates sobre as temáticas prioritárias.

### Pontos fracos

Os dirigentes da CGTP vêem a fragilidade do debate político em alguns traços caracterizadores da generalidade dos discursos, «salvo uma ou outra excepção».

Por um lado, «fazem-se promessas de aumentos disto e daquilo – aumentos de pensões e diminuição de impostos, por exemplo –, mas nada se diz sobre a evolução dos salários, sobre a valorização daqueles que têm que produzir a riqueza». Um segundo aspecto é «a ausência da abordagem da qualidade do emprego», uma vez que o Governo e o PS, mas

também outras forças, continuam a situar o problema do emprego numa discussão das estatísticas».

Também no que concerne aos horários de trabalho, «nada é assumido de compromissos» e, «salvo uma ou outra excepção, por parte de uma ou outra força política, o tema está arredado do debate político», protesta a CGTP.

A fragilidade é evidente, por fim, na discussão sobre o social, que «é falado apenas em dois sentidos: os mecanismos que possam conduzir à privatização de tudo o que pode ser rentável para o capital, e a transformação de uma responsabilidade de solidariedade em mecanismos de velha e caduca caridade», sem que haja «uma

discussão séria e profunda sobre as questões do social e a solidariedade social».

A CGTP vai bater-se para alterar esta situação, classificando como «um escândalo» que, «num país que precisa de uma dinâmica de desenvolvimento, de mudanças qualitativas na sua estrutura produtiva e na sua organização do trabalho, esteja a decorrer a preparação de um acto eleitoral em que seja pura e simplesmente secundarizado o trabalho e aquilo que é essencial para o aumento de capacidade produtiva».

A central afirma que «os trabalhadores portugueses já deram demasiado para o peditório da moderação salarial», exigindo uma mudança na política salarial, e quer que, neste tempo de

campanha eleitoral, «haja um debate no sentido de que no mundo do trabalho se registre o respeito das bases essenciais que garantem a dignidade de quem trabalha». Lembrando o elevado número de mortes por acidentes de trabalho e o deficiente funcionamento da justiça, Carvalho da Silva notou que «a discussão sobre a eficácia da justiça feita em torno da vida de quatro ou cinco touros, em causa nas festas de Barrancos, é cem vezes superior à discussão na sociedade portuguesa sobre a eficácia da justiça para proteger a vida no trabalho, quando temos todos os dias trabalhadores a morrerem em acidentes de trabalho, decisões dos tribunais sobre direitos dos trabalhadores que não são cumpridas».

## José Valério encerra três fábricas no Montijo

Os postos de trabalho de 200 pessoas estão postos em causa pela administração do Grupo José Valério, que anunciou o encerramento de três fábricas corticeiras no Montijo a partir de 1 de Setembro, ameaçando os trabalhadores para que rescindam os contratos, aceitando apenas metade do valor das indemnizações legalmente previstas, pois «quem quiser, quer, quem não quiser não leva nada».

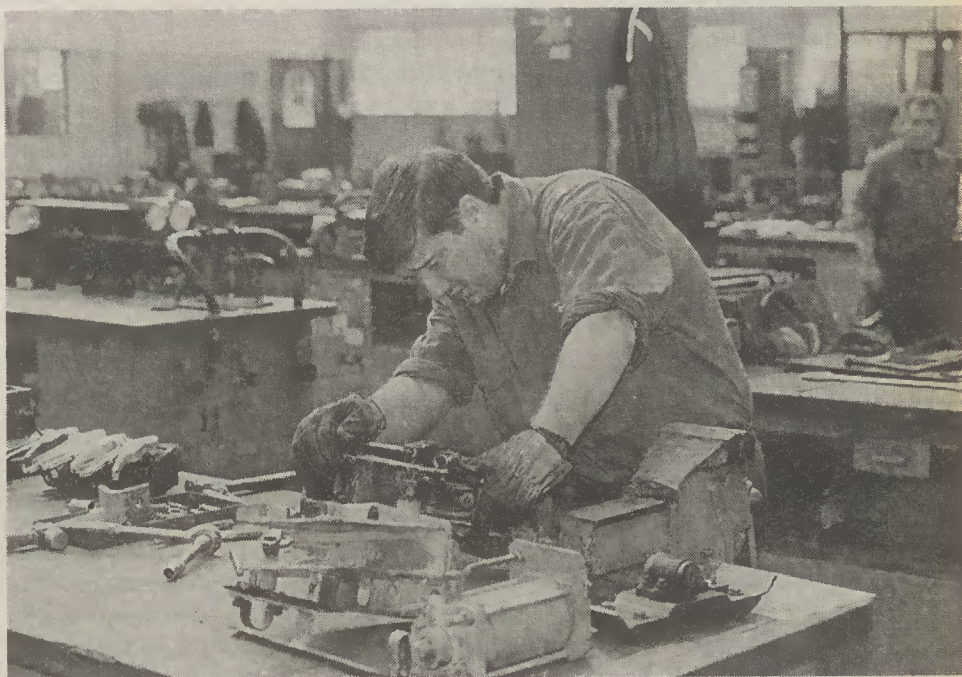
A denúncia foi feita na semana passada pela Comissão Concelhia do PCP, num comunicado

em que exige «mais respeito por quem trabalha» e expressa a sua solidariedade para com os trabalhadores e a sua preocupação pelas consequências que, a concretizar-se, este encerramento iria ter na «já muito precária» situação do emprego no concelho.

Os comunistas apontam o caminho da luta dos trabalhadores, juntamente com o Sindicato dos Corticeiros do Sul, em defesa dos seus postos de trabalho e dos seus direitos. Nas fábricas «não falta matéria-prima, nem falta mercado», diz a Concelhia.

Um dirigente do sindicato informou que o caso foi comunicado à Inspeção do Trabalho e garantiu à Agência Lusa que os trabalhadores iriam apresentar-se ontem ao trabalho, depois de um primeiro período de três semanas de férias, prolongado quando a administração ordenou o gozo imediato da semana inicialmente prevista para a quadra natalícia.

As três fábricas do Grupo José Valério situam-se na zona industrial do Pau Queimado.



Tem que haver compromissos de mudança da política salarial, de melhoria do emprego, de eficácia da justiça – exige a CGTP (foto de arquivo)

## Vendaval de repressão na Brisa privatizada

A Brisa decidiu desencadear um processo disciplinar, com intenção de despedimento, contra um representante dos trabalhadores que, no exercício das suas funções, denunciou várias irregularidades e atentados aos direitos, sobretudo na área de actuação da direcção-geral de Exploração.

«A situação é tanto mais grave quanto foi o próprio presidente do Conselho de Administração da Brisa a solicitar aos membros da Comissão de Trabalhadores, em reunião havida com estes, que lhe colocassem por escrito os problemas e irregularidades de que tivessem conhecimento», salienta o Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços do Norte, num comunicado em que classifica o processo disciplinar como «mais uma tentativa de enfraquecimento da organização dos trabalhadores, visando retirar-lhes

direitos e reduzir os postos de trabalho».

No documento que distribuiu à imprensa, o CESNorte/CGTP-IN manifesta «profunda preocupação» face a «um alarmante recrudescimento da repressão sobre os trabalhadores e a uma escalada de procedimentos disciplinares a membros das ORTs e dirigentes sindicais, com particular destaque a partir da privatização da empresa». «Nesta investida tem-se salientado a direcção-geral de Exploração», diz o sindicato.

Foi desta direcção-geral que partiu a decisão de instaurar o processo contra António Vieira, membro da CT da Brisa e dirigente do CESNorte, que escreveu ao presidente da empresa sobre problemas de que tinha conhecimento.

A redução dos postos de trabalho é «uma intenção publicamente expressa pela Brisa»,

acusa o sindicato, que aponta a quebra do emprego como «uma das primeiras prioridades» no processo de privatização da empresa das auto-estradas.

O sindicato solicitou, com carácter de urgência, uma reunião com o principal responsável da Brisa, para debater a situação na empresa e exigir «o respeito pelos interesses e direitos de quem trabalha e o cumprimento integral das leis e do acordo de empresa». Na exigência de justiça e na expressão de solidariedade a António Vieira, o CESNorte contou com a posição pública da União dos Sindicatos do Porto e do Sindicato do Vestuário deste distrito, entre outras estruturas. Entretanto, foram anunciadas reuniões de representantes dos trabalhadores da Brisa de todo o País, para analisar este problema e medidas de resposta.

## Regime escravagista no bingo do Salgueiros

Subsistem graves problemas laborais no bingo do SC Salgueiros, onde impera há quase nove anos «um autêntico regime escravagista», acusa o Sindicato da Hotelaria do Norte, que na segunda-feira enviou uma carta-aberta ao presidente do clube.

Além de José António Linhares, o documento foi enviado à comunicação social, ao Provedor de Justiça, ao ministro do Trabalho e aos secretários de Estado do Trabalho e dos Desportos, ao Inspector Geral do Trabalho, ao governador civil e ao presidente da CM do Porto, ao presidente da Liga dos Clubes, à Federação Portuguesa de Futebol e à Associação de Futebol do Porto.

Aos jornalistas o sindicato recorda que tem feito denúncias às autoridades e tem apoiado acções dos trabalhadores, incluindo greves, para resistir às medidas tomadas desde que, no final de 1990, António Ramalho foi colocado na direcção do bingo. Lembra ainda que, logo nessa altura, os trabalhadores admitidos de novo eram confrontados com a exigência de assinarem cartas em branco, que depois serviam para despedimentos sem quaisquer direitos.

Na carta ao presidente, o SHN começa por referir que José António Linhares não responde aos pedidos de reunião, enquanto os problemas persistem, mesmo depois das intervenções da Inspeção do Trabalho, da Inspeção de Jogos, da Inspeção de Higiene e Saúde e dos tribunais. Entre outros casos, o sindicato afirma que, desde 1996, todos os trabalhadores são contratados a prazo; a direcção do bingo obriga o pessoal a prolongamento horário e quem se recusa é punido com reduções no salário e no prémio; desde 1998 já se verificaram mais de duzentos casos de expulsão de trabalhadores das instalações; apesar de multado pela Inspeção do Trabalho e condenado em tribunal, o bingo continua a não dar tempo a trabalhadores para tomarem uma refeição ligeira (violando o que está previsto na contratação colectiva) e chega ao ponto de, todos os dias, expulsar uma trabalhadora que insiste em usufruir daquele direito; em 1999 deixou trabalhadores sem actualização salarial, enquanto a outros concedeu aumentos de 1,5 ou 3,6 por cento.



## Corno de África em debate

Peritos da Organização da Unidade Africana (OUA) e das Nações Unidas (ONU) estão reunidos em Argel em busca de uma forma de implementar o acordo de princípio para acabar com a guerra entre a Eritreia e a Etiópia, dois dos países mais pobres do mundo. Embora ambos os países tenham aceite o referido acordo bem como as modalidades da sua aplicação, ainda não assinaram um texto formal. Recorda-se que o conflito eclodiu em Maio de 1998 na região ocidental da Etiópia e ocidental da Eritreia, e alastrou a outros pontos ao longo da fronteira de mil quilómetros, formalmente não demarcada depois da independência da Eritreia da Etiópia em 1993 após três décadas de guerra. Ambos os lados afirmam que mataram dezenas de milhares de combatentes do outro lado, ascendendo às centenas de milhares o número de pessoas que terão sido desalojadas pelos confrontos. A Argélia acolhe a reunião na sua qualidade de presidente em exercício da OUA.

## Igrejas recusam legitimidade à guerra

O Conselho Ecuménico das Igrejas (CEI), que agrupa 336 igrejas cristãs no mundo, recusa qualquer legitimidade às guerras civis em África, «que são resquícios da guerra fria», segundo um texto divulgado pelo respectivo comité central que no fim-de-semana analisou a situação que se vive em Angola, Serra Leoa e na região dos Grandes Lagos. Em Angola, afirma o CEI, a UNITA «mal pode fingir que luta pela libertação de Angola». Sobre a Serra Leoa, diz que os chefes do movimento rebelde «não têm nada a fazer num governo de unidade nacional» e deveriam pelo contrário ser «julgados em Haia por crimes contra a humanidade». Quanto à região dos Grandes Lagos, manifesta a preocupação pela «viragem perigosa», com a intervenção de «exércitos privados» e «mercenários», cujo «interesse é antes de tudo tirar proveito das riquezas naturais». O texto denuncia ainda a «proliferação de pacificadores que na maioria não prestam contas a ninguém», dos «especialistas da democracia» que «caem como enxames em África», os «especialistas do desenvolvimento cujas motivações são duvidosas». O CEI considera necessário «encorajar as iniciativas de paz fundamentadas nos valores tradicionais e culturais africanos».

## Armas químicas no Sudão

O Exército Popular de Libertação do Sudão acusou segunda-feira o

## Alemanha

# Manifesto social-democrata contra política de Schröder

Mais de três dezenas de deputados social-democratas e sindicalistas alemães divulgaram um documento que constitui uma profunda denúncia da orientação direitista e neoliberal em que Schröder e Tony Blair mergulharam a social-democracia europeia.

O desprezo de Gerhard Schröder pela vontade do eleitorado e do próprio partido, o SPD, é o tema que neste momento domina a imprensa e os restantes meios de comunicação social na Alemanha. O semanário «Die Woche» anuncia, a toda a largura da página, «O Outono do Chanceler», prevendo o seu declínio. O «Die Zeit», do qual é editor o antigo chanceler Helmut Schmidt, num artigo intitulado «O Chanceler sem ninguém», descreve Schröder como «uma figura do acabar com tudo e da tábua rasa, um *self made man* na terra de ninguém. Conseguiu fazer carreira contra o aparelho do SPD infringindo ostensivamente a disciplina e a lealdade. Não é possível imaginar-se que mostre mais respeito pela República Federal do que o demonstrado pela vaca sagrada do partido».

Neste contexto, sucedem-se os actos de revolta no seio do SPD contra a política do governo, como o documento iniciado por oito deputados social-democratas e neste momento já assinado por 34 membros daquele partido no Bundestag, entre os quais sindicalistas como o presidente do sindicato da construção civil, Wiesenhügel, e que constitui uma profunda denúncia da orientação direitista e neoliberal em que Schröder e Tony Blair mergulharam a social-democracia europeia.

Recordando que ainda não há um ano «a nossa mensagem foi uma mudança de política e não uma simples mudança de governo», os signatários constatarem que «nos círculos eleitorais muitos dos nossos membros e eleitores se interrogam qual o caminho que a social-democracia pretende seguir, porque é que trabalharam tanto para ganhar as eleições, e

receiam agora que não se verifique a mudança de política que esperavam».

Depois de afirmarem que «fica-se com a impressão de que um único telefonema de um empresário tem mais influência junto do governo do que os deputados da maioria governamental eleitos democraticamente», o documento passa à desmontagem da declaração Blair-Schröder, que aparece como o anúncio do «regresso à política de Kohl» e como «uma viragem neoliberal e de capitulação da social-democracia perante a tarefa hercúlea de combater o desemprego».

## Tirar aos trabalhadores para dar ao patronato

«Quando se oferece ao patronato um valor líquido de oito mil milhões e simultaneamente se retiram trinta mil milhões aos reformados, aos desempregados e ao investimento público está-se a continuar a falhada política de distribuição de rendimentos do governo Kohl... Os cortes na habitação social, que são apresentados como sendo necessários, não só destroem postos de trabalho como atingem os desalojados que não cessam de aumentar na Alemanha e que aumentarão ainda mais se o tal «necessário sector de baixos salários» tão louvado por Schröder e Blair continuar a expandir-se - denuncia o documento. O texto prossegue sublinhando que «no «Programa para o Futuro» e nas recentes declarações do ministro da Economia é manifesta a falsa doutrina do neoliberalismo de que a subida dos lucros das empresas se traduz automaticamente num aumento dos postos de trabalho», afir-

Ao votarem no SPD, os alemães esperavam uma mudança de política, não uma simples mudança de governo



mando depois «que o presidente do «New Labour» queira seguir a «via americana» não admira, mas que o mesmo caminho seja reafirmado pelo presidente da social-democracia alemã levanta sérias interrogações».

Segue-se uma pormenorizada análise dos erros do neoliberalismo e da globalização entendida como a «submissão de toda a sociedade e da política aos interesses do patronato», obrigando «todas as pessoas e o Estado a agirem de tal forma que os patrões se sintam bem e obtenham lucros fabulosos».

«Para a «terceira via» - prosseguem os signatários - o Estado

não tem nenhum problema com as receitas mas apenas com as despesas. O sector privado tem de pagar menos impostos. Os serviços públicos têm de organizar-se como empresas. As dívidas públicas têm de ser banidas excepto quando se fazem em favor dos empresários. Esta visão submete toda a sociedade aos interesses da economia, reduz o Estado a um simples auxiliar dos interesses do capital e os cidadãos a uma massa de manobra que existe apenas para satisfazer as exigências do patronato».

O teólogo e deputado do SPD, Edelbert Richter, um dos iniciadores do documento,

afirmava numa entrevista ao «Neus Deutschland» que os chamados «modernistas» não passam de «simples tradicionalistas anglo-saxónicos e neoliberais», e confirmava que o manifesto «conta com o apoio de 73 por cento da população e que não se pode modernizar desrespeitando séculos de cultura». Por sua vez, um outro signatário do documento, Uwe Hixsch, confirmava que apesar da oposição do governo, a maioria dos deputados social-democratas são pela reposição do imposto sobre as grandes fortunas, suprimido pela democracia-cristã de Helmut Kohl.

## EUA desmentem notícia sobre espião na NATO

A Casa Branca desmentiu no fim-de-semana as informações divulgadas pelo jornal escocês Scotsman, segundo as quais um espião infiltrado na NATO transmitiu aos serviços secretos russos informações que permitiram a Belgrado abater um avião F-117A Stealth norte-americano, durante a guerra do Kosovo.

Segundo o jornal, o alegado espião era membro da estrutura de comando da NATO e foi descoberto, encontrando-se já detido.

«Não é verdade», afirmou o porta-voz da Casa Branca, Joe Lockart, citado pela Lusa, acrescentando que não só ninguém foi detido, como «os planos de voo dos aviões furtivos Stealth eram estabelecidos pelo Pentágono, e não eram transmitidos à NATO».

De acordo com Paul Beaver, autor do artigo do Scotsman e

um dos peritos do grupo de imprensa Jane's, especializado em questões de defesa, o espião, não identificado, era membro da estrutura de comando da Aliança Atlântica. Citando «fontes da NATO», Beaver afirma que o espião transmitiu as informações ultra-secretas a Moscovo, que, por sua vez, as fez chegar a Belgrado.

A mesma fonte, não identificada, garante que o espião foi detido pouco depois de ter sido descoberto, e ainda se encontra detido. «Não se trata, afirma o jornal, de alguém que tivesse feito isto por uma razão ideológica mas apenas para ganhar dinheiro».

Tanto os serviços secretos russos (SVR) como a NATO se recusaram a comentar a notícia do jornal escocês.

«Como qualquer outro serviço secreto no mundo, não fazemos comentários sobre quem

trabalha ou não trabalha para nós», declarou em Moscovo um porta-voz dos SVR, Boris Labusov, citado pela agência Interfax.

«A política da NATO é não confirmar nem desmentir as informações que têm a ver com a segurança da instituição», disse por seu turno um porta-voz da aliança em Bruxelas.

O desmentido da Casa Branca revela não só uma aparente descoordenação entre Bruxelas e Washington, como confirma o que sistematicamente foi negado durante os ataques à Jugoslávia, ou seja, que as principais decisões foram tomadas pelos EUA, muitas vezes à revelia dos seus aliados da NATO.

Apesar do desmentido, a notícia, independentemente da sua veracidade, poderá contribuir para acirrar os ânimos dos albanos-kosovares contra as tropas russas estacionadas no Kosovo.

## Festa do UZ

Realizou-se no último fim-de-semana em Dortmund a Festa do UZ (Unsere Zeit), o jornal do Partido Comunista Alemão, DKP. A festa, onde predominava a presença da juventude, foi visitada durante três dias por dezenas de milhares de pessoas.

Cerca de 32 delegações de partidos comunistas e organizações progressistas fizeram-se representar na iniciativa dos comunistas alemães. O PCP esteve presente com um stand, muito concorrido, apresentando uma exposição sobre a situação política em Portugal, a acção do PCP e dos eleitos da CDU. Um «Avante!» em formato reduzido e em alemão foi distribuído aos visitantes.

Entre os numerosos debates ali realizados destacam-se os dedicados à nova estratégia do imperialismo e da NATO, a situação no Curdistão ou ainda a esquerda e a Europa.



## INTERNACIONAL

# Brasil Cem mil em Brasília contra o governo

Mais de cem mil pessoas saíram à rua contra a política do governo brasileiro

«Temos dignidade e vergonha. Viemos gritar para que nos oiçam os que governam o país nas costas do povo» — as palavras são de Vicente Paulo da Silva, presidente da Central Única de Trabalhadores, e expressam o sentir dos mais de cem mil brasileiros que na passada quinta-feira se manifestaram em Brasília contra a política do presidente Fernando Henrique Cardoso.

A manifestação, a maior realizada até agora contra o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), foi convocada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Comunista do Brasil (PC do B), Partido Comunista Brasileiro (PCB) e dezenas de organizações populares, entre as quais a Central Única de Trabalhadores (CUT), principal central sindical brasileira com 8,5 milhões de filiados, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e representantes da Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Vindos de todos os pontos do país, os manifestantes que integraram a «Marcha dos 100 mil» entregaram ao presidente da Câmara dos deputados, Michel Temer, uma carta com as principais reivindicações da oposição, bem como um abaixo-assinado com mais de um milhão de assinaturas exigindo a formação de uma comissão parlamentar de inquérito para apurar as presumíveis ilegalidades ocorridas na privatização da companhia telefónica Telebrás realizada o ano passado e



as possíveis responsabilidades de FHC no processo.

A iniciativa, que culminou dez dias consecutivos de manifestações antigovernamentais iniciadas com o protesto dos camponeses que permaneceram nove dias acampados na Esplanada dos Ministérios em repúdio pela absolvição dos três oficiais responsáveis pela matança do Eldorado do Carajás em que 19 pessoas perderam a vida e outras 69 ficaram feridas, reflecte bem o descontentamento popular face à profunda crise económica, social e política a que chegou o Brasil sob o governo de Henrique Cardoso.

Impedidos pelas barragens policiais de chegar até ao Parlamento — apenas uma delegação foi recebida na Câmara — os manifestantes concentraram-se junto da Catedral de Brasília fazendo ouvir os seus protestos. Após um minuto de silêncio em memória das vítimas de Carajás, os diversos oradores, apoiados pelas palavras de ordem da imensa massa humana, exigiram justiça, alteração radical da política económica do país e a demissão de FHC. As reacções do Governo não se fizeram esperar: a marcha foi qualificada de «golpista»; o ministro da Economia, Pedro Malán, apressou-se a dizer que a manifestação «não ia mudar em nada a política do país». Uma opinião não partilhada por Michel Temer, para quem a manifestação antigover-

amental «é mais um alerta para a necessidade de mudança da política económica».

Luís Inácio Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT), afirmou por seu turno que «se Fernando Henrique Cardoso avaliasse as pesquisas [sondagens] como negação à sua política e tivesse bom senso, quem sabe chegasse à conclusão que sair é melhor».

As últimas sondagens de opinião sobre o governo do presidente Fernando Henrique Cardo-

so indicam uma taxa de rejeição popular superior a 60 por cento.

No Parlamento, onde apoiantes e críticos do executivo quase chegaram a vias de facto, a oposição defendeu a apresentação de uma moção de censura ao Presidente.

Também o governador do estado de Minas Gerais, Itamar Franco, antecessor de Cardoso no Palácio do Planalto, expressou o seu apoio a manifestação, afirmando que ela exprime a «consciência nacional».

## Colômbia Jornada de luta pela soberania

As principais forças políticas e sociais colombianas convocaram para 31 de Agosto uma greve cívica nacional exigindo o respeito pela soberania nacional e contra as ameaças de uma invasão norte-americana. À hora de fecho desta edição desconhecia-se ainda pormenores da iniciativa, mas a tensão que se vive na Colômbia fazia prever um forte protesto popular.

Com mais de 18 milhões de pessoas a viverem em condições de miséria; o aumento atroz dos «desaparecimentos forçados»; uma taxa de desemprego superior a 22 por cento; os pesados encargos resultantes do pagamento da dívida externa que ascende a mais de 13 mil milhões de pesos; o escandaloso orçamento das Forças Armadas, actualmente cerca de 30 por cento do rendimento nacional; os massacres que se sucedem em todo o país levados a cabo por forças militares e paramilitares; e as ameaças cada vez mais presentes de uma intervenção militar dirigida pelos EUA a pretexto da luta contra a droga, a população colombiana tem motivos de sobra para protestar.

Um comunicado divulgado pelo Partido Comunista Colombiano e pela Juventude Comunista Colombiana apelando à participação na jornada nacional

de luta sublinha que é chegada a hora de dizer «Basta!»

Basta de massacres, basta de políticas de fome, basta de entrega do país e da sua soberania, basta de entrega do petróleo e das restantes riquezas nacionais, que o actual governo do presidente Pastrana, a exemplo dos anteriores e não obstante as suas promessas de democratização continua a levar a cabo — dizem os comunistas.

No seu documento, as duas organizações sublinham ainda que chegou a hora de dizer «Basta!» aos «ridículos pretextos» que o governo colombiano vem invocando para «protelar o reinício das conversações de paz com os guerrilheiros das FARC e a abertura do processo» com as restantes organizações da oposição armada.

«Todo o mundo deve perceber claramente — diz o documento — que a brutal investida em curso contra o movimento social, os sindicatos, os intelectuais, as universidades, os defensores dos direitos humanos, o humor e a alegria, faz parte da estratégia governamental e norte-americana, segundo a qual impondo a morte, o terror, o extermínio dos sectores sociais organizados e dos seus dirigentes, amordaçando o pensamento e a ciência e promovendo a ignorância e o obscurantismo, poderá concretizar-se o seu sonho de paz... dos cemitérios e sem opositores».

governo de usar armas químicas e biológicas nos confrontos que tiveram lugar em Lainya e Kaaya, duas cidades em poder dos rebeldes. Segundo um porta-voz do movimento, a 23 de Julho foram lançadas 16 bombas em Lainya e outras seis em Kaaya, perto da fronteira com o Uganda, e logo depois começaram a ser notificados da existência «de crianças, mulheres e homens que começaram a vomitar sangue», de casos generalizados de grávidas «gravemente doentes» ou que abortaram, bem como da morte em massa de todo o tipo de animais. Segundo a Lusa, ainda não foi possível confirmar as informações. A guerra civil no Sudão, iniciada em 1983, provocou já a morte de cerca de 1,9 milhão de pessoas.

## Nigéria investe na África do Sul

Uma delegação nigeriana de alto nível encontra-se na África do Sul para aprofundar a cooperação entre os dois países, que no conjunto são responsáveis por dois terços do Produto Interno Bruto de toda a África sub-saariana. As relações entre a Nigéria e a África do Sul são tão importantes que em breve será criada uma comissão conjunta para implementar novas formas de cooperação bilateral em áreas tão diversas como electrificação, telecomunicações e pesquisa científica. A Nigéria, que é o sexto produtor mundial de petróleo e o maior de África — cerca de 90 por cento das suas reservas em divisas provêm do petróleo — anunciou a semana passada a concessão à África do Sul dos direitos de comercialização de 55 mil barris diários de «crude». A medida insere-se na tentativa governamental de limpar o país da corrupção reinante durante o regime militar, que passa, entre outras coisas, pela renovação de mercados e contratos para a comercialização do petróleo. Contratualmente, compete aos que detêm direitos de comercialização da principal riqueza nigeriana investir em infraestruturas nas comunidades mais carenciadas do país.

## 58 mortos no Burundi

Um ataque dos hutus da Frente para a Defesa da Democracia à capital do Burundi, Bujumbura, provocou no domingo 58 mortos, 38 dos quais entre a população civil, anunciou o ministro da Defesa, Alfred Nkurunziza. As restantes vítimas foram soldados do Exército, de etnia tutsi. Apesar de minoritários, os tutsi dominam o Governo e o Exército do país, que vive mergulhado numa sangrenta guerra civil desde 1993. Segundo as organizações humanitárias, esta guerra de que ninguém fala provocou já a morte de 150 000 pessoas, na sua esmagadora maioria civis.

## Camionistas em greve

Os camionistas brasileiros entraram em greve na segunda-feira, por tempo indeterminado.

O movimento, que ameaça paralisar o transporte de mercadorias no país, pretende pressionar o governo federal a reduzir os preços nas portagens das estradas, suspender os aumentos do gasóleo, isentar os transportadores de alguns impostos sobre a circulação de veículos e transporte de cargas, e o aumento em 65 por cento dos valores dos fretes.

A greve foi anunciada pelo presidente do Sindicato «União Brasileira dos Caminhoneiros», José Natan Neto, segundo o qual a paralisação começou a fazer-se sentir no início da semana em várias regiões do Brasil, designadamente nos estados do Rio Grande do Norte, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

De acordo com José Araújo Silva, presidente da União Nacional dos Caminhoneiros, outra das entidades organizadoras da greve, a paralisação deverá prolongar-se por mais de uma semana.

Os dois sindicatos apelaram aos camionistas para não circularem e para manterem os veículos parados nas respectivas residências ou nos postos de abastecimento, de forma a não haver bloqueio de estradas.

Esta é a segunda paralisação de camionistas em menos de um mês. Em finais de Julho, uma greve idêntica promovida por diversas organizações sindicais paralisou o transporte de mercadorias praticamente todo o país, o que obrigou o governo a encetar negociações com o sector.

## França veta operação bancária

O Comité de Entidades de Crédito e Investimentos (CECEI) anunciou no sábado «não autorizar» o Banco Nacional de Paris (BNP) a manter «uma participação que representa 31,8 por cento dos direitos de voto» da «Société Générale» (SG). O BNP tinha conseguido uma participação de 37,15 por cento do capital (31,8 por cento dos direitos de voto) na Société Générale através de uma oferta hostil de aquisição lançada em Março. As autoridades bancá-

as francesas põem assim termo a seis meses de uma «batalha» bancária, devolvendo à SG a sua independência e frustrando o projecto do BNP de uma fusão a três (juntamente com o «Paribas») para criar o maior banco europeu em activos.

O BNP conseguiu mais de 65 por cento do Paribas, o maior banco francês de negócios, mas obteve apenas 37,15 por cento da Société Générale, o que deixou a última palavra às autoridades bancárias francesas.

O CECEI «constatou» que, segundo os resultados da oferta, o BNP não tem «o poder de controlo efectivo» da SG, pelo que não pode apresentar uma «solução industrial clara e concertada».

A decisão agradou aos funcionários da SG que na sexta-feira em Paris e outras importantes cidades francesas se manifestaram apelando para o veto da tomada de controlo da instituição pelo BNP porque, na sua opinião, teria reflexos negativos sobre o emprego.





## Deputados comunistas prestam contas

Leis da República com origem em projectos de lei

### Lei nº 45/98

Proíbe a Discriminação Salarial dos Jovens na Fixação do Salário Mínimo Nacional

A discriminação e a exploração dos jovens trabalhadores é uma realidade que se manifesta das mais diversas formas. Na prática são fortemente atingidos pela precariedade, pelo desemprego, pela diminuição inaceitável de direitos. Mas a própria legislação proporciona ao patronato esses recursos.

É o que acontece quando a lei estabelecia que os trabalhadores com menos de 18 anos e que os praticantes, aprendizes ou estagiários de profissões qualificadas com menos de 25 anos receberiam menos do que o salário mínimo nacional; isto é, permitia a redução do salário mínimo garantido em 25% a trabalhadores com menos de 18 anos e em 20% para praticantes, aprendizes, estagiários e demais situações que devam ser consideradas de formação prática para profissões qualificadas ou altamente qualificadas tendo menos de 25 anos. A lei exist-

tente punha em causa a função de remuneração mínima garantida que corresponde ao salário mínimo nacional e violava os princípios constitucionais da igualdade e de «a trabalho igual, salário igual».

Tratava-se de uma inaceitável discriminação em função da idade e que penaliza fortemente os jovens portugueses, pelo que se impunha alterar esta situação e garantir o salário mínimo aos jovens trabalhadores, no cumprimento do princípio de a trabalho igual salário igual.

Foi o PCP que ao apresentar o Projecto de Lei que «Proíbe a Discriminação Salarial dos Jovens na Fixação do Salário Mínimo Nacional» que propôs-se a revogação de tais normas. Assim, com a Lei nº 45/98 de 6 de Agosto foram retiradas da legislação todas as discriminações em função da idade, garantindo-se a igualdade de acesso ao Salário Mínimo.

### Lei nº (aguarda publicação)

Garante o direito de licença especial na situação de gravidez de risco

O Projecto de Lei do PCP que Garante o direito de licença especial na situação de gravidez de risco constitui hoje matéria da Lei nº 4/84, relativa à protecção da maternidade e da paternidade.

Em 8 de Março de 1999, o Sindicato dos Professores da Região Centro denunciava a discriminação que o Partido Socialista, neste caso o Ministério da Educação, repetidamente fazia, ignorando a maternidade como valor social eminente (tal como o consagra o artigo 1.º da Lei nº 4/84) e não garantindo o direito a condições especiais de segurança e saúde no local de trabalho, como determina o artigo 16.º da mesma lei.

Não cumprindo o quadro legal vigente, o Ministério da Educação passou a denominar, até à aprovação da iniciativa do PCP, «a gravidez de risco» como uma situação normal de doença.

Partindo desta interpretação, determinou, através de uma simples circular, subtitulada de orientação normativa - de 19 de Maio de 1997, que só poderiam beneficiar dos direitos previstas na lei as professoras cujas repercussões sobre a gravidez decorressem ou se encontrassem associadas «à actividade desenvolvida em virtude da exposição a agentes e processos ou condições de trabalho».

Com esta intencional leitura o Governo pre-

tendia «poupar dinheiro», reduzindo praticamente a zero o universo de professoras que poderiam ser abrangidas pela lei.

Consideradas docentes doentes e não docentes grávidas, ficavam sujeitas à perda do vencimento de exercício, que significa o desconto de 1/6 do vencimento durante os primeiros 30 dias, ficavam sujeitas à perda de tempo de serviço para efeitos de progressão na carreira e de concurso e a integração nos quadros ou na mudança de escola.

Esta situação determinou a apresentação da iniciativa do PCP que repara esta gritante injustiça de que têm sido alvo muitas mulheres portuguesas.

O diploma aprovado na Assembleia da República em 24 de Junho de 1999, aplica-se a todas as trabalhadoras grávidas, abrangidas pela regulamentação da Lei nº 4/84, com as alterações que, posteriormente, lhe foram introduzidas.

O diploma garante o direito a licença especial pelo tempo necessário a prevenir o risco, caso não seja possível garantir o exercício de funções e ou local compatíveis com o seu estado de gravidez.

O diploma determina que a licença especial na gravidez de risco conta para todos os efeitos como prestação efectiva de serviço.

### Resolução PJR 99/VII

Baixa das tarifas da electricidade

A Assembleia da República aprovou uma resolução, com o voto contra do PS, recomendando ao Governo, que, pelos meios adequados, intervenha no sentido da concretização de uma baixa em termos nominais das tarifas da electricidade, no valor de 15%, designadamente para os consumidores domésticos.

A proposta do PCP que a Assembleia acolheu, justifica-se por razões óbvias.

A EDP vem apresentando resultados anuais de exercício muitíssimo altos. Depois de pago o IRC, foram de 30,5 milhões de contos, 66,3 milhões, 81,1 milhões e cerca de 90 milhões, respectivamente nos anos de 1994 a 1997. Só no primeiro semestre de 1998, a EDP apresentou resultados líquidos no valor de 62,4 mi-

lhões de contos, com um aumento de 44,5% em relação ao semestre correspondente do ano anterior.

Em boa verdade aqueles altos lucros são pagos pelos consumidores, nas suas facturas de electricidade, já que os custos de produção da EDP têm baixado.

Acontece que situações semelhantes noutros países, levaram à baixa das tarifas da electricidade, de que são exemplo a Espanha e a França.

A Assembleia entendeu que uma descida em Portugal das tarifas no valor de 15% era não só justa como ainda deixaria a EDP com uma altíssima capacidade de autofinanciamento e com lucros na ordem das dezenas de milhões de contos.

## Caminhos de Ferro em Coimbra Promessas, muitas obra, nenhuma

O cabeça de lista da CDU por Coimbra acusou o Governo do PS de, em matéria de transporte ferroviário no distrito, nada ter feito. «No que respeita ao Caminho de Ferro, a acção do Governo foi zero e, por causa disso, Coimbra ficou a perder, pois ficou a ver «passar comboios»», afirmou Mário Nogueira, na passada semana, no decurso de uma jornada pelo distrito inteiramente dedicada à questão das acessibilidades.

Enumeradas pelo primeiro candidato da CDU foram, concretamente, as promessas feitas há quatro anos pelo PS que levariam a supor que, hoje, estaria «erradicada a Estação Nova e os armazéns que lhe são contíguos», «reabilitada a Estação Velha», iniciada a construção do Metro de Superfície, «melhorado e modernizado o ramal Pampilhosa-Figueira da Foz», «construídas passagens desniveladas ao longo da Linha do Norte».

Tudo, porém, não passou de palavras, como constata a CDU, que lançou o desafio ao PS e ao PSD para que expliquem as razões pelas quais deixaram por cumprir os compromissos assumidos nesta área.

Defendido pela CDU foi, entretanto, um conjunto de medidas no âmbito dos transportes ferroviários que, em

também a criação do nó rodoviário de Coimbra, a localizar entre Souselas e Botão e, bem assim, a construção do Metro Ligeiro de Superfície. A concretização de um conjunto de importante de outras iniciativas, designadamente a valorização do Ramal Pampilhosa-Figueira da Foz, a valorização da



CDU defende que Estação Velha vire Central Intermodal de Coimbra

sua opinião, podem ser concretizadas no decurso da próxima legislatura, isto é, até 2003. Estão neste caso a erradicação da Estação Nova e dos armazéns que lhe estão associados, bem como a transformação da Estação Velha na Central Intermodal de Coimbra. Preconizada pela CDU é

Linhas do Oeste, a melhoria da ligação entre Coimbra e a Figueira da Foz, via Alfarelos, a construção de passagens desniveladas ao longo da Linha do Norte, constam ainda do pacote de medidas proposto pela CDU para executar durante a próxima Legislatura.

## CNA contra absolvição de responsáveis por massacre «Uma vergonha para o Brasil»

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) expressou a sua indignação e protesto pela absolvição dos principais acusados pelo massacre «Sem Terra», no dia 17 de Abril de 1996, no Brasil. Em carta dirigida a Fernando Henrique Cardoso, presidente da República brasileira, a direcção nacional da CNA sublinha que este desfecho do julgamento à chacina em Eldorado dos Carajás, ao representar uma «absolvição de crimes de violência e morte perpetrados sobre populações indefesas e extremamente carenciadas», constitui não apenas «uma vergonha para o Brasil», como é «ofensivo para a Justiça e para a própria Humanidade».

Uma absolvição tanto mais inadmissível, como frisa a CNA na sua missiva ao presidente do Brasil, quanto é certo que «os polícias sempre actuam a mando de alguém superior que, em última instância, será o Governo do país».

Importa, pois, no entender da organização representativa da pequena agricultura nacio-

nal e do mundo rural, que o Tribunal «retome o processo» para que «Justiça seja feita e, finalmente, o governo brasileiro e demais órgãos de soberania ponham fim à repressão sobre os agricultores e agricultoras no geral e dos «Sem Terra» em particular». Para

que o «direito à vida, à terra, ao pão e à Justiça» seja a todos assegurado e que a «impunidade dos mandantes e outros responsáveis por estes crimes» não venha a constituir-se em novos estímulos «à continuação da repressão e dos massacres».

## Em Santiago do Cacém XI Congresso Sobre o Alentejo

Santiago do Cacém vai receber nos dias 17, 18 e 19 de Setembro o XI Congresso Sobre o Alentejo. Sob o lema «Descentralizar, Investir e Desenvolver» o evento contará com a presença de cerca de 500 congressistas que centrarão as suas atenções em problemáticas tão diversas como sejam a Educação, Informação e Comunicação Social, o Ambiente e a Agricultura, o Investimento e as Opções Estratégicas, a Saúde e a Acção Social.

No centro do debate, tratando-se de uma tão vasta área do território para a qual têm faltado adequadas políticas da administração central, vai de novo estar a busca de soluções para os problemas da região, em ordem a potenciar os seus recursos e promover o desejado desenvolvimento.





Hevia

# da festa!

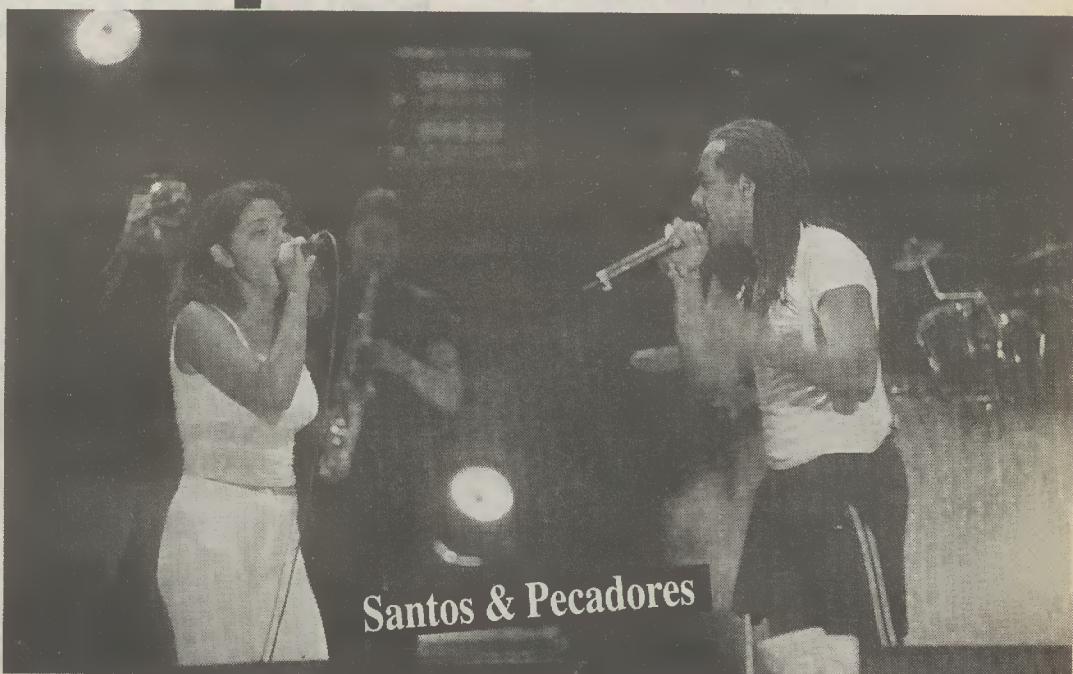
AMORA-SEIXAL

3, 4 e 5 SETEMBRO

# Os espectáculos



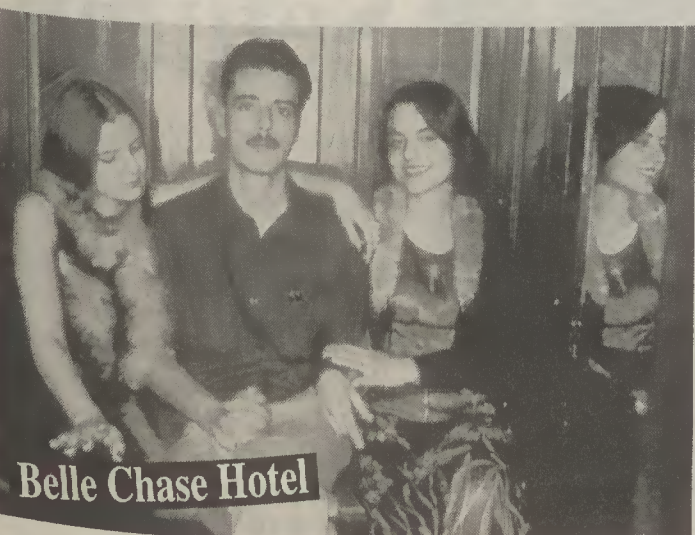
Xutos & Pontapés + Corvos



Santos & Pecadores



Ala dos Namorados



Belle Chase Hotel

# e ainda...

Quinteto Carlos Martins, Camané, João Afonso, Quadrilha, Ciganos d'Ouro, Ramp, Blind Zero, Dany Silva, Alcoolémia, Orquestra de Jazz de Matosinhos, Orquestra Filarmonia das Beiras, Jon Fromer

# ... e muitos mais!



LINHA DA FRENTE  
WWW.AVANTE.PT



## Castelo Branco e Guarda em força na Festa

As organizações de Castelo Branco e da Guarda estão de novo reunidas num espaço comum, desta vez situado junto ao palco 25 de Abril, ao lado dos pavilhões do Algarve e da Juventude. O desenvolvimento regional, os atrasos e promessas não cumpridas do Governo, e as propostas que os comunistas apresentam às próximas eleições legislativas de 10 de Outubro constituem o essencial da exposição política que estará patente ao público. Para além da taberna regional, onde se pode comer uma refeição completa por mil escudos, funcionam ainda uma cervejaria, com petiscos vários, uma garrafeira, com vinhos de todas as adegas cooperativas dos dois distritos, uma venda de produtos regionais, com os famosos queijos, enchidos e presuntos, e uma venda de artesanato de vários concelhos.

## Excursão de Cascais para a Atalaia

A Concelhia de Cascais promove no sábado e domingo uma excursão para a Atalaia que parte de do Alto de Tires às 8.15 horas e passa pelas seguintes localidades: Manique Alcoitão, Alcabideche, Cascais, S. João, Parede, Rana, Tires, S. Domingos, Rebelva e Sassoeiros. Um segundo autocarro parte nos mesmos dias às 9 horas com paragem numa única paragem em Sassoeiros. O regresso de ambas as excursões efectua-se no dia 4 à 1 hora e no dia 5 às 23 horas. O preço ida e volta é de 1000 escudos, podendo ser feitas as inscrições durante o dia de hoje, quinta-feira, nos Centros de Trabalho de São Domingos de Rana, Alcabideche, Cascais e Parede, ou pelos telefones: 4442253; 4692145; 4866991; e 4561122, respectivamente.

## Malha apura finalistas

O torneio de Malha Grande realizado na Aldeia do Meco, com organização do grupo desportivo K.M. contou com a participação de uma dezena de equipas e um total de 120 jogadores e 20 dirigentes. Os jogos foram acompanhados por uma assistência numerosa terminando com o apuramento das seguintes seis equipas que disputarão a final este fim-de-semana na Festa do «Avante!»: Meco (Sesimbra); Forninho (Palmela); Caixas (Sesimbra); Aljeeruns (Palmela); Pontes (Setúbal); Amigos (Setúbal). Desta vez ficaram eliminadas as equipas Gâmbia (Setúbal); 5 de Outubro (Montijo); Anunciada (Setúbal); Coina (Barreiro).

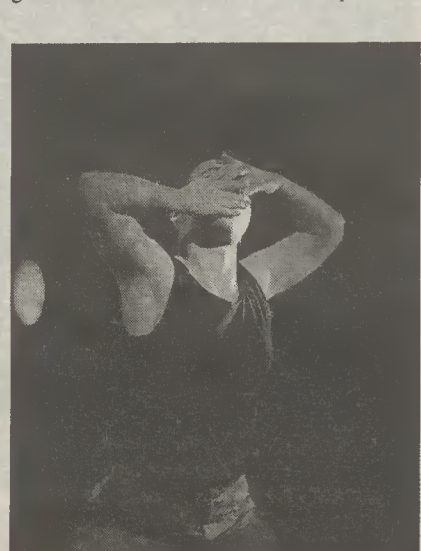
## Tudo sobre a Festa na Internet

Todas as informações sobre os artistas e os espectáculos, exposições, gastronomia, transportes e variados outros aspectos sobre a Festa do «Avante!» estão disponíveis através da Internet na página do PCP com o endereço Web: <http://www.pcp.pt> Recordamos ainda que já está à venda a Revista-programa que é um precioso guia do visitante que inclui os horários de todos os espectáculos e iniciais, um roteiro gastronómico, e diversas outras informações úteis.

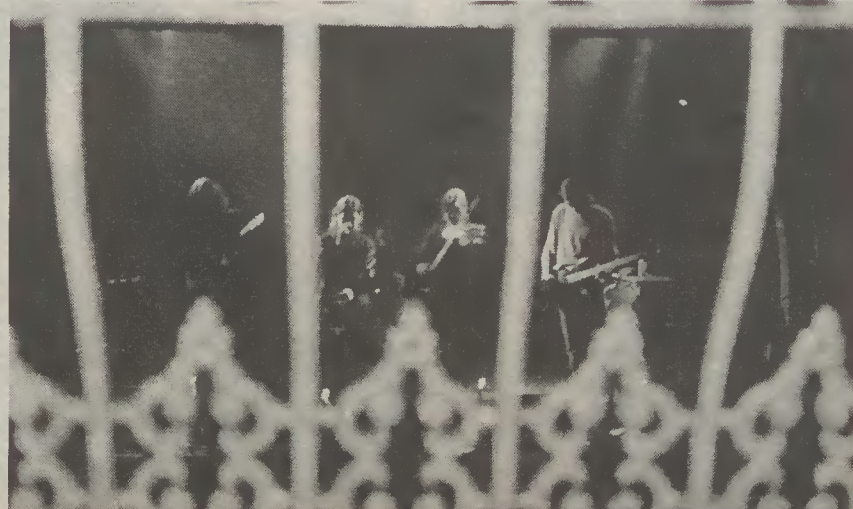
### A FESTA

# Café-Concerto de Lisboa

O espectáculo, o convívio, o debate político e cultural, ao lado de um bem fornecido bar são as propostas deste ano do Café-Concerto que tem como tema central o 25.º aniversário do 25 de Abril, efeméride em torno da qual assenta igualmente toda a decoração deste espaço, concebida pelo pintor Juan Soutullo.



Ninho de Víboras

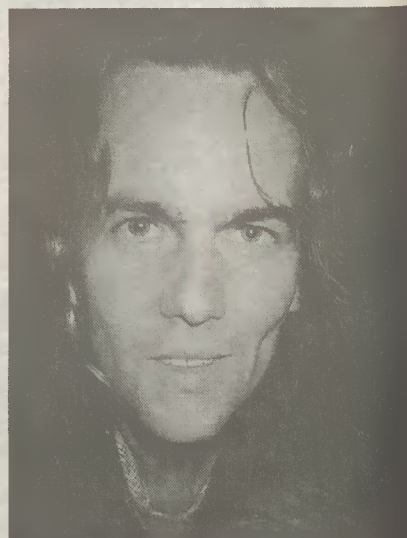


Mourning Noon, música coreografada

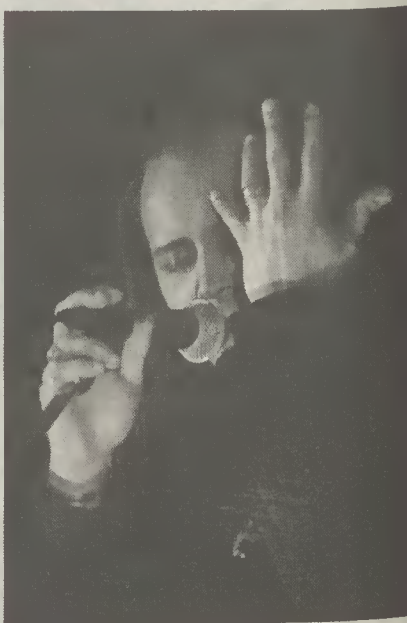
## Palco Arraial

Este é o ponto de encontro de dezenas de ranchos folclóricos de vários pontos do País, de corais e de grupos de cantares alentejanos. A tradição apresenta-se aqui a um público numeroso que aproveita para dar um pezinho de dança e cantar um refrão. As noites acabam sempre com um baile público. No Arraial vão estar estes anos: Grupo Coral Operário Alentejano do Centro Cultural e Desportivo das Paivas; Grupo Coral Típico Alentejano da Associação de Reformados do Barreiro; Grupo de Gaitas de Foles da Associação Manuel da Fonseca; Grupo Laços de Ternura; Rancho Regional da Vila de S. Miguel do Souto (Aveiro); Rancho Infantil Estrelinhas da Ponte do Areal (Coimbra); Grupo de Folclore Vila Medieval de St.º Estevão (Chaves); Rancho Folclórico do Chafé (Viana do Castelo); Rancho Folclórico de Boidobra (Covilhã); Conjunto Agrídoce; Banda da Sociedade de Instrução Coruchense; Rancho Folclórico de Cabrela; Grupos e Cantares Alentejanos; Rancho Folclórico S. João (Mealhada); Grupo Coral Trabalhadores dos Serviços Sociais da C.M. do Seixal; Rancho Típico dos Avieiros de Vila Franca de Xira.

apresenta o disco «Estréia»; os «Presságio»; terminando a noite com os «Deeflex»; banda vencedora do 5.º Festival de Música Moderna de Loures 99. Sábado é dia para a apresentação do Caderno Vermelho n.º 7, em que participam Manuel Gusmão, Paulo Rato e Fernanda Lapa. Segue-se um debate denominado «Conversas com a Música» e mais para a noite é tempo de poesia declamada por António Boieiro. Destaca-se ainda na programação a música dos «Face D'Alma»; «Trupe Barlaventina»; e «Mourning-Noon», bem como a dança com o «Ninho de Víboras», que apresenta o espectáculo «Per Ti», com coreografia de Cláudia Dias. Para encerrar em grande, no Café Concerto actuará o cantor norte-americano Jon Fromer. Na tarde de domingo, realiza-se um debate sobre ambiente e desenvolvimento sustentável e o espectáculo regressa ao palco com a peça «O Poder do Acaso» representado pelo «Ninho de Víboras». A programação deste ano culmina com cantigas de Adriano Correia de Oliveira e Zeca Afonso na voz de Paulo Saraiva, que é acompanhado por Carlos Jesus (guitarra), Paulo LARGUESAS (viola), João Penedo (contrabaixo), José Manuel David (flauta), Rui Curto (acordeão). A não perder.



Vincent Noack



Presságio

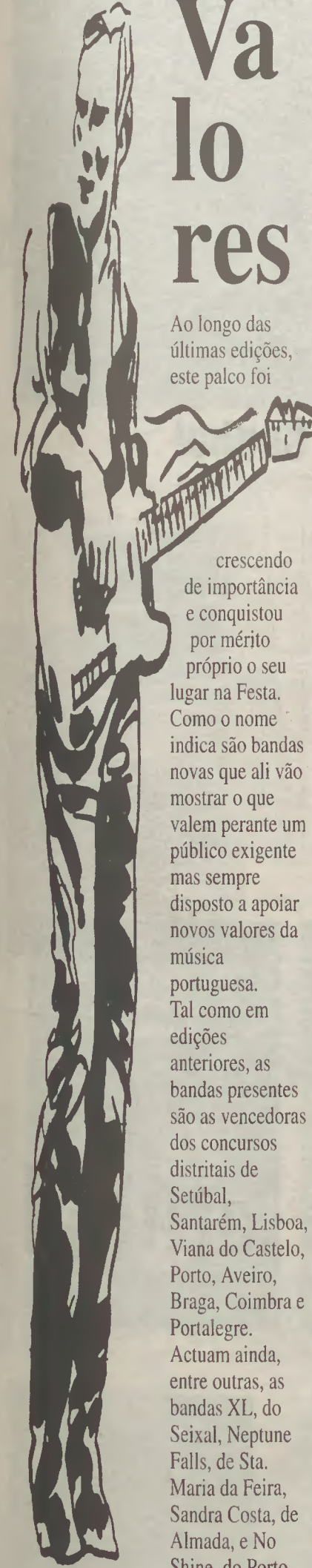
## Palco Setúbal

Este palco há muito que dedica a sua programação à música popular portuguesa de diferente géneros e estilos. Durante os três dias, estão anunciados Jorge Lomba; a Orquestra Ligeira da Cruz de Pau; o grupo «Erva de Cheiro»; o Lado B; Arco Iris; Lena e Albano; 1000 Agres; Os Amigos; Banza; Sandra Costa e Toni da Costa e convidados. No sábado à noite, o baile está garantido com o conjunto «Água Viva».



### A FESTA

## Novos Valores



Ao longo das últimas edições, este palco foi

crescendo de importância e conquistou por mérito próprio o seu lugar na Festa. Como o nome indica são bandas novas que ali vão mostrar o que valem perante um público exigente mas sempre disposto a apoiar novos valores da música portuguesa. Tal como em edições anteriores, as bandas presentes são as vencedoras dos concursos distritais de Setúbal, Santarém, Lisboa, Viana do Castelo, Porto, Aveiro, Braga, Coimbra e Portalegre. Actuam ainda, entre outras, as bandas XL, do Seixal, Neptune Falls, de Sta. Maria da Feira, Sandra Costa, de Almada, e No Shine, do Porto.

# Avanteatro

O Avanteatro surge este ano como o espaço das artes do espectáculo. Neste espaço haverá uma exposição, teatro, marionetas, música, dança e poesia. O programa conta com espectáculos da Companhia de Teatro de Almada, dos Finalistas Escola de Teatro de Cascais, do Teatro Extremo, do Teatro Garcia Marquez e as Marionetas Chão de Oliva. «Guitarra Portuguesa &... Carlos Paredes» é a proposta musical de Luísa Amaro e, a encerrar a noite domingo, actuam Fernanda Lapa, Marta Lapa e a Companhia Bengala.

## Crónica Feminina de Jorge Listopad

A Companhia de Teatro de Almada leva à Festa a peça «Crónica Feminina» de Jorge Listopad, recentemente estreada no Festival de Teatro de Almada. Sobre a peça, que tem encenação de Joaquim Benite e Teresa Gafeira e é interpretada por Maria Frade, Jorge Listopad afirma: «Nesta Crónica Feminina (que já foi nome de revista com tiragem vertiginosa), em vez da heroína Laura, poderia aparecer um Lauro. Nada há de exclusivamente feminino no texto que não pudesse ter equiparação masculina. Por isso, a peça não pode ser nem machista, nem feminista, nem de valor piedoso, nem hipócrita, nem algo entre o Bem benfeitor e as inteligências do Mal. Enfim, como diria Laura, nem isto nem aquilo.» O dramaturgo revela ainda que pensou em várias actrizes para «representarem a tagarela existencial. Coube-me, em sorte, a Maria Frade. Adoro-a desde que trabalhamos juntos no Soldado Chweyk. É mulher e actriz».



Maria Frade interpreta a Crónica Feminina

## Exposição sobre António Assunção Uma vida no Teatro

António Assunção foi um dos mais talentosos actores portugueses, subitamente falecido em Agosto do ano passado. Na memória do grande público terão ficado os papéis que desempenhou em séries televisivas, mas foi no teatro que António Assunção mais se destacou, construindo ao longo dos anos uma carreira notável. Estreou-se no Teatro Experimental do Porto e, já em França, integra o Teatro Português de Paris, onde entre 1967 e 1971 representa a *Excepção e a Regra*, de Bertolt Brecht, *Oh, Que La guerre est jolie!*, *Felizmente há luar de Stau Monteiro* e *O Grande Fantoche Lusitano*. Voltando para Portugal em 1975, integra-se no Teatro de Animação de Setúbal. Ali representa a *Maratona*, *Tartufo*, de Molière, o *Destino Morreu de Repente*, de Alves Redol. A partir de 1977 junta-se ao Grupo de Campolide, mais tarde Companhia de Teatro de Almada, onde se manteve durante mais de vinte anos. Desempenha, entre muitos outros, papéis em *1383* e *Filopópolis*, de Virgílio Martinho, *O Santo Inquirido* de Dias Gomes, *A Noite e Que Farei Com Este Livro* de José Saramago, e a *Vida do Grande D. Quixote* e do *Gordo Sancho Pança*, de José António da Silva. No Avanteatro vai estar presente uma exposição sobre a vida de António Assunção, uma pequena homenagem a este grande actor e homem do Teatro.



O Avanteatro homenageia a memória do actor António Assunção (em primeiro plano na foto com o cenógrafo Mário Alberto)

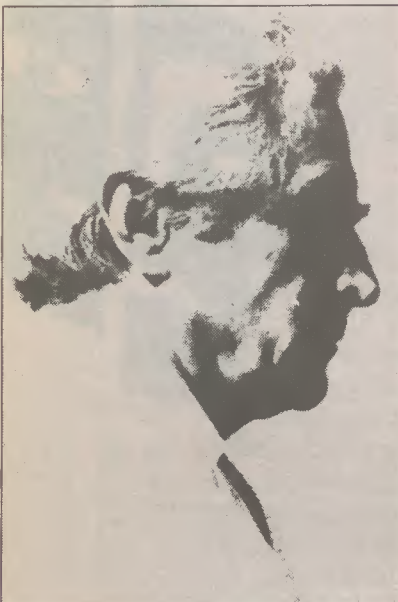
## Presenças internacionais

No espaço Internacional as propostas dos convidados estrangeiros, dos sabores da gastronomia dos respectivos países, do seu artesanato, tradições e culturas combinam-se com o conhecimento e debate de diferentes realidades, dos problemas e aspirações. Tudo isto em torno de uma mesma vontade de paz, progresso, justiça, solidariedade e cooperação. Na Festa vão estar as seguintes delegações, muitas das quais com os respectivos stands, bares e restaurantes: Partido do Socialismo Democrático da Alemanha, Partido Comunista Alemão, MPLA (Angola), Partido Comunista da Bolívia, Partido dos Trabalhadores do Brasil, PAICV (Cabo Verde), Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, Partido do Trabalho da Coreia, Partido Comunista de Cuba, Partido Comunista da China e Frente de Libertação Nacional do Curdistão. Estão também presentes na Festa o Partido Comunista de Espanha,

o Partido dos Comunistas da Catalunha, o Bloco Nacionalista Galego, o Partido Comunista Britânico, o Partido Comunista da Grécia, o Partido Comunista Iraquiano, o Partido da Refundação Comunista de Itália, o Partido Comunista Libanês, a Frelimo (Moçambique), a Organização de Libertação da Palestina, o Partido Comunista Peruano e a Frente Polisário do Sahara Ocidental e a FRETILIN (Timor Leste). De sublinhar ainda a presença do Partido Comunista da Bélgica, do Partido Comunista do Brasil, do AKEL (Chipre), da Esquerda Unida de Espanha, do Partido Comunista Japonês, do Partido da Vanguarda Democrática Socialista de Marrocos, do Partido do Povo Palestino e do Partido Comunista do Sudão. Poderá ainda visitar o Espaço da Paz e da Solidariedade, o espaço da Associação de Amizade Portugal-Cuba e da Associação Iuri Gagarine, bem como o Bar da Solidariedade.



# Festa do Livro



Na acção política, a verdade constitui um valor identificador de uns e a mentira uma prática viciosa e sistemática de outros. Dos partidos e fora dos partidos.

Revelaram-se, na Revolução de Abril e na contra-revolução, como elementos característicos da identidade de cada partido e das suas diferenças. Também dos vários sectores militares.

A novidade, sobretudo a partir do 20.º aniversário do 25 de Abril, é que, destruídas muitas das principais conquistas da Revolução e em vias de institucionalização os objectivos estratégicos contra-revolucionários já alcançados pela prática de sucessivos governos, as forças da contra-revolução e seus protagonistas *abriram-se em confissões*.

Confissões individuais, abundantes e prolixas, soltas, incompletas, parciais e dispersas. Esclarecedoras também, seja cada uma por si, seja quando, cerzidas as mil e uma peças do puzzle, se completam umas às outras.

Valiosas para a história da Revolução de Abril e da contra-revolução. Valiosas para que se conheçam e reconheçam verdades sempre afirmadas pelo PCP, então desmentidas pelas mentiras da contra-revolução.

Daí a ideia deste ensaio: *A verdade e a mentira na Revolução de Abril (A contra-revolução confessa-se)*.

Álvaro Cunhal

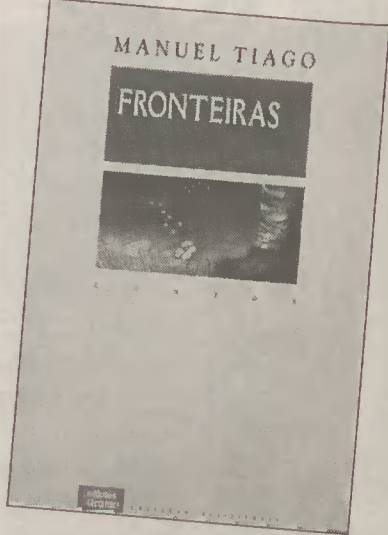
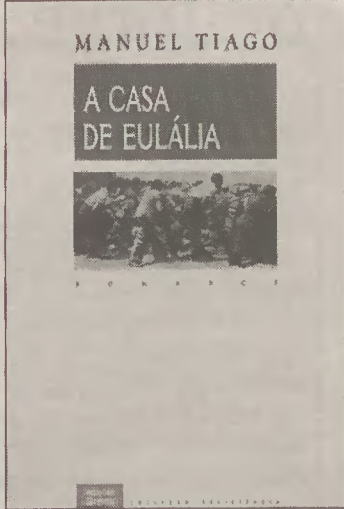
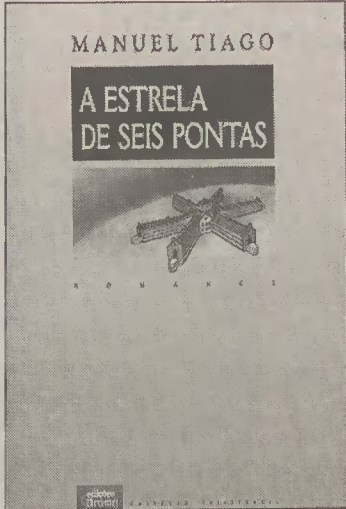
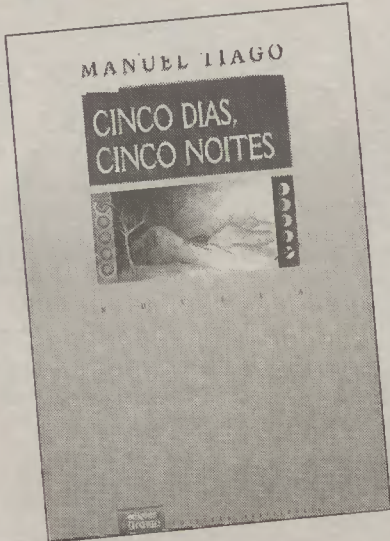
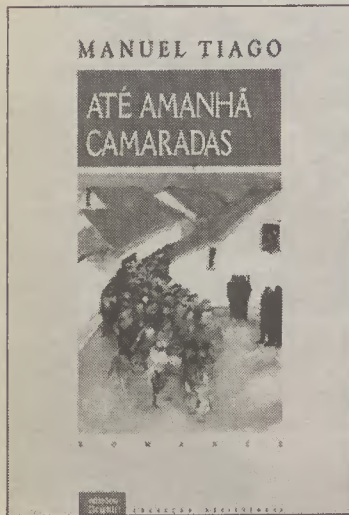
A Verdade e a Mentira na Revolução de Abril

(A contra-revolução confessa-se)

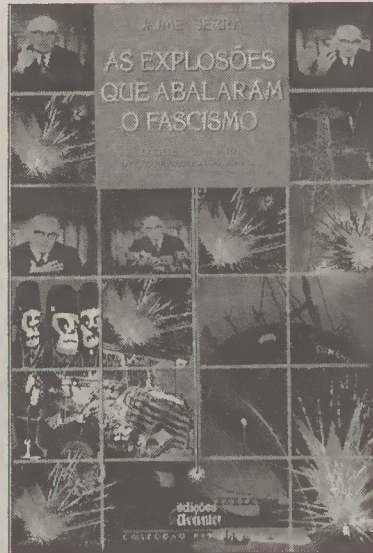
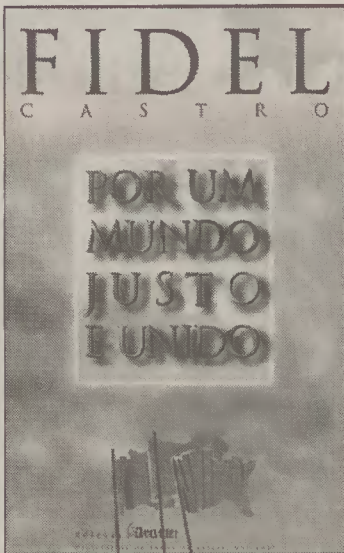
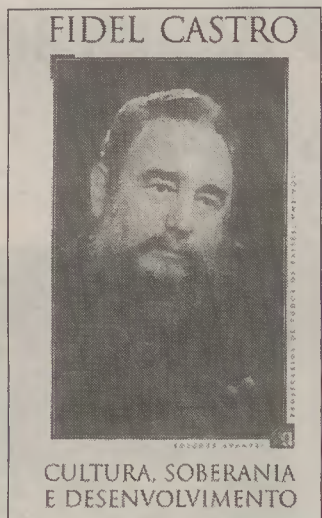
**Novidade**

edições Avante!

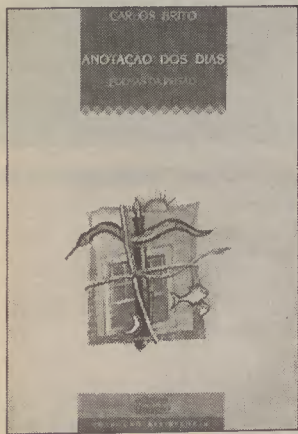
## Obras de Manuel Tiago, pseudónimo de Álvaro Cunhal



### Novidades



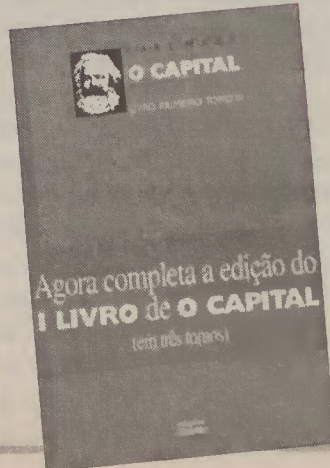
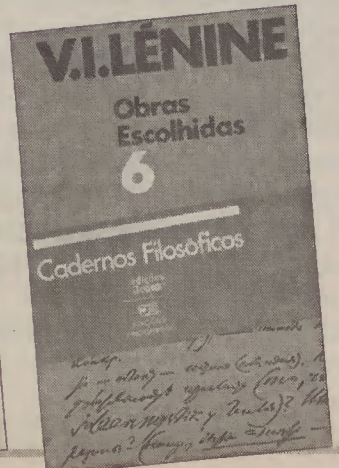
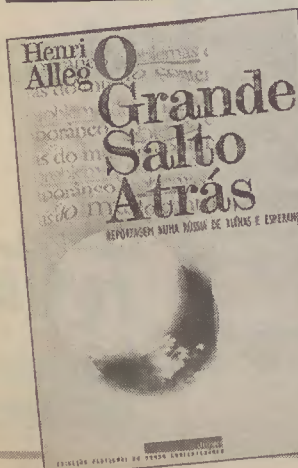
### Colecção Resistência



Álvaro Cunhal  
desenhos da prisão



de novo à venda



JOSÉ CARLOS ARY DOS SANTOS  
OBRA POÉTICA

JOSÉ CARLOS ARY DOS SANTOS  
**ARY**  
DOS SANTOS  
AS PALAVRAS  
5.ª EDIÇÃO  
**13 000**  
EXEMPLARES

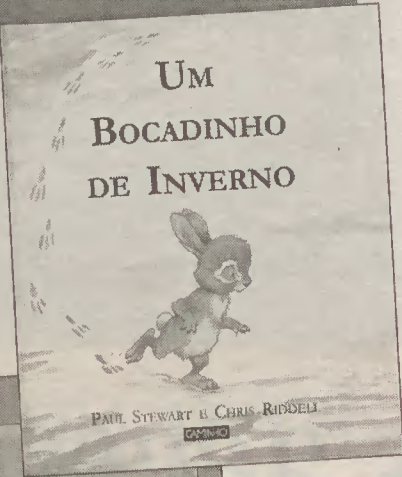
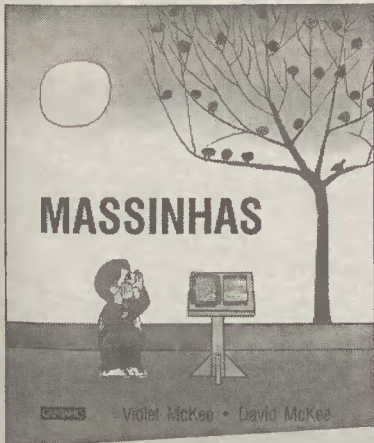


**Festa**  
1999  
**Levante!**  
3,4 e 5 Setembro  
Atalaia • Amora • Seixal

# Festa do Livro

Para os mais novos... os mais belos livros

## Novidades



### Outros títulos desta colecção

N.ºs 26 a 39

- \* Uma Aventura no Palácio da Pena
- \* Uma Aventura no Inverno
- \* Uma Aventura em França
- \* Uma Aventura Fantástica
- \* Uma Aventura no Verão
- \* Uma Aventura nos Açores
- \* Uma Aventura na Serra da Estrela
- \* Uma Aventura na Praia
- \* Uma Aventura Perigosa
- \* Uma Aventura em Macau
- \* Uma Aventura na Biblioteca
- \* Uma Aventura em Espanha
- \* Uma Aventura na Casa Assombrada
- \* Uma Aventura na Televisão

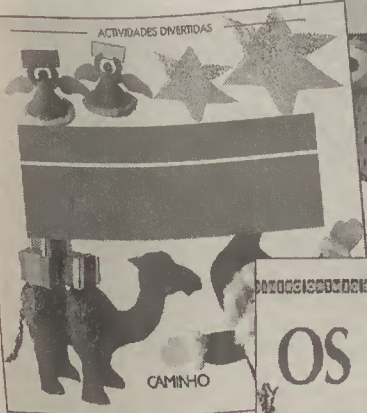
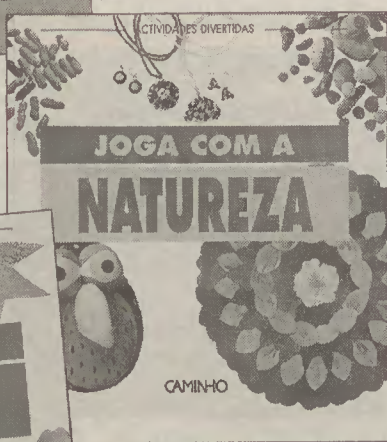
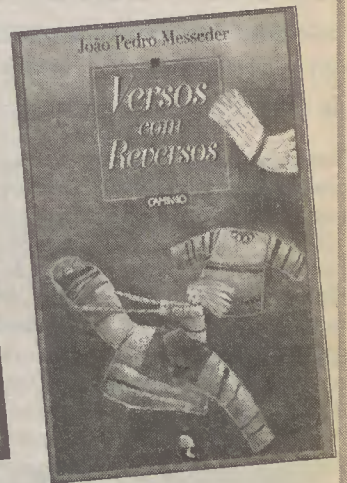
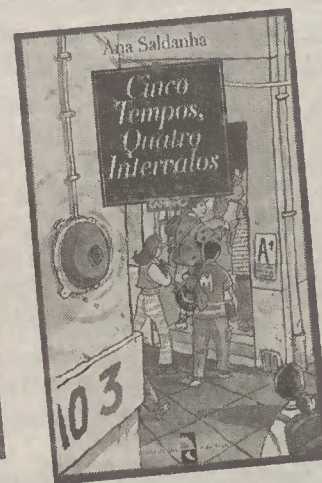
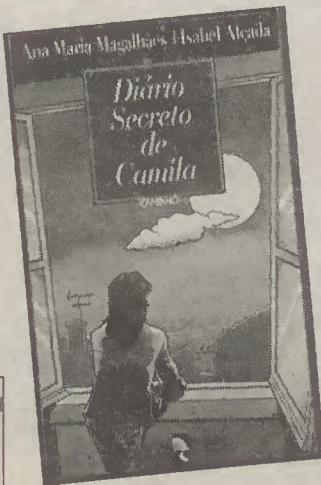
### Outros títulos desta colecção

N.ºs 1 a 13

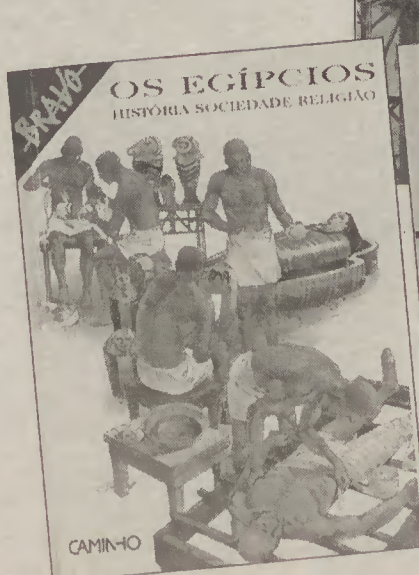
- \* Uma Viagem ao Tempo dos Castelos
- \* Uma Visita à Corte do Rei D. Dinis
- \* O Ano da Peste Negra
- \* Uma Ilha de Sonho
- \* A Terra Será Redonda?
- \* Um Cheirinho de Canela
- \* O Dia do Terramoto
- \* Mistérios da Flandres
- \* O Sabor da Liberdade
- \* Brasil! Brasil!
- \* Um Trono Para Dois Irmãos
- \* Mataram o Rei!
- \* Tufão nos Mares da China
- \* Uma Aventura na Televisão

## Novas colecções

### Livros do Dia e da Noite



### Colecção Bravo



### Colecção Mil Descobertas



# Bons livros a preços excepcionais!

350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

SALDOS de FINS de EDIÇÃO  
desconto mínimo de 50%



**Festa**  
1999  
**Avante!**  
3, 4 e 5 Setembro  
Atalaia \* Amora \* Seixal

# A abertura e o comício



**A** abertura da Festa ao público é assinalada na sexta-feira pelas 19 horas, na Praça da Paz. É um momento de particular emoção para todos os camaradas e amigos que participaram na construção deste grande acontecimento, aos quais se juntam as primeiras centenas de visitantes. Depois dos primeiros foguetes e da actuação da Banda de Grândola, será dada a palavra Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, que fará uma breve intervenção. O programa político da Festa culmina no domingo, pelas 18 horas, com a realização do grandioso comício em que intervêm José Casanova, director do «Avante!», Margarida Botelho, membro da Direcção Nacional da JCP e Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP. O comício marca a *rentrée* política dos comunistas e o arranque da pré-campanha eleitoral para as eleições legislativas de 10 de Outubro. De vários pavilhões partirão desfiles com panos e palavras de ordem reflectindo os problemas mais sentidos pelos trabalhadores e populações das diferentes regiões do país. Os locais de concentração são os seguintes: Setúbal, Lisboa, JCP, Alentejo e Rampa da Medideira. Anunciando o comício, os Tóca Rufar percorrerão as ruas e principais avenidas até ao Palco 25 de Abril, onde confluem ainda vários grupos de animação de rua.

# Mais transportes e mais acessos

**O** comboio é este ano mais um meio de transporte a ter em conta para os milhares de visitantes que se deslocam até à Quinta da Atalaia. Os horários foram reforçados com mais três viagens especiais e vai funcionar durante todo o fim-de-semana um vaivém rodoviário gratuito entre a Estação Foros da Amora e a Quinta da Atalaia.

Recordamos que, na sexta-feira, as composições circulam até às 19.30 horas, com intervalos entre 5 e 10 minutos; e até às 2.30 da madrugada, de 30 em 30 minutos. No sábado, até às 19.30 horas, circulam de 15 em 15 minutos e até às 2.30 horas, de 30 em 30 minutos. Domingo, até às 19.30 horas, os intervalos entre comboios são de 15 minutos, e até às 0.55 horas de 30 em 30 minutos. Os bilhetes custam 380\$00; pré-comprado 340\$00; criança 190\$00. Os transportes fluviais são outra possibilidade, nomeadamente através da ligação Cacilhas e Cais do Sodré que na sexta-feira é efectuada até às 24 horas de 15 em 15 minutos e a partir das 0.40 horas até às 2 da madrugada de 45 em 45 minutos. O último barco parte às 4 da manhã e as ligações são retomadas às 6 horas. No sábado, os intervalos são de 30 minutos até às 24 horas e de 45 minutos até às 2 horas. O último barco parte às 3.30 horas. O mesmo se verifica no domingo. (Os bilhetes custam 105\$00; pré-comprado, 85\$00. Passe L123). As carreiras nº113 (Medideira) e 149 (Quinta da Princesa) da TST asseguram as ligações rodoviárias à Festa até às 2 horas da manhã, isto sexta e sábado. No domingo, há carreiras até às 24 horas. (Os bilhetes custam a bordo 310\$00; pré-comprado 170\$00 - M4; 85\$00 - M2. Passe L123). A ligação fluvial entre Lisboa e o Seixal funciona, na sexta-feira, de hora em hora, até às 23 horas. No sábado, até às 21.15, de 45 em 45 minutos, e no domingo, até às 21.30, de hora em hora. (Os bilhetes custam 220\$00; pré-comprado 170\$00). Entre a Baixa da Banheira e a Festa realizam-se carreiras, na sexta-feira, entre as 18 e as 21 horas, de hora em hora, sendo a última às 21.30 horas. Sábado e domingo, as carreiras efectuam-se das 10.30 às 13.30 horas e das 15 às 18 horas, com intervalos de hora em hora; das 18 às 20 horas, de 30 em 30 minutos, sendo a última às 21 horas. No sentido inverso, Festa/Baixa da Banheira, na sexta-feira, as ligações efectuam-se das 23 horas às 24 horas, de hora em hora; e das 00.30 às 02 horas, de 30 em 30 minutos. No sábado, das 18 horas às 21 horas, de 30 em 30 minutos; e das 22 às 2 horas, de 30 em 30 minutos. No domingo, das 18 às 21 horas, de hora em hora; e das 22 às 24 horas, de 30 em 30 minutos. (Os bilhetes custam a bordo 500\$00, pré-comprado 330\$00 - M8; 170\$00 - M4). Os deficientes contam com um transporte especial entre os terminais de Cacilhas (barcos pequenos) e do Seixal e o interior da Festa, na Praça da Paz.

## Para os automobilistas

Se preferir ou necessitar de se deslocar para a Festa em transporte particular saiba que se vem do sul ou saiu no Nó do Fogueteiro, pode deixar o carro num dos parques da Torre da Marinha, ou da Mundet antes da ponte da Fraternidade, onde tem disponível um vaivém rodoviário. Se vem de Lisboa, tem agora duas alternativas: a Ponte Vasco da Gama,

seguindo pela auto-estrada para Almada, com saída no Nó do Fogueteiro; ou a Ponte 25 de Abril e neste caso, como alternativa à AE/Sul (com saída no Nó do Fogueteiro) e à EN 10, sugerimos a variante à EN 10, em frente ao Pão de Açúcar de Almada, até Corroios. No interior da Amora foram criados vários parques de estacionamento para os visitantes da Festa, assim como, juntamente com as autoridades, serão tomadas medidas adequadas para garantir o escoamento do trânsito.



# Espaço Central Os 25 anos do 25 de Abril e a actualidade política

Das artes à actualidade política, passando pela evocação dos 25 anos do 25 de Abril, o Espaço Central concentra um conjunto diversificado de propostas de grande interesse.

«As 25 fotografias de Eduardo Gageiro» é uma das exposições que mais expectativas despertam até porque muitas imagens são desconhecidas do grande público. O fotógrafo estará presente na Festa, onde será homenageado, na sexta-feira pelas 19.30 horas, no Café da Amizade. A mostra inclui imagens em grande formato do 25 de Abril de 1974, bem como dos principais momentos do período revolucionário. A memória da Revolução pode ser também revisitada na exposição 100 Cartazes da Revolução, que reúne uma selecção de obras, algumas das quais de artistas famosos como é o caso de Vieira da Silva e João Abel Manta. O projecto intercala os cartazes com extractos do poema de Ary dos Santos, «As Portas que Abril Abriu» e utiliza vários monitores de vídeo, onde será possível visualizar um filme com imagens da época, acompanhadas das canções da

Revolução que se ouvirão no recinto como música de fundo. Ao lado fica o espaço da Imprensa do Partido, onde estará patente uma selecção de 100 primeiras páginas do *Avante!* e de *O Militante*, publicadas nos últimos 25 anos. À semelhança dos anos anteriores, a banca de *O Militante* é o local ideal para o visitante obter esclarecimentos sobre o PCP, podendo ali mesmo preencher a sua ficha de inscrição no Partido, comprar e assinar o jornal *Avante!* e a revista *O Militante*. Especial destaque assume a exposição política construída em torno da presente legislatura, do balanço da actividade do PCP e em particular do seu Grupo Parlamentar. Para além dos projectos apresentados, os que foram aprovados e se transformaram em leis por iniciativa dos comunistas, e as propostas do Partido para a

próxima legislatura, vão estar expostas as listas de candidatos da CDU em todos os círculos eleitorais do País. Os cibermatistas experimentados ou simplesmente os visitantes que desejem conhecer o mundo da informática devem procurar a Sala da Internet, que está equipada com vários computadores ligados à rede, onde podem consultar a página virtual do PCP e «viajar» por outros *sites*. O acesso é livre e gratuito. As primeiras imagens da Festa serão aqui digitalizadas e disponibilizadas na *Net*. De referir por último que a Banca Central terá à venda materiais exclusivos, como t-shirts e pólios com motivos e design irreverentes. Para despertar a curiosidade revelamos que estará disponível uma t-shirt vermelha decorada com uma foice e um martelo com cerca de meio metro.

# Os debates na Festa

## Fórum

- Sexta-feira 21 horas - «25 de Abril - 25 anos Depois», com Domingos Abrantes, Durand Clemente e José Ernesto Cartaxo.
- Sábado 14.30 horas - «Eleições Legislativas - O PCP na Assembleia da República», com Octávio Teixeira, João Amaral, Lino de Carvalho e António Filipe.
- 17.00 horas - Encontro com José Saramago, em que estão presentes José Casanova e Manuel Gusmão;
- 21 horas - «Guerra e Paz - a Discussão Actual», com Albano Nunes e Jorge Cadima.
- Domingo 15 horas - «O que é ser comunista hoje?», com José Casanova, Manuel Gusmão e Sérgio Ribeiro.

## Conversas sobre... o 25 de Abril

- Sexta-feira 21 horas - «O *Militante* e o 25 de Abril», com Blanqui Teixeira.
- Sábado 15 horas - «Os militares e a Revolução», com o Capitão de Abril Diniz de Almeida;
- 18 horas - «Os trabalhadores e o 25 de Abril», com Américo Nunes;
- 21 horas - «As mulheres também resistiram», com Margarida Tengarrinha
- Domingo 15 horas - «Em defesa da Revolução», com António Dias Lourenço. Neste espaço estão previstas outras conversas e contactos com deputados do PCP à Assembleia da República.

## Espaço Internacional

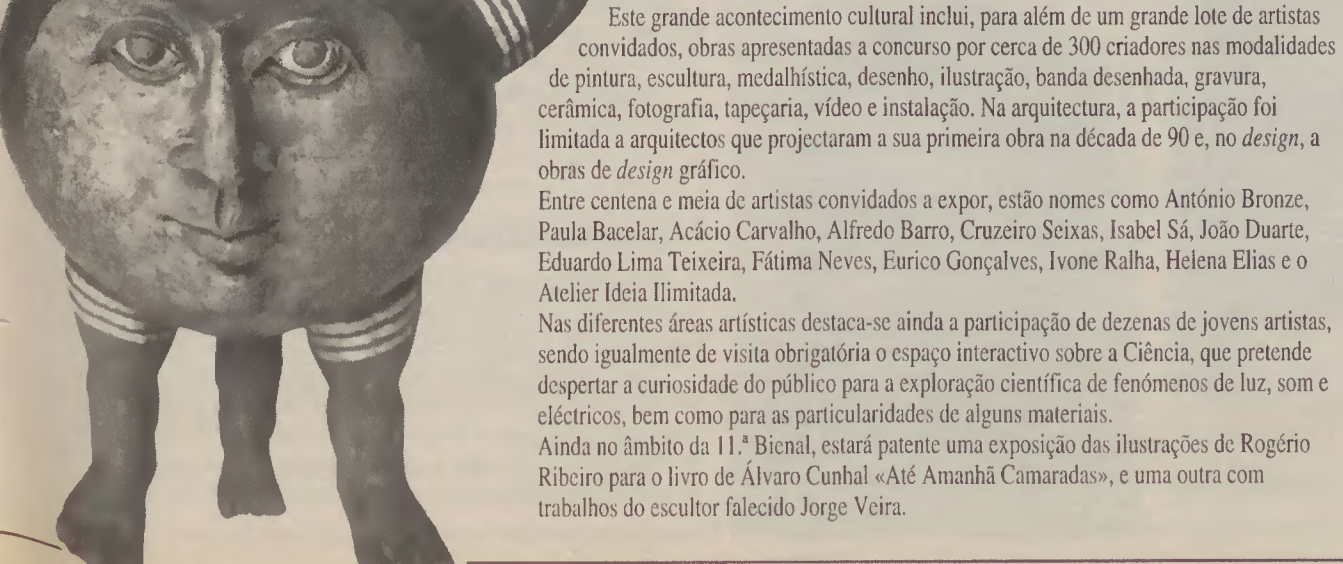
- (Palco da Solidariedade)
- Sábado 19 horas - «Solidários com Timor», com Roque Rodrigues, da Direcção da Fretelin, e Domingos Lopes, membro do Comité Central do PCP.
- 21 horas - «Os Média na Guerra da Jugoslávia», com os jornalistas Anabela Fino (Avante), Carlos Santos Pereira (RTP e DN) e Pedro Caldeira Rodrigues (Público).
- Domingo 16 horas - «Gastos de Guerra, v.s. Despesas Sociais», com Rui Fernandes, do CC do PCP, Florival Lanza, da Comissão Executiva da CGTP-IN, e Manuela Pires do MDM.

## Audatório da Bial de Artes Plásticas

- Sábado 15 horas - A Internet e os direitos dos utilizadores. O PCP e a comunicação na Internet, com Henrique de Sousa.
- 17 horas - «Que Bial?».
- Domingo 15 horas - «O estado da arte e a arte do Estado».

# Bial de Artes Plásticas

A 11.ª edição da Bial de Artes Plásticas apresenta ao público da Festa o melhor que se tem produzido em Portugal nos últimos anos nas diferentes modalidades, técnicas e expressões estéticas das artes plásticas, incluindo ainda desta vez as áreas da arquitectura e do design.



Este grande acontecimento cultural inclui, para além de um grande lote de artistas convidados, obras apresentadas a concurso por cerca de 300 criadores nas modalidades de pintura, escultura, medalhística, desenho, ilustração, banda desenhada, gravura, cerâmica, fotografia, tapeçaria, vídeo e instalação. Na arquitectura, a participação foi limitada a arquitectos que projectaram a sua primeira obra na década de 90 e, no design, a obras de design gráfico. Entre centena e meia de artistas convidados a expor, estão nomes como António Bronze, Paula Bacelar, Acácio Carvalho, Alfredo Barro, Cruzeiro Seixas, Isabel Sá, João Duarte, Eduardo Lima Teixeira, Fátima Neves, Eurico Gonçalves, Ivone Ralha, Helena Elias e o Atelier Ideia Ilimitada. Nas diferentes áreas artísticas destaca-se ainda a participação de dezenas de jovens artistas, sendo igualmente de visita obrigatória o espaço interactivo sobre a Ciência, que pretende despertar a curiosidade do público para a exploração científica de fenómenos de luz, som e eléctricos, bem como para as particularidades de alguns materiais. Ainda no âmbito da 11.ª Bial, estará patente uma exposição das ilustrações de Rogério Ribeiro para o livro de Álvaro Cunhal «Até Amanhã Camaradas», e uma outra com trabalhos do escultor falecido Jorge Veira.



## A FESTA

**Festa**  
1999  
**Avante!**  
3, 4 e 5 Setembro  
Atalaia - Amora - Seixal

# Modalidades presentes Três dias de desporto

Depois das provas de promoção da festa - concurso de pesca, cicloturismo, torneios de chinquilho e xadrez - que envolveram muitas centenas de praticantes, o desporto continua agora na Festa com diferentes modalidades. Em exibição ou competição, perante um público sempre numeroso e entusiasta, o programa desportivo deste ano conta com a participação de centenas de atletas e a colaboração de dezenas de colectividades, associações e outras instituições. Nos vários recintos e pavilhões do desporto, estão

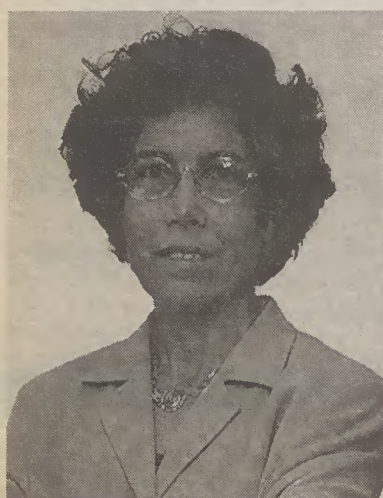
programados torneios e exibições de futebol, basquetebol, ginástica, aeróbica, artes marciais, tiro com chumbo, xadrez, damas, triatlo, chinquilho e outros jogos tradicionais, para além do sarau de ginástica e danças desportivas de salão, com a participação da Sociedade dos Alunos de Apolo. Nos desportos radicais, destacam-se uma prova de Slide e a Parede de Escalar, não esquecendo a sempre espectacular demonstração de para-quedaismo que terá lugar no domingo.



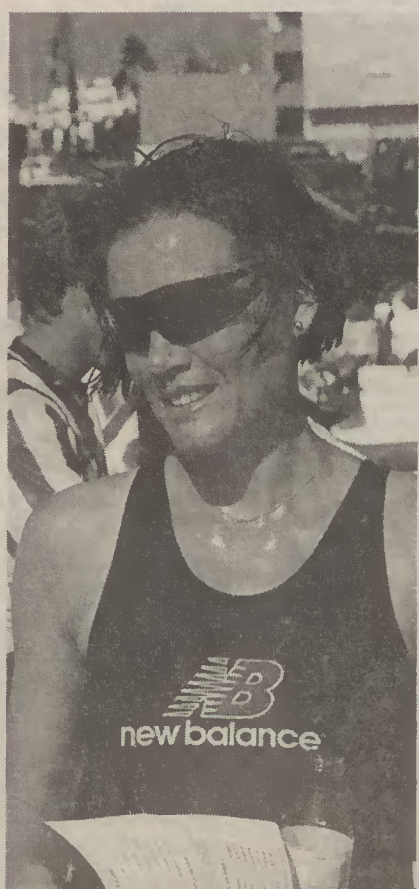
## Eles apoiam a Corrida

Muitas dezenas de personalidades manifestaram publicamente o seu apoio à Corrida da Festa através de dezenas de depoimentos que temos vindo a publicar ao longo das últimas semanas. Nas vésperas da partida aqui ficam mais algumas palavras de individualidades ligadas ao desporto que testemunham o prestígio e a simpatia que a prova desfruta entre os atletas

Fernando Fernandes



Rita Magrinho



Rosa Oliveira



Manuel Aguiar



Bernardo Manuel

# 1800 atletas e 180 equipas inscritos

## A partida é no domingo

O tiro de partida da 12.ª Corrida da Festa é dado no domingo, pelas 9.30 horas, por Octávio Teixeira, presidente do Grupo Parlamentar do PCP e cabeça de lista por Setúbal às próximas eleições legislativas de 10 de Outubro. A meta está desta vez dentro da Quinta da Atalaia, junto à zona do Lago, onde certamente muitos visitantes e camaradas se concentrarão para assistirem à chegada dos atletas, a partir das dez da manhã.

Da Medideira, junto às bombas da Cipol, os atletas arrancam para um percurso de 14 quilómetros pelas ruas da Amora e do Seixal, que recordamos aqui: Quinta da Medideira, Fábrica da Resina, Rua 1.º de Maio, Cruzeiro, Rua 25 de Abril, EN 10, Fogueteiro, EN 328 (Torre da Marinha).

### «A defesa do desporto para todos»

Em mais uma edição da Corrida da Festa do «Avante!», a primeira da época desportiva do ano 2000, saúdo todos os participantes e desejo que encontrem nesta prova motivações que os levem a aderir à prática desportiva regular, como forma de melhorar a saúde física e equilíbrio sócio-afectivo e o bem-estar. A Corrida da Festa do «Avante!» tem desempenhado uma função importante na defesa do «Desporto para Todos», cumprindo uma regulamentação própria que privilegia o valor da prática desportiva de forma desinteressada e o desporto como espaço e oportunidade de participação abertos a todos.

A minha saudação e homenagem ao Partido Comunista Português que ao longo de mais de 20 anos, ao lado de debates e da análise política, das actividades artísticas, plásticas, musicais e das exposições de todos o tipo, tem incluído o desporto no programa da prestigiada Festa do «Avante!», como forma de expressão cultural, aberto à participação festiva de todos.

Aos desportistas, dirigentes e promotores a minha saudação e o reconhecimento da importância da tarefa que desempenham em prol do desporto.

Rita Magrinho

Vereadora do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa

### «Um êxito certo»

A 12.ª Corrida da Festa do «Avante!» é um dos muitos eventos desportivos que integram o programa desportivo desta realização, que permite a concentração de um bom lote de atletas nacionais e estrangeiros numa prova que tem tido ao longo dos anos uma forte participação, uma boa organização e constitui uma grande oportunidade de convívio.

Através da experiência adquirida estou certo que a presente edição vai ser mais um êxito.

Manuel Aguiar

Presidente da Associação de Atletismo de Setúbal

### «Lá nos encontramos»

A Corrida da Festa do «Avante!» como parte integrante de um vasto programa de realizações desportivas contém uma vertente lúdica bastante importante que faz parte da natureza básica da corrida no seu carácter não competitivo.

Como apoiante e participante deste tipo de iniciativas vejo esta prova como uma verdadeira festa de amizades e reencontros, ambiente que também é partilhado pelo público que ao longo de todo o trajecto no concelho do Seixal aplaude esta iniciativa tão salutar. A Corrida da Festa constitui igualmente uma boa oportunidade para muitos dos atletas de estrada iniciarem a sua época des-



## A FESTA

## Os conselhos de Luís Horta\*

### Os benefícios e cuidados na prática desportiva

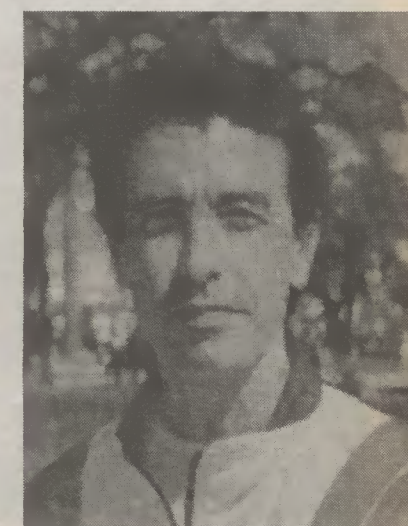
Como se sabe, a prática do exercício físico regular é muito importante para a preservação da saúde e para retardar o processo normal de envelhecimento. Aquele que durante a sua vida mantém uma actividade física regular tem não só uma melhor qualidade de vida, mas também uma menor incidência de determinadas doenças que afligem e vitimam a sociedade actual, nomeadamente na prevenção das

doenças cardiovasculares. Na problemática da prática do exercício físico regular em Portugal estamos preocupados com duas situações particulares:

- Os indivíduos que a iniciam devem submeterem-se a um exame médico prévio. Muitas doenças são silenciosas numa fase inicial (como a hipertensão arterial por exemplo), e embora não contra indiquem a prática regular do

exercício este deverá adaptado à situação particular em causa.

- O exercício físico regular deverá ser adaptado aos condicionamentos individuais de cada pessoa, não havendo benefícios de actividades muito intensas e de carácter competitivo em determinadas idades, como vemos acontecer frequentemente nas corridas de estrada. O exercício físico regular é importante para



Luís Horta

a preservação da saúde desde que «seja tomado em dose certa».

\* Responsável do Centro de Medicina Desportiva, ex-atleta olímpico participante na 1.ª Corrida da Festa

portiva e uma demonstração para todos aqueles que não participam em provas desportivas de que a prática da educação física constitui um meio indispensável à própria formação do Homem.

Por tudo isto considero a Corrida da Festa como um grande acontecimento e faço votos para que atraia cada vez mais participantes. O percurso é bastante agradável e o facto de terminar este ano dentro da Festa constitui um atractivo suplementar.

É claro que lá estaremos como sempre, quer na corrida quer na Festa.

Bernardo Manuel

Coordenador do Meio-fundo da Federação Portuguesa de Atletismo e do Sporting Clube de Portugal

### «Participo por prazer»

A minha participação em edições anteriores da Corrida da Festa do «Avante!» é motivada pelo prazer e não tanto pela competição. Gosto de participar na vossa corrida pelo espírito de amizade que liga os atletas de alta competição e os chamados atletas de pelotão, ao longo de um percurso bastante agradável.

Desejo que à semelhança dos anos anteriores a Corrida seja de novo um sucesso. Se puder vou estar presente.

Rosa Oliveira

Atleta do Sporting Clube de Braga, vencedora do escalão feminino da 10.ª edição Corrida

### «Quase um ritual»

Se participar é importante, correr na Corrida da Festa do «Avante!» é indispensável. É quase um ritual o que se vai repetir no próximo dia 5 de Setembro. Mais de um milhar de pessoas vão chegar logo pela manhã, vão saudar-se mutuamente pelo reencontro depois do período de férias. Depois é o levantamento dos dorsais, o período de aquecimento para a prova, gente a correr em todas as direcções. O momento alto será a euforia da partida, com uma imensa «mole» de atletas com equipamentos de todas as cores a contribuir decisivamente para o clima de grande festa que a Corrida todos os anos constitui. São só 14 quilómetros em que o que prevalece é um grande sentimento de camaradagem e boa disposição. Por isso esta Corrida é única. Se participar é importante, correr na Corrida da Festa do «Avante!» é mesmo indispensável.

Fernando Fernandes

ex-atleta do SLB, director do Anuário da Corrida, ex-director da 1.ª e 2.ª Corrida da Festa vencedor da 5.ª edição

## Comissão organizadora felicitiza atletas no mundial

A Comissão Organizadora da 12.ª Corrida da Festa do «Avante!», que acompanhou os Campeonatos do Mundo de Atletismo em Sevilha por

intermédio do prof. Rafael Marques do Maratona Clube de Portugal, enviou uma mensagem de saudações pelos resultados obtidos por Susana Feitor, quarta classificada

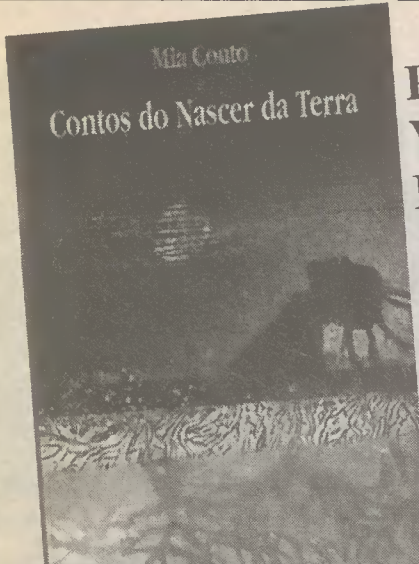
nos 20 quilómetros marcha, Luís Novo, quarto na Maratona, Carla Sacramento, quinta na distância de 1500 metros, e a Manuela Machado, sétima na maratona.

A Comissão considera que estes resultados constituem um grande incentivo à prática desportiva para os mais jovens e prestigiam o atletismo nacional,

dirigindo ainda uma saudação a toda a comitiva portuguesa - dirigentes, treinadores e atletas - que esteve presente nos Campeonatos.







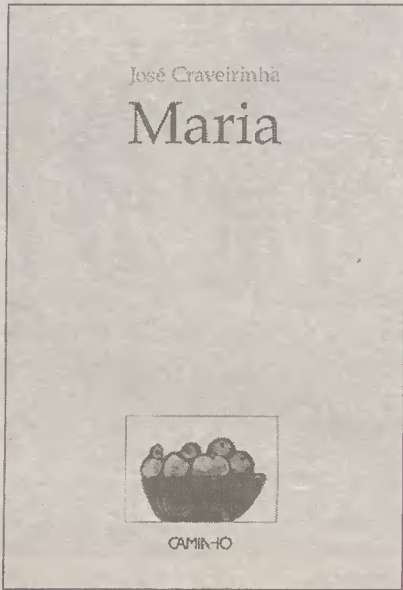
**Prémio Vergílio Ferreira**

**Festa 1999**  
**Avante!**  
3,4 e 5 Setembro  
Atalaia \* Amora \* Seixal

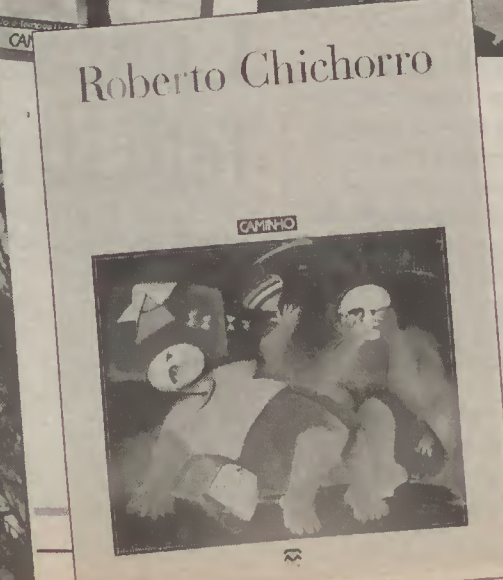
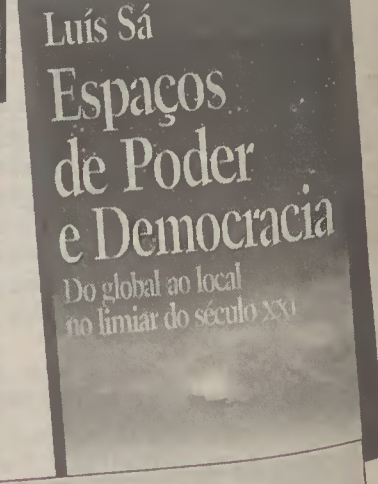
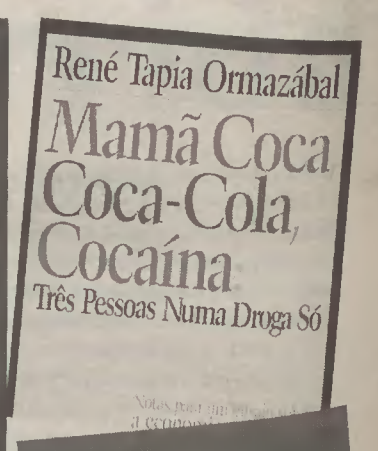
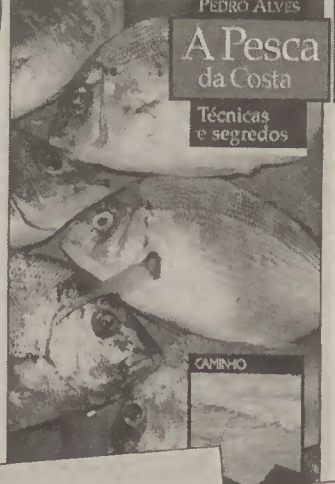
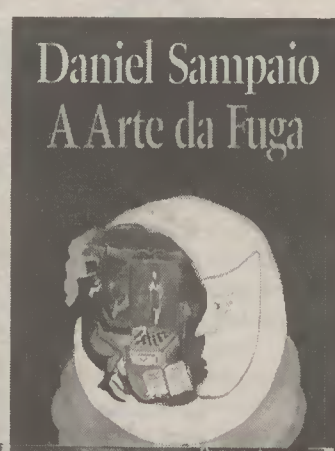
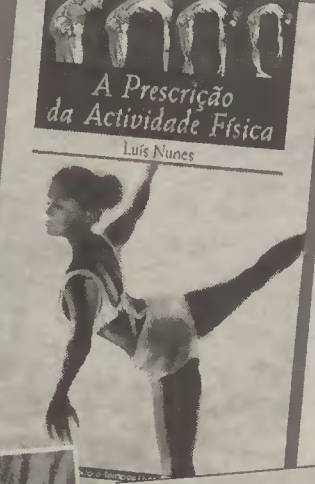
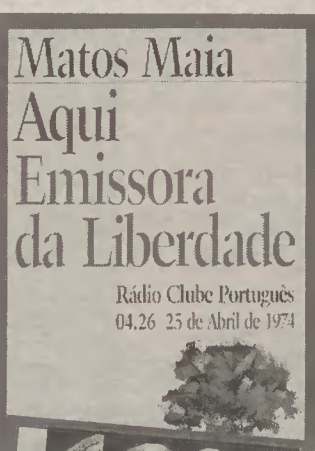
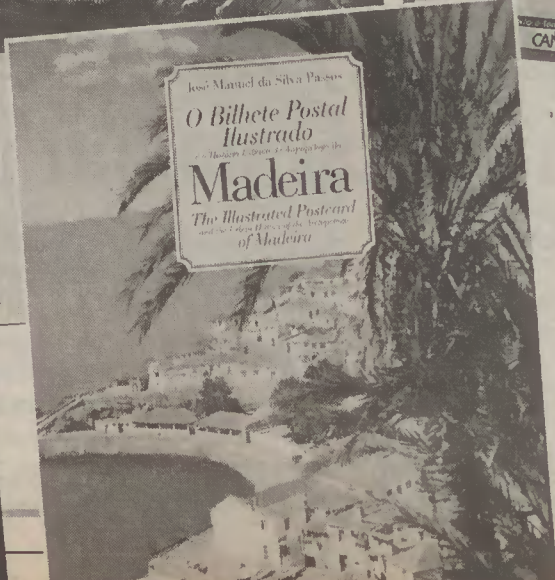
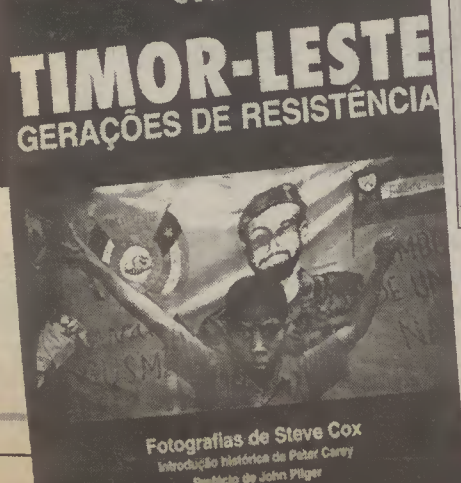
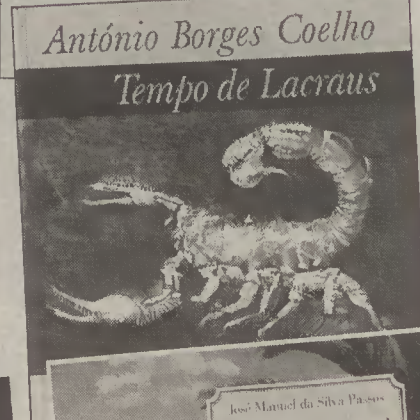
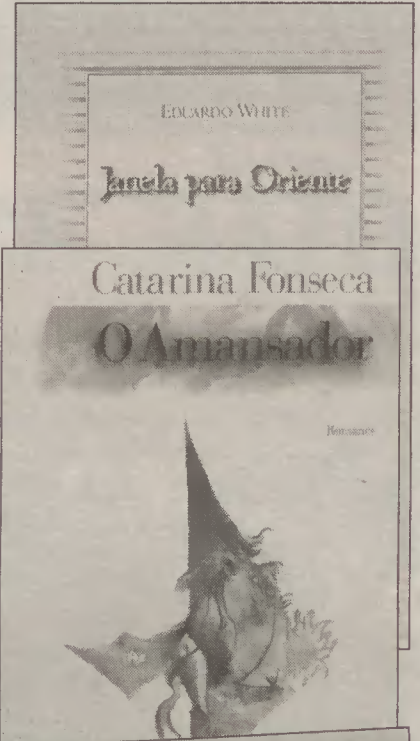
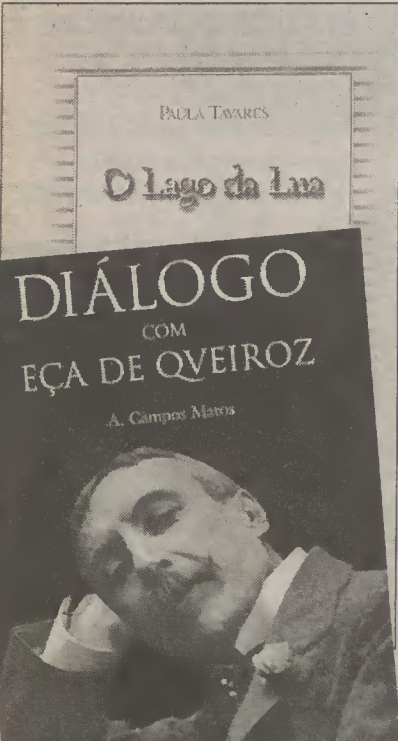
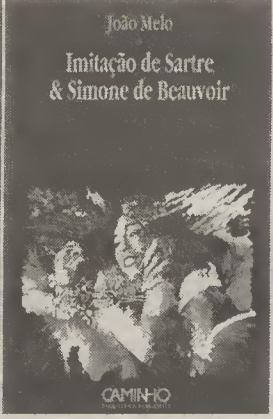
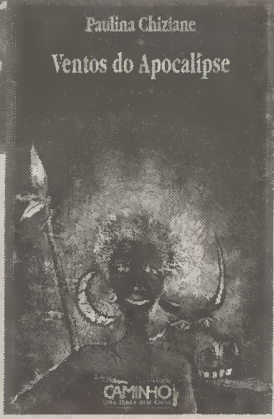
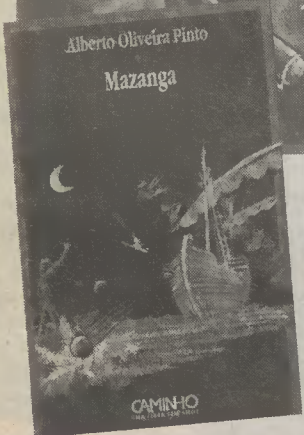
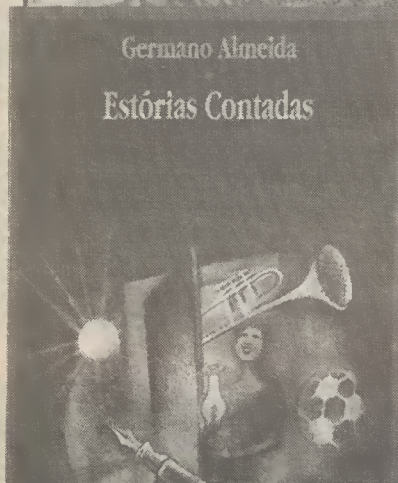
**Avante!**  
**PUB**

# Festa do Livro

**José Craveirinha**  
**Prémio Camões**



**Novidades**



**Colecção Caminho de Abril**

A colecção *Caminho de Abril* resulta de uma iniciativa da Editorial Caminho com vista a assinalar o 25.º aniversário do 25 de Abril.

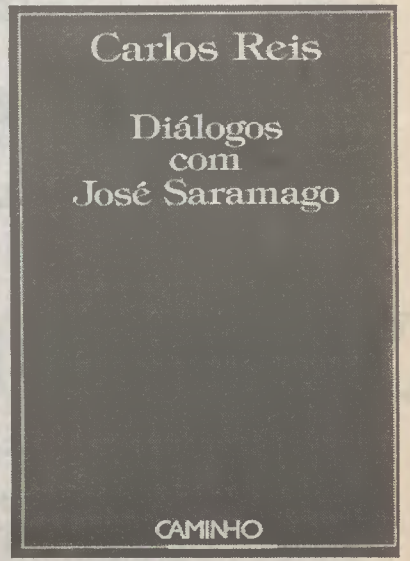
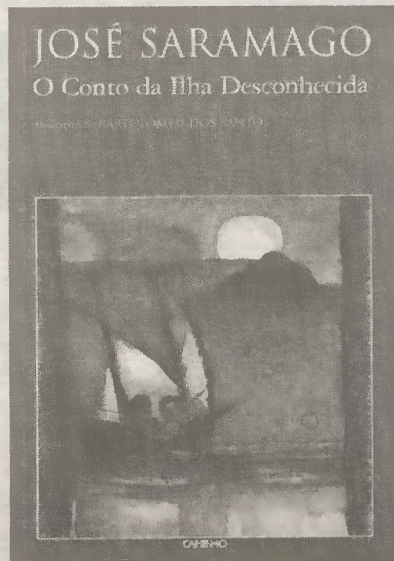
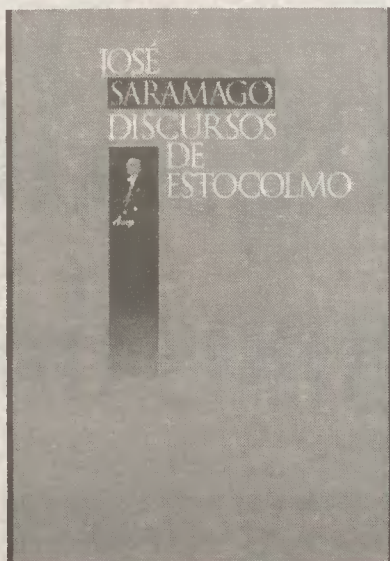
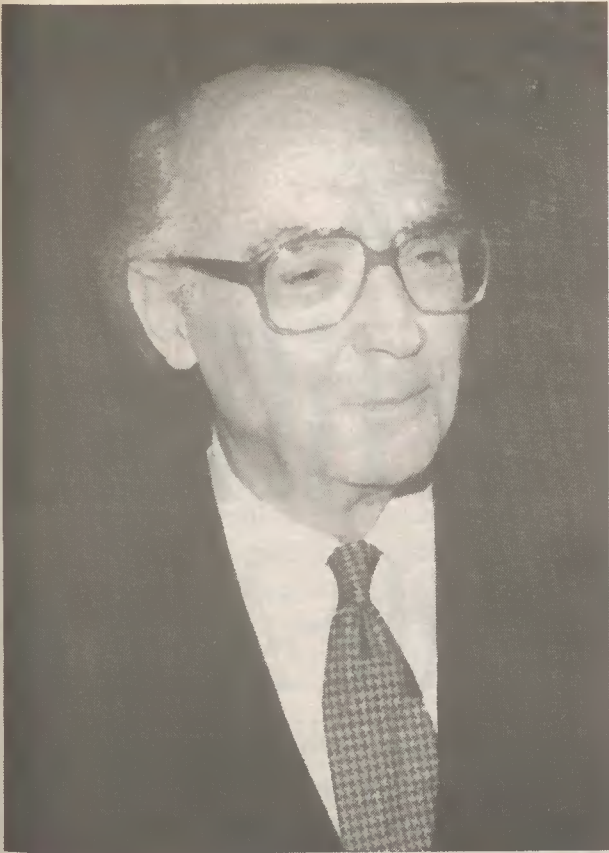
ALEXANDRE PINHEIRO TORRES Amor, só Amor, Tudo Amor	Alice Vieira Vinte Cinco a Sete Vozes
ALICE VIEIRA Vinte e Cinco a Sete Vozes	Germano Almeida Dona Pura e os Camaradas de Abril
ALMEIDA FARIA A Reviravolta	Manuel Alegre Uma Carga de Cavalaria
CARLOS BRITO Vale a Pena Ter Esperança	Maria Isabel Barreno As Vésperas Esquecidas
GERMANO ALMEIDA Dona Pura e os Camaradas de Abril	Mário de Carvalho Apuros de Um Pessimista em Fuga
MANUEL ALEGRE Uma Carga de Cavalaria	Mia Couto Vinte e Zinco
MARIA ISABEL BARRENO As Vésperas Esquecidas	Almeida Faria A Reviravolta
MÁRIO DE CARVALHO Apuros de Um Pessimista em Fuga	Sebastião Salgado Um Fotógrafo em Abril
MIA COUTO Vinte e Zinco	Urbano Tavares Rodrigues O Dia Último e o Primeiro
SEBASTIÃO SALGADO Um Fotógrafo em Abril	
URBANO TAVARES RODRIGUES O Dia Último e o Primeiro	
MANUEL FREIRE As Canções Possíveis (Manuel Freire canta José Saramago)	



# Festa do Livro

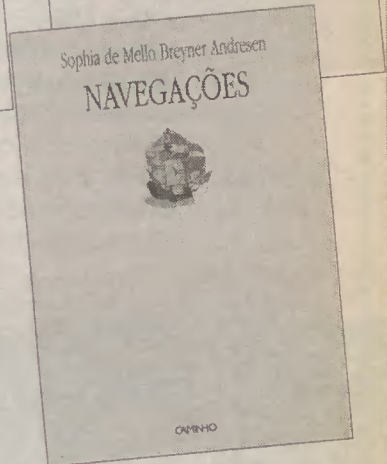
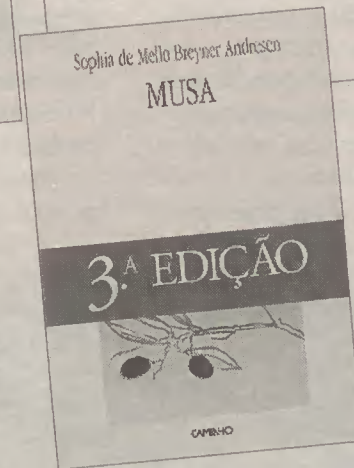
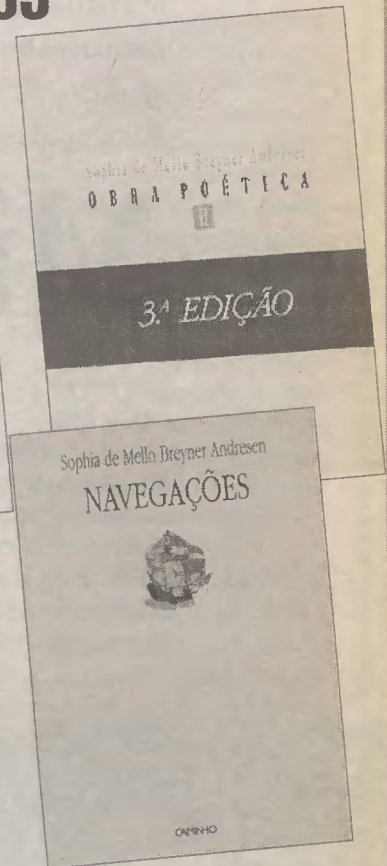
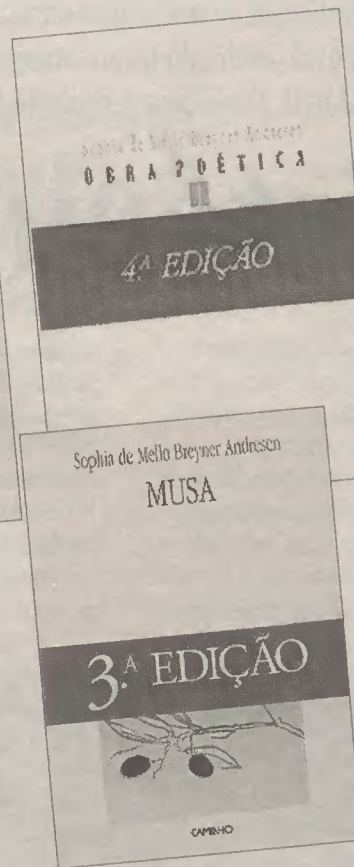
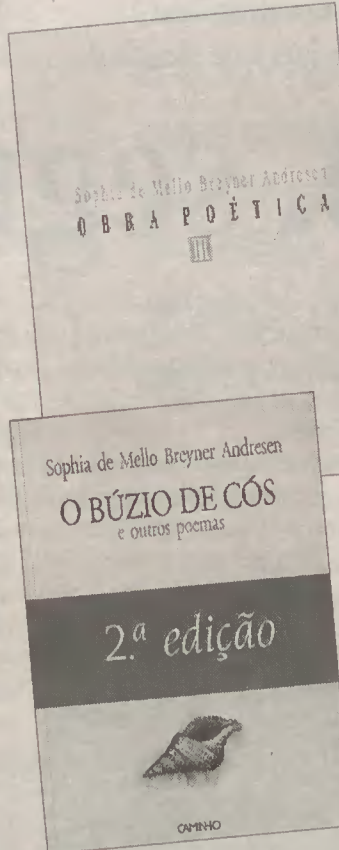
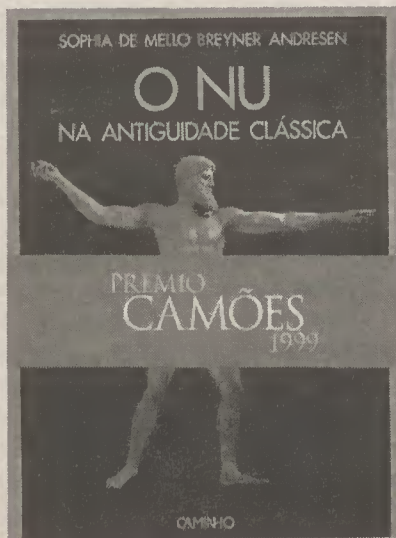
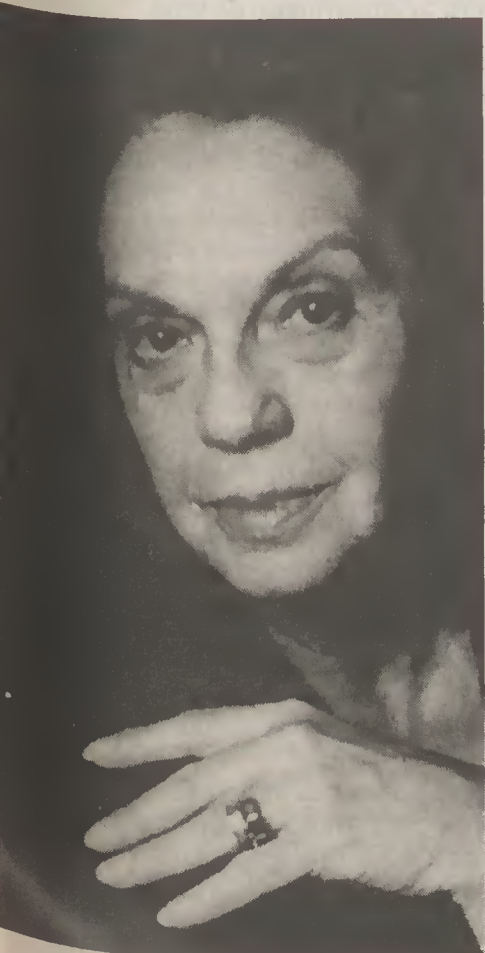
**José Saramago**

**Prémio Nobel da Literatura 1998**



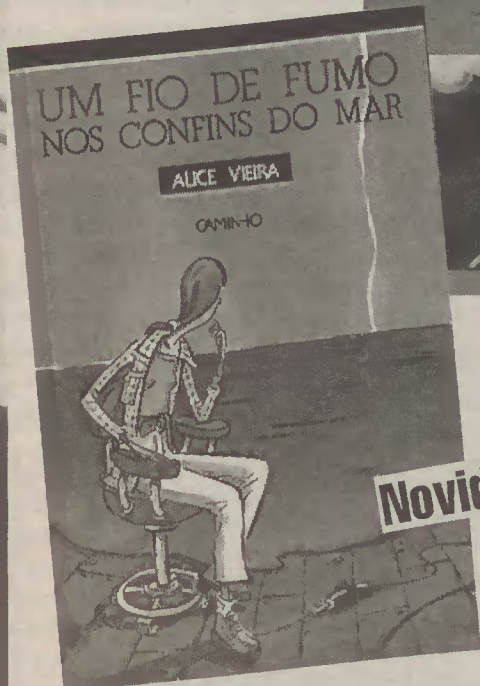
**Sophia de Mello Breyner**

**Prémio Camões 1999**

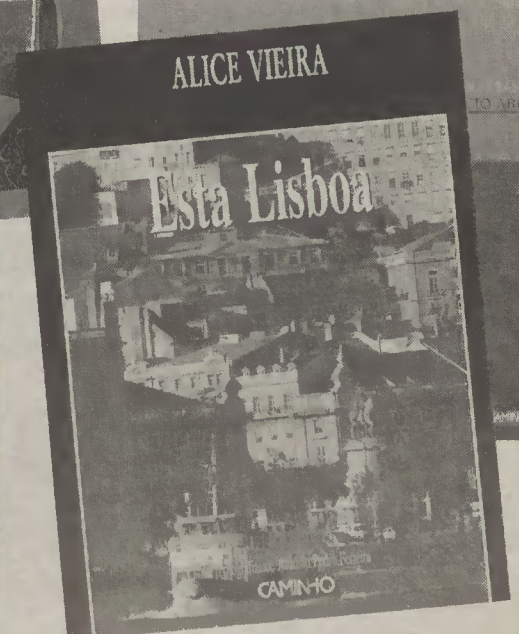
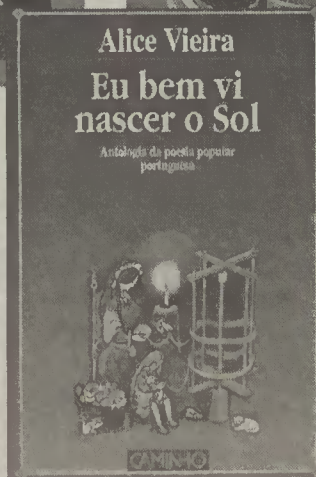


**Alice Vieira**

**20 anos de actividade literária**



**Novidade**



**Bons livros a preços excepcionais!**

350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

**SALDOS de FINS de EDIÇÃO**  
desconto mínimo de 50%



A FESTA

Festa  
1999  
Avante!

# Espectáculo de som e fogo de artifício comemora os 25 anos do 25 de Abril

**A** noite de sábado vai terminar com um fabuloso espectáculo de som e fogo de artifício que pretende assinalar num ambiente de festa a passagem dos 25 anos do 25 de Abril, tema que, aliás, está presente na decoração de vários pavilhões e em numerosas iniciativas que se realizam este fim-de-semana na Atalaia. Mas como não há festa que se preze que não tenha um bom fogo de artifício, ele aí está dedicado inteiramente ao aniversário da Revolução de Abril. Emblema e símbolo da luta e da alegria de

um povo que conquistou a liberdade e a democracia, o 25 de Abril é também hoje sinónimo de festa popular que todos os anos se reedita e renova por esse país fora ganhando novos significados e expressões.

O espectáculo da noite de sábado será acompanhado de uma banda sonora que inclui canções e textos da Revolução. O fogo apoia-se numa tecnologia sofisticada que permite disparos digitalizados, garantindo-se assim uma grande precisão e sincronismo nas explosões.

## Mistério, segredo e arte

Contra o que pareceria inteiramente lógico, a realidade a que menos se pode aplicar a qualificação de «invenção da pólvora» é o fogo de artifício! No princípio está a descoberta há longos séculos e em diversificadas partes do mundo de que a combinação de determinadas substâncias em determinadas quantidades produzem

misturas que, inflamadas a fogo ou percutidas por pancadas, deflagravam e davam origem a violentas expansões de gases. Isto é, explodiam. Ou, no mínimo, eram incendiários.

No essencial, conheciam-se elementos que produzem a mistura explosiva: o enxofre, o salitre e o carvão. A «invenção da pólvora» acabou, na verdade, a ser

essencialmente a fixação técnica dos quantitativos estáveis da mistura. Em 215 dC o romano Sixto Júlio Africano escrevia uma fórmula muito próxima da rigorosa, mas seriam precisos quase mil anos para que em 1320 o monge alemão Bertold Schwartz consagrasse a combinação ideal.

Note-se contudo que entre a utilização dos explosivos com fins mais ou menos militares e com fins mais ou menos espectaculares surge uma diferença de tomo: sendo óbvio que os primeiros pretendem liquidar inimigos, os segundos pretendem divertir amigos. O que, em termos práticos, diminui na segunda a importância de explosão mortífera, mas lhe introduz a necessidade da cor espectacular.

Assim, enquanto na arte da explosão — isto é, na pirotecnia — militar a combinação de elementos da mistura visava essencialmente a violência da deflagração, na segunda introduzia-se a cor, os efeitos, as pequenas e grandes chamas ardendo e extinguindo-se em cascatas ou relâmpagos de luz. Na alquimia de mistura de elementos que explodiam, os artifices do fogo de festa acrescentaram às misturas explosivas os elementos que nelas asseguravam a cor. Depois de inventarem a pólvora, inventaram o fogo de artifício. Durante séculos, essas misturas, todas essas combinações, todas essas experiências foram segredos bem guardados de artifices, investidos além do mais no misterioso e perigoso estatuto de lidarem com o retrato mesmo do Inferno: o fogo, o enxofre, o fumo, a explosão. Que os Homens gostavam afinal de, nas festas, trazerem à terra!

Só em 1883 apareceram os primeiros tratados de química pirotécnica. Até então, pirotecnia era mistério passado de mestre a aprendiz, de pai a filho — e sem grandes explicações, essencialmente com segredos cimentados tão só em ancestrais empirismos. E, sobretudo, os vértices do mistério, do segredo, da arte, eram a forma de produzir efeitos, de assegurar cores: de explodir em vermelho ou

explodir em verde, de assegurar uma rosácea de formas ou uma cascata de luzes.

Em Portugal tudo se passou, naturalmente, perto da Europa que nos rodeia. O apogeu dos séculos XV e XVI conheceu as festas que tiveram os seus fogos de artifício, a Lisboa vieram artistas de todo o mundo assegurar aos reis das Descobertas a cor festiva dos triunfos de então.

Decadência chegada, foi preciso esperar por Pina Manique para deixar memória no fogo de artifício para festejar o nascimento de D. Maria. Mas seria o século XIX e um italiano, Giuseppe Osti, que, instalado em Lisboa, faria entrar no quotidiano da nascente cidade burguesa o espectáculo tecnicamente elaborado, interiorizado em salas de espectáculo ou no Jardim Público, mas que de novo traria relâmpagos, explosões e cores às excitações dos lisboetas.

A partir de então, Portugal desenvolveu duas «escolas» pirotécnicas: a de Lisboa, sofisticada e teatral, elaborado em fogos próximos a que se chamariam «fogos presos», e a nortenha, minhota, que sobretudo introduziria pirotecnia da Espanha vizinha. Essa imagem do Inferno ali vivendo sobretudo no fascinante convívio da memória da festa profana com a romaria religiosa.

Porque o espectáculo de fogo de artifício tem uma característica quase única de um contundente peso humano: é rigorosamente irreprodutível. Ou aconteceu — ou não. Ou se viu — ou não. O que está na sua base, os minerais e combinações de que é feito, ou funcionaram — ou não. O que aconteceu nesse espectáculo é uma parte de tempo que não se repete nem volta atrás. E depois, lida com o mais efémero dos bens essenciais do Homem: o fogo. Tão frágil a apagar-se quando é essencial, quanto aterradoramente destruidor quando não é desejado.

Na Festa do «Avante!» há, sem dúvida, um lugar para esse espectáculo. O do fogo — que o Homem dominou e com ele se fez. De artifício — porque até com esse fogo o Homem é capaz de criar beleza.





# Turismo

## Balanço de uma legislatura

■ CARLOS LUIS FIGUEIRA  
Membro da Comissão  
Política

**O**S PORTUGUESES vão ser chamados a votos em Outubro próximo para eleger um novo conjunto de deputados que constituirão o novo Plenário da Assembleia da República. Com base na maioria ou maiorias que se vierem a formar em resultado das próximas eleições se constituirá o novo Governo da República. Neste tempo de agitada (nem sempre por bons motivos, diga-se de passagem) pré-campanha, na qual abundam inaugurações e novas promessas, num ciclo excursionista que se repete com diferentes protagonistas, é tempo igualmente para se fazer um balanço a estes quatro anos de governação no que respeita à actividade turística.

Como ponto de partida, há que admiti-lo, a avaliação do deve e haver da acção deste Governo em relação ao turismo e o correspondente posicionamento dos vários agentes que operam nesta actividade económica em relação à política do actual Governo está sobretudo condicionada, pelo bom momento que o sector atravessa derivado de factores conjunturais motivados por algumas causas internas mas sobretudo por factores externos a que adiante me referirei mais detalhadamente. O turismo português está em alta e assim vai estar, tudo o indica (salvo factores imprevisíveis causados por qualquer catástrofe natural que de todo não se deseja), no próximo ano. A conjuntura favorável que se disfruta e para a qual o contributo do actual Governo é mínimo é a melhor almofada para o esbatimento de qualquer posicionamento crítico. A maré está no ciclo de enchimento e como é hábito nestas circunstâncias o imediato conta mais que o médio ou longo prazo.

Estivéssemos nós num ciclo menos favorável e provavelmente o futuro da actual equipa estaria mais ameaçado, porque se tornaria mais evidente para todos que o PS e o seu Governo não tinham e continuam a não ter uma política de Turismo para o País.

Esta afirmação que em si mesmo encerra um posicionamento crítico em relação à actuação do Governo nesta área decorre do facto de pesarem nestes quatro anos a instabilidade governativa que atravessou o sector e considerar que não basta ter um documento de intenções genéricas no qual tudo cabe porque o papel aguenta tudo, para haver uma política de turismo, sobretudo quando confrontada com uma prática marcada pelo ziguezague, por promessas anunciadas um pouco por todo o lado, num quadro em que tudo parece ter a mesma importância, por compromissos não assumidos, pela prática de um diálogo inconsequente, pela ausência de reformas estruturais e sobretudo pela fuga ao afrontamento de pequenos e outros poderes instituídos.

Considerado à partida como um sector estratégico da economia nacional o Turismo começou por viver dias agitados com a nomeação de um primeiro Secretário de Estado que não chegou a aquecer o lugar, o malgrado Ismael Ribeiro da Cunha, personagem que curiosamente, soube-se depois, tinha oferecido os seus bons ofícios ao anterior governo. Azares!

Seguiu-se-lhe Jaime Andrés, personagem de inegável simpatia e boa vontade, que acumulando o Comércio com Turismo, descobriu na transversalidade a varinha mágica para todos os males do sector, muleta que usou e abusou para adornar um discurso redondo, de difícil compreensão e sobretudo de completa ineficácia quanto a medidas concretas. Não sei se por de mais absorvido com o Comércio ou se pelo facto de em relação ao Turismo ter tido sobretudo uma visão académica, da sua fugaz passagem pelo Governo ficou-me sempre a sensação de estar perante uma figura etérea com uma relação difícil com o mundo real a fazer recordar a história do fulano que nem vai ao banho nem almoça.

Lembro as promessas não cumpridas em relação à nova legislação do sector. O conflito com a APAVT que marcou o Congresso de Macau. O flop do Ano Nacional de Turismo que muito embora constituindo um «coelho saído da cartola» do aparelho de propaganda do Primeiro Ministro a esta operação ficou indissolúvelmente associado num cortejo penoso de indigência e gastos inúteis de dinheiros públicos, num fiasco só comparável ao PAIET.

A ascensão de Pina Moura na hierarquia do actual Governo com a sua nomeação para Ministro da Economia e a remodelação que se seguiu na estrutura deste Ministério, abre um novo ciclo no Turismo marcado pela justa autonomia do sector através da criação e nomeação de Vítor Neto para Secretário de Estado. Criam-se justas expectativas pelas capacidades de trabalho e honestidade reconhecidas ao novo responsável.

A crédito desta equipa, reconhecemo-lo sem dificuldades está, designadamente, a publicação da nova Lei das Agências de Viagens; a publicação da chamada nova Lei Hoteleira; a regulamentação da Animação Turística e do Turismo de Natureza; a Declaração de Interesse para o Turismo; as alterações no SIFIT; a ten-

tativa de dinamização da Direcção Geral de Turismo; a consagração do conceito de mercado interno alargado a zonas da vizinha Espanha e finalmente uma nova arrumação territorial no que respeita às zonas promocionais. Muito embora sendo certo que em relação a muitas destas matérias há todo um caminho que ainda falta percorrer.

Mas o que constitui de positivo este impulso revelador de vontade em resolver uma eternidade de problemas que desde há muito se arrastavam, não teve correspondência posterior na implementação das reformas necessárias (organização institu-

cional do sector, financiamento, promoção, planeamento ...) tendo-se seguido antes uma alteração de procedimentos pautada por posturas e atitudes já muito marcadas pela deriva eleitoralista de Outubro próximo.

Estão nesta linha claramente a Cimeira do Algarve numa encaenação a que não faltaram condecorações a troco de elogios, com uma marcação em cima para que vozes discordantes não fossem captadas pela comunicação social (não fosse o diabo tecê-las) seguida do ensaio de uma espécie de Bicesse II para o Turismo que aliás se veio a revelar num autêntico flop.

Tornou-se a certa altura claro que o que passou a determinar a acção da Secretaria de Estado deixou de ser a resolução dos problemas de fundo do sector nas suas várias vertentes, mas antes a preocupação em não afrontar os poderes instalados no interior e nas margens do aparelho do PS, evitar conflitos e por isso mesmo prometendo a todos, afirmando o que cada um gostaria de ouvir, tomando medidas simpáticas.

A débito fica por isso um diálogo inconsequente com as Regiões de Turismo e a ausência de uma Nova Lei Quadro com a respectiva alteração do sistema de financiamento, ficando colada a este Governo a responsabilidade de, tal como o anterior, não ter cumprido os mecanismos legais existentes quanto às formas de financiamento destas estruturas. Não ter tido a coragem para separar a promoção turística num órgão autónomo, tendo-se perdido, ou de todo não se ter tirado inteiro partido, do que constituiu como imagem positiva

para o País a realização da Expo/98. A proposta do Observatório de Turismo apresentar uma insuportável governamentalização. A insustentável proposta da nova Lei Orgânica das Direcções Regionais de Economia no que a mesma interferia nas competências atribuídas às Regiões de Turismo e a forma tosca como o Secretário de Estado a defendeu em sede da Assembleia da República, decorrente de uma iniciativa tomada pelo Grupo Parlamentar do PCP. O completo fracasso que constituiu a formação profissional. O facto de não se ter dado qualquer passo para a elaboração de uma Lei de Bases para o Turismo somada à atitude de manifesto desinteresse em apoiar financeira e politicamente a implementação de Planos Regionais de Turismo de que o Algarve constitui o exemplo mais impressionante por se tratar da Região de Turismo mais importante do País e por ter um Plano na gaveta há vários anos.

A este conjunto poderíamos ainda acrescentar o excessivo centralismo que se continuou a manter nas decisões tomadas cujo exemplo pode ser dado no que respeita aos processos de licenciamento e aprovação de Projectos para Turismo Rural ou ainda nas promessas feitas e não cumpridas no sentido de transferir competências para as Regiões de Turismo no que respeita a acções de promoção no mercado interno ou em parcerias igualmente prometidas com o ICEP na promoção do mercado interno alargado.

A débito fica também a forma, no mínimo pouco clara, como

intervio e se posicionou no conflito com a Região de Turismo do Algarve, sobretudo pela forma como geriu compromissos assumidos e depois negados, num processo tanto mais nebuloso quando tudo parece que os obstáculos levantados à anterior equipa estão agora em fase de resolução, a saber: as formas de gestão e financiamento do Programa Milénio. O negócio de Troia como marca de uma colagem de favorecimento deste Governo aos empresários do regime. O apoio a projectos ditos estruturantes nos quais as Leis do País deixam de o ser quando se trata de apoiar grandes grupos económicos. O curto prazo a dominar políticas e a comprometer vi-

sões e medidas estratégicas.

Neste balanço cabe ainda uma curta referência ao movimento associativo do sector para dele destacar a consolidação do trabalho e imagem da Confederação do Turismo e a incontornável realidade que constitui a Associação do Turismo de Lisboa com base numa experiência, até agora singular, de equilibrada associação entre o público e o privado.

Noutro sentido, em relação à Associação das Regiões de

Turismo, se a sua existência e prática permitiu de algum modo travar um processo que tinha feito o seu curso no Governo de Cavaco tendente a reduzir a sua capacidade ou mesmo a colocá-las em causa, a sua actuação fica todavia à quem do que seria desejável, aqui e ali marcada negativamente por uma excessiva colagem do seu presidente à tutela.

No plano do mundo do trabalho há que assinalar, para além do referido fracasso em relação à formação profissional, que as relações laborais continuam a ser marcadas por um clima e uma postura do patronato violadora de direitos, de recurso a mão-de-obra barata e sem qualificação, pela excessiva sazonalidade, pelo uso e abuso das contratações a prazo ou mesmo pelo emprego sem contrato e sem direitos. Também neste plano, das palavras aos actos vai a distância de um voo de longa duração.

O bom momento que o Turismo atravessa pode abafar críticas, permite adiar reformas necessárias porque o curto prazo e os seus bons resultados pesam mais que tudo e as eleições estão á porta. Mas é bom lembrar que esta conjuntura, no que para nós tem de benéfico, se deve em primeiro lugar a males alheios para os quais até infelizmente as catástrofes naturais, a somar às políticas que continuam a massacrar povos e países de destinos concorrentes, nos beneficiam. Que algum alargamento do mercado interno é suportado pelo endividamento das famílias fruto de taxas de juro baixas, factor que de igualmente modo está a animar desde há algum tempo o crescimento do imobiliário turístico pela atracção que motiva na mobilização de economias da classe média. Todavia todas as análises convergem para lançar nuvens de incerteza no futuro desta conjuntura pondo em causa os factores principais que a determinam.

Sacrificar medidas que permitiriam agora e no futuro consolidar esta actividade à deriva de elementos propagandísticos de curto prazo, nos quais com alguma ausência de decoro se procura até reivindicar para méritos próprios o que resulta de factores externos que nos são alheios, não augura grande futuro. É bom lembrar que quanto mais alto se sobe maior é o trambolhão!





# Demanda do povo de Cuba contra o governo dos EUA (conclusão)

**A** sanha dos EUA contra Cuba apresenta já um trágico saldo de 3478 cubanos mortos e 2099 deficientes, para além de incalculáveis prejuízos materiais que afectaram e afectam a estabilidade e o desenvolvimento do país. Na Demanda contra o governo norte-americano cuja publicação hoje se conclui, é pedida a título de reparação de dano material uma indemnização no valor de 181,1 mil milhões de dólares. Um valor praticamente simbólico para quem enfrenta, há mais de 40 anos, as consequências de uma agressão não declarada ao inalienável direito de decidir o seu destino.

**Oitavo:** Que ao longo do processo revolucionário cubano, assunto estritamente interno, levado a cabo pelo nosso povo, no exercício do seu direito à plena soberania como cidadãos de uma nação independente, a nossa Pátria teve de enfrentar e ainda enfrenta o constante perigo de uma agressão militar directa dos Estados Unidos.

Uma das primeiras reuniões do grupo designado para a execução do Projecto Cuba, recolhida num memorando elaborado pelo director da CIA, em 19 de Janeiro de 1962, assume particular significado. Essa reunião efectuou-se exactamente nove meses depois da esmagadora derrota, em menos de 72 horas, e da desarticulação total da força expedicionária que desembarcou na Baía dos Porcos, à vista da esquadra naval norte-americana. Situada em 19 de Abril a três milhas da costa, a sua presença e alento não serviu de nada às tropas mercenárias, pois nem sequer teve tempo de as apoiar e ajudar ninguém quando, já no fim da aventura, o presidente Kennedy foi persuadido a dar apoio aéreo aos invasores, utilizando os aviões do porta-aviões Essex, incluídos nesse destacamento naval.

Segundo o relatório desclassificado referente à reunião daquele dia, Robert Kennedy, promotor geral do governo dos Estados Unidos, informou os presentes que o presidente considerava que o último capítulo da história a respeito de Cuba ainda não tinha sido escrito, que o derrube de Castro era possível, e que alcançar esse objectivo era a mais alta prioridade: «A solução do problema cubano tem a máxima prioridade para o Governo dos Estados Unidos. O resto é secundário.»

Em 7 de Março de 1962, a Junta de chefes de Estado Maior afirmou num documento secreto que «a constatação de que uma revolta interna com possibilidades de sucesso é impossível dentro dos próximos 9 a 10 meses exige uma decisão por parte dos Estados Unidos, no sentido de fabricar uma 'provocação' que justifique uma acção militar norte-americana positiva».

Em 9 de Março de 1962, sob o título de «Pretextos para justificar a intervenção militar dos Estados Unidos em Cuba», o departamento do Secretário da Defesa submeteu à consideração da Junta de Chefes de Estado Maior um pacote de medidas que tinham como objectivo criar as condições para justificar a intervenção militar em Cuba. Entre as medidas consideradas constavam as seguintes:

- «Uma série de incidentes bem coordenados seriam planificados para que ocorressem na Base Naval de Guantánamo ou nas suas proximidades, a fim de criar uma aparência verosímil de que foram realizadas por forças cubanas hostis.»

- «Os Estados Unidos responderiam com a realização de operações ofensivas destinadas a garantir o fornecimento de água e de energia, destruindo as unidades de artilharia e morteiros que ameaçavam a Base. Começariam logo operações militares norte-americanas em grande escala.»

- «Um incidente do tipo "Lembrem o Maine" poderia ser preparado de diversas maneiras.»

- «Poderíamos fazer explodir um navio norte-americano na baía de Guantánamo e culpar Cuba.»

- «Poderíamos fazer explodir um navio não tripulado em algum ponto das águas cubanas.»

- «Poderíamos fazê-lo de tal forma que esse incidente ocorresse nas proximidades de Havana ou de Santiago de Cuba, como resultado espectacular de um ataque cubano por ar ou por mar, ou por ambos os lados.»

- «A presença de aviões ou embarcações cubanas que acudissem simplesmente para investigar as intenções do navio poderia tornar-se uma prova suficientemente convincente de que o navio fora atacado.»

- «Os Estados Unidos poderiam dar acompanhamento com uma operação de resgate por ar ou por mar, sob a protecção de caças norte-americanos, com o objectivo de "evacuar" o resto dos membros de uma tripulação não existente.»

- «As listas das baixas, publicadas pela imprensa norte-americana, poderiam provocar uma onda de indignação nacional.»

- «Poderíamos implementar uma campanha terrorista cubano-comunista na área de Miami e noutras cidades da Flórida, e em Washington. A campanha de terror poderia ser dirigida contra os refugiados cubanos que buscam asilo nos Estados Unidos.»

- Poderíamos afundar uma embarcação cheia de cubanos na viagem para a Flórida (real ou simulada).»

- Poderíamos promover atentados contra a vida dos refugiados cubanos nos Estados Unidos, inclusive até ao ponto de ferir alguns deles, em casos que seriam amplamente divulgados.»

- «Fazer explodir algumas bombas de plástico em lugares cuidadosamente escolhidos, deter alguns agentes cubanos e tornar públicos documentos preparados que ajudassem a projectar a ideia de um governo irresponsável.»

- «Poderia ser simulada uma expedição "do território cubano, apoiada por Castro", contra uma nação caribenha vizinha de Cuba.»

- «O uso de aviões MIG tripulados por pilotos norte-americanos poderia oferecer motivos adicionais de provocação.»

- «A flagelação de aviões civis, ataques contra navios e destruição de aviões militares norte-americanos não tripulados, por parte de aviões MIG cubanos, poderiam ser acções complementares úteis.»

- «Um F-86 pintado adequadamente poderia convencer os passageiros de outro avião que viram um MIG cubano, especialmente se o piloto do avião o afirmasse como um facto real.»

- «Tentativa de sequestro de aviões civis ou de embarcações, para fazer crer que são acções promovidas pelo governo cubano.»

- «É possível criar um incidente que demonstre de maneira convincente que um avião cubano atacou e derrubou um avião civil alugado que voava dos Estados Unidos para a Jamaica, Guatemala, Panamá ou a Venezuela.»

- «Os passageiros poderiam ser um grupo de estudantes universitários ou qualquer outro grupo de pessoas com interesses comuns para alugar um voo.»

- «É possível fabricar um incidente em que pareça que aviões MIG cubano-comunistas derrubaram um avião da Força Aérea dos Estados Unidos em águas internacionais, produto de um ataque não provocado.»

Cinco meses depois, em Agosto de 1962, o general Maxwell Taylor, presidente da Junta de Chefes de Estado Maior, confirmava ao presidente Kennedy que não via nenhuma possibilidade de que o governo cubano pudesse ser derrubado sem a intervenção militar directa dos Estados Unidos, pelo que o Grupo Especial Ampliado recomendava um desenvolvimento ainda mais agressivo da Operação Mangosta. Kennedy autorizou a sua execução. «É assunto de urgência.»

Esses planos de invadir Cuba, congelados nos primeiros meses de 1962, de que chegaram notícias altamente confidenciais aos governos da União Soviética e de Cuba, determinaram a decisão coordenada entre ambos os países de instalar com urgência os mísseis estratégicos, cuja presença desencadeou a chamada 'Crise dos Mísseis', nesse mesmo ano.

Hoje, diante dos factos demonstrados e confessados, ninguém tem direito de duvidar de quem foram os responsáveis, na sua obsessão contra a Revolução Cubana, por o mundo ter estado tão perto do desencadeamento de uma guerra termonuclear.

**Nono:** A realidade irrefutável, demonstrada com factos e documentos, que ninguém ousará rebater, explica os imensos gastos em recursos económicos e humanos e os sacrifícios impostos ao nosso povo para se defender, durante quarenta anos, do perigo de uma invasão militar directa por parte dos Estados Unidos.

As necessidades da Defesa cubana não têm comparação com as de qualquer outro país do mundo. Isso impôs o inevitável sobredimensionamento das acções de preparação do povo para garantir a sua própria sobrevivência.

A ideia básica foi a de evitar a guerra, mantendo e desenvolvendo uma resposta armada potencial com a participação de todo o povo, e uma doutrina de luta para enfrentar uma invasão militar que representaria um alto custo para os invasores, o que desmotivaria uma agressão directa dos Estados Unidos. Tornou-se necessário dar, durante muito tempo, uma grande prioridade a essa actividade.

Nos últimos anos foi possível reduzir os efectivos militares, graças precisamente a essa concepção, apesar do notável incremento da hostilidade contra Cuba nas últimas décadas. Apesar da importante poupança que tal redução tem significado, a defesa ainda continua a ser a prioridade principal do país. O esforço anual no treino de milhões de homens e mulheres, e a preservação da capacidade combativa do povo, a construção de custosos refúgios e outras obras fortificadas para a protecção da população civil e dos combatentes, a que foi necessário dar mais ênfase devido ao vertiginoso desenvolvimento tecnológico atingido pelos Estados Unidos na esfera militar, precisaram e requerem hoje um investimento considerável de recursos humanos e materiais.

Durante o período compreendido entre 1960 e 1998, segundo cálculos feitos, temos sido obrigados a manter um especial sobredimensionamento no respeitante à quantidade de pessoal vinculado à defesa. Parâmetros aceites internacionalmente estabelecem que as forças em actividade na Defesa de um país devem rondar os 0,4 por cento da população existente. Tendo em conta este critério, o nosso país foi obrigado a ultrapassar consideravelmente esses parâmetros, condicionado pela situação de guerra que lhe foi imposta durante todos estes anos. Durante o período atrás referido, essa diferença, quanto ao pessoal, é estimada em mais 4 362 645 pessoas mobilizadas para a defesa do país do que do que o previsto nos parâmetros aceites internacionalmente como normais.

A situação descrita, que é totalmente anómala para um país de escassos recursos económicos, pequena dimensão e baixo índice demográfico, associada à ameaça permanente da potência militar mais poderosa do mundo, teve como consequência que o esforço colossal e extraordinário na preparação combativa do país imposto pela política agressiva dos Estados Unidos provocasse a perda de 2354 vidas humanas, e a incapacidade de 1833 pessoas. Os portadores desta situação constam dos documentos que entregamos adicionalmente, marcados com os números 23 e 24.

Com os factos relatados ficou a nu a responsabilidade civil do Governo dos Estados Unidos da América na manutenção de uma guerra contra a nossa nação, as suas instituições e organizações, ao longo de mais de quarenta anos.

Estes extremos obrigaram as organizações sociais e de massas que representamos neste processo





## EM FOCO



a travar uma intensa batalha em todas as frentes, face às inadmissíveis agressões de uma superpotência. Os Estados Unidos converteram o «problema Cuba» numa questão de política internacional, alvo de todo o tipo de manipulações, intrigas, posições demagógicas e ambições partidárias e pessoais. O Congresso dessa nação dita leis de um marcante carácter extraterritorial e de ingerência, ao promulgar normas que pretende sejam cumpridas por Cuba e pelo resto do mundo, para satisfazer as suas pretensões de dominação em relação ao nosso país. Esses aspectos, embora não constituam alicerce concreto da nossa demanda, são expostos para que o tribunal possa avaliar integralmente a dimensão dos danos e prejuízos que temos relatado e, conseqüentemente, a magnitude da indemnização que estamos a solicitar.

### Baseamos esta Demanda nos seguintes: Fundamentos de Direito

1. Que se estabeleça esta demanda mediante Processo Ordinário, tendo em consideração que a quantia do que se reclama por conceito de reparação de danos e indemnização de prejuízos excede o estipulado pelo artigo n.º 223.1 da Lei de Procedimento Civil, Administrativo e do Trabalho.
2. Que é competente, por motivo da matéria para o conhecimento da actual demanda, o Tribunal Provincial Popular da Cidade de Havana, por se tratar de uma demanda de conteúdo económico, cuja quantia ultrapassa o estipulado pelo artigo n.º 6.1 da Lei de Procedimento Civil, Administrativo e do Trabalho, sendo competente, por razão do lugar, o próprio Tribunal, dada a submissão tácita que fazemos a ele, possibilitada pelo artigo 10.1, em relação com o n.º 8, ambos da mencionada Lei de trâmites.
3. Que a demanda que estabelecemos é estruturada organizada, em concordância com os requisitos que estabelece, nesse sentido, o artigo 224, acompanhando o escrito promocional dos documentos justificativos do carácter pelo qual comparecemos, cumprindo com o estipulado no artigo n.º 226, bem como os documentos em que fundamentamos o direito que estamos alegando, conforme o estipulado no artigo n.º 227, que acompanham as cópias necessárias para verificar a demanda colocada ao demandado, segundo o artigo n.º 228, todas da Lei de Procedimento Civil, Administrativo e do Trabalho.
4. Que em virtude desta demanda deverá ser notificado o demandado, mediante Comissão Rogatória, diligência que se verificará através do Ministério das Relações Exteriores da República de Cuba, ao abrigo dos preceitos dos artigos n.º 229 e 230, em relação ao n.º 170, todos da Lei de Trâmites Cíveis.
5. Que ao abrigo das pretensões concretas que resultam desta demanda, a decisão que se tomar deverá concordar com a solicitação da pena que propomos, conforme determina o artigo n.º 146 da dita Lei de Procedimento.
6. Que estão legitimados para promover este processo os mencionados no início da demanda, na sua condição de presidente, coordenador nacional ou secretário-geral, respectivamente, em nome das pessoas jurídicas que representam, por serem as que detêm a máxima responsabilidade destas organizações, as quais, por sua vez, representam os interesses específicos dos seus membros, tal como estipulam os respectivos estatutos internos, tudo isso em virtude dos preceitos dos artigos 39.1 e 2.c, 40, 41 e 42, todos do Código Civil, em relação com o artigo n.º 64 da Lei de Procedimento Civil, Administrativo e do Trabalho, e o artigo n.º 7 da Constituição da República.
7. Que a actual demanda se baseia na violação dos direitos civis dos cidadãos cubanos, referentes ao direito à vida e ao direito à integridade física, reconhecidos como direitos inerentes à pessoa humana como estipula o artigo n.º 38 do Código Civil, e cuja violação legitima a exigência de reparação dos danos e a indemnização pelos prejuízos causados, este último ao abrigo da alínea c) do referido artigo do Código Civil.
8. Que a pretensão concreta que se deduz desta demanda está ao abrigo da alínea d), do artigo n.º 111 do Código Civil, enquanto a violação dos direitos civis mencionados supõe a responsabilidade extraterritorial da parte demandada, na sua condições de devedora, refe-

rente à obrigação de indemnizar os prejuízos e reparar os danos causados, sendo apoiado pelo princípio geral do Direito do *neminem laedere* que se considera transgredido.

9. Que o acto ilícito que se atribui ao devedor, na sua condição de demandado, leva implícito o facto de ocasionar dano ou prejuízo a outro, e é, por sua vez, fonte de relação jurídica civil e, concretamente, de uma relação jurídica obrigada, cujo conteúdo supõe a prestação de indemnização pelo seu autor, responsabilidade que, à luz do ordenamento civil cubano, tem um marcante carácter objectivo, baseado nos artigos n.º 81, em relação com o artigo n.º 47, alínea c), 46, alíneas 3 e 82, todos do Código Civil.

10. Que o conteúdo de ressarcimento da responsabilidade civil compreende, entre outros, a reparação do dano material, no sentido de pagar o valor do bem, e que tratando-se nesta oportunidade de bens de incalculável valor e de impossível restituição pela sua natureza, como são a vida humana e a integridade física, o que corresponde é a avaliação e compensação, por via pecuniária, do montante desta reclamação, tudo isso ao abrigo do artigo n.º 83, alínea b), em relação com o 85, ambos do Código Civil, e a reparação do dano moral, mediante retractação pública do ofensor, segundo estabelece o artigo 88 do próprio documento. Além disso, o ressarcimento compreende também a indemnização dos prejuízos ocasionados no caso de morte ou de deficiência física, estendendo-se ao sustento da família, obrigação que até hoje tem assumido a sociedade cubana, bem como todos os ordenados não recebidos em consequência da ausência desse membro da família, e o que representa para o deficiente a perda ou diminuição do seu salário e a sua completa reintegração na vida social, devido às sequelas ou deficiência física e conseqüente inaptidão para o trabalho, e todas as despesas que as vítimas ou os seus familiares realizaram para tentar recuperar a saúde física ou psíquica do lesado, ao abrigo do artigo 87, alínea c), todos do Código Civil.

11. Que por se ter produzido no território nacional da República de Cuba, ou nas suas sedes diplomáticas, em navios e aviões de matrícula cubana, ou contra pessoal que prestava serviço no exterior, ou noutros casos com similar direito de protecção, a lei aplicável é a lei nacional cubana, em virtude do artigo 16 do Código civil.

12. Que as normas jurídicas que abrigam na ordem substantiva esta reclamação, anteriormente mencionadas, devem ser interpretadas e aplicadas em conformidade com os fundamentos políticos, sociais e económicos do Estado cubano, expressos no Capítulo 1 da Constituição da República, segundo prescreve o artigo 2 do Código Civil.

13. Que as normas do Código Civil vigente, já mencionadas, são de aplicação ao conteúdo desta reclamação na íntegra, devido a que as relações jurídicas obrigatórias, constituídas ao abrigo da legislação anterior, mantêm o seu valor, enquanto os seus efeitos posteriores à

vigência do actual Código Civil se regem pelas disposições deste, conforme a Disposição Transitória Primeira do Código Civil.

14. Que a representação dos advogados signatários se baseia nos preceitos do artigo 414 do Código Civil.

### Pretensão concreta

Que o Tribunal decida a pena ao demandado, na sua condição de devedor civilmente responsável, por conceito de **reparação de dano material**, com um pagamento pelo valor da vida de **3478** pessoas, que é impossível de substituir e é também incalculável, de um valor equivalente a uma média de **30 milhões de dólares a cada um dos falecidos**, o que representa um total superior a **104,3 milhões de dólares**, e o pagamento pelo valor da integridade física ilicitamente prejudicada de **2099** pessoas, também insubstituível *in integrum*, de um valor equivalente a uma média de **15 milhões de dólares a cada um dos deficientes físicos**, num total de cerca de **31,5 milhões de dólares**.

Que também se decida por conceito de **indemnização por prejuízos**, como retribuição das prestações que teve de assumir a sociedade cubana e demais rendimentos não recebidos por vítimas e familiares dos factos ocorridos *ut supra*, o pagamento de **34,7 mil milhões de dólares**, equivalente a uma média de **10 milhões de dólares a cada um dos falecidos**, e de **10,5 mil milhões de dólares**, equivalente a uma média de cinco milhões de dólares, para cada um dos deficientes.

De acordo com o que atrás ficou dito, exige-se a condenação ao **pagamento único da quantia de 181,1 mil milhões de dólares**.

Além disso, é do nosso interesse que, de acordo com o nosso Direito positivo, se inste a que o demandado se desculpe publicamente pelo dano moral provocado tanto aos familiares como às vítimas dos acontecimentos narrados nesta demanda.

Que a reclamação que estabelecemos pelo valor da vida dos 3.478 cubanos mortos e 2099 deficientes é substancialmente inferior ao montante fixado pelo senhor Lawrence King, Juiz Civil do Distrito do Sul da Flórida, que nos processos n.º 96-10126, 96-10127 e 96-10128 condenou a República de Cuba a pagar 187.627.911 dólares pela morte, nas proximidades das costas cubanas, dos pilotos Armando Alejandro, Carlos Alberto Costa e Mario M. de la Peña, devido ao incidente provocado pelas inúmeras violações do espaço aéreo cubano durante muitos anos, sendo exigida uma média de 62.542.637 dólares para cada um dos falecidos, a partir da soma de indemnizações por dois conceitos: danos compensatórios e danos punitivos, de acordo com as suas leis, que se pode comparar com a média de 40 milhões de dólares por cada um dos falecidos, que o povo de Cuba também exige, por dois conceitos: reparação do dano material e indemnização por prejuízos, de acordo com as nossas leis.

Se tivéssemos estabelecidos a mesma base de cálculo do juiz King, a nossa reclamação seria superior a 217,5 mil milhões de dólares, isto é, mais 78,4 mil milhões do que estamos a exigir.

### Portanto

**Solicitamos ao Tribunal:** que aceite como apresentado este escrito, com as suas cópias e os seus documentos, que justificam a representação e o direito que invocamos, e que em consequência receba a Demanda em Processo Ordinário sobre Reparação de Danos e Indemnização de Prejuízos, bem como aceite como demandado o Governo dos Estados Unidos da América, o qual deve ser submetido a processo no prazo estabelecido através da Comissão Rogatória, a fim de se apresentar pessoalmente e responder o que, no seu direito, considerar, e que após o cumprimento dos outros trâmites legais se dite a sentença no dia marcado, declarando com lugar esta Demanda, e se decida a pena do modo em que se redigiu na nossa Pretensão.

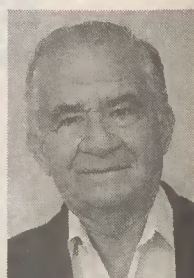
**Outrossim:** É interesse do Tribunal que, em virtude do estabelecido no artigo n.º 170 da Lei de Procedimento Civil, Administrativo e do Trabalho, se dê conhecimento ao Ministério das Relações Exteriores da República de Cuba, a fim de diligenciar o processo do demandado.

Cidade de Havana, 31 de Maio de 1999-08-26



Um Vietname latino-americano no horizonte

# EUA preparam intervenção na Colômbia



■ Miguel Urbano Rodrigues

Uma nova intervenção imperial pode produzir-se em breve. O cenário seria a América Latina, o alvo a Colômbia e o agressor os EUA, desta vez sem o disfarce da NATO. O plano foi elaborado com antecedência. Somente lhe faltam os acabamentos, embora alguns sejam fundamentais. Mas a sua concretização depende de factores imprevisíveis. Pode ser executado, adiado ou mesmo anulado. O projecto é obviamente inseparável da ânsia de poder universal e perpétuo que determina hoje o rumo da política externa dos EUA.

Como já é tradicional nestas situações, uma campanha mediática intensa foi lançada oportunamente com o objectivo de persuadir a opinião pública mundial de que a defesa da democracia, da paz e de liberdades fundamentais pode tornar indispensável e necessária a intervenção dos EUA na pátria de Garcia Marquez. A fórmula não seria original; apenas uma adaptação da já utilizada nas semanas que precederam as intervenções no Golfo, na Somália, na Bósnia e a guerra contra a Jugoslávia. Subitamente, e sem justificação aceitável, a Colômbia passou a aparecer com frequência suspeita nas manchetes dos jornais e dos grandes diários. Editoriais, reportagens, artigos começaram a projectar as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) a imagem de uma guerrilha demoníaca de bandoleiros e assassinos, intimamente ligada aos cartéis da droga.

Foi o primeiro passo. A segunda mensagem estabelecia a ponte entre o combate sem tréguas à guerrilha e a preservação da democracia na Colômbia. A terceira insistia na fragilidade do exército da Colômbia para enfrentar vitoriosamente uma guerrilha «poderosamente armada, cuja expansão configura já uma ameaça para todo o Continente». A quarta, finalmente, empurrava para a conclusão de que somente os EUA, nação predestinada para salvar a humanidade, com o apoio de estados democráticos da América do Sul, estão em condições de conjurar o perigo representado pelas FARC.

Esse é o folhetim envenenado que o sistema mediático difundido pelo mundo, confiante na velha máxima gobelsiana de que uma mentira, à força de repetida, acaba por ser recebida como verdade.

## As manobras e intrigas do general Mc Caffrey

Três altas personalidades norte-americanas visitaram recentemente a Colômbia incumbidas de missões delicadas. A mais destacada foi o subsecretário de Estado para Assuntos Políticos, Thomas Pickering. Clinton mandou-o a Bogotá como «enviado especial» para analisar a situação no país. Outra foi o general Charles-Wilhem, chefe do Comando Sul, cujo papel em diferentes intervenções militares no Continente é sobejamente conhecido.

A terceira, o general Mc Caffrey, conhecido pela alcunha de czar antidroga pelo trabalho desenvolvido no comando da Drug Enforcement Agency - a famosa DEA (cujas íntimas ligações com a CIA foram recentemente tornadas públicas) desempenhou um papel importante na difusão da mentira necessária: a ameaça colombiana.

Clinton enviou-o a Caracas e Bogotá com essa missão específica. Mas as coisas correram mal. Mc Caffrey subestimou Hugo Chavez. Acreditou poder convencer o presidente da Venezuela a aceitar a proposta da instalação de bases aéreas norte-americanas no país para, supostamente, imprimir maior eficácia ao combate ao narcotráfico. Escutou um rotundo Não! Chavez informou-o de que a Venezuela repudia todas as formas de intervenção militar, directas ou indirectas, no Continente.

Em Bogotá a missão também falhou. Mc Caffrey manifestou ali a esperança de que os EUA possam ajudar o governo de Andres Pastrana «nos desafios relacionados com a busca da paz, no aspecto económico e na cooperação antidrogas». O seu temperamento belicoso desviou-o porém para terrenos delicados. Deu opiniões críticas sobre o diálogo de Pastrana com a guerrilha. No seu entender, a paz passa não por conversações mas pelo

esmagamento das FARC pelo exército. Obviamente, os generais colombianos aplaudiram, tal como os bandos paramilitares de Castaño.

No regresso, o czar, sempre impulsivo, acumulou erros. Numa conferência de imprensa afirmou ter provas de que guerrilheiros das FARC estavam já operando nas selvas do Brasil, do Equador, da Venezuela e do Peru. Não apresentou, entretanto, uma só prova.

O impacto dessas alarmantes declarações foi grande e imediato. O governo brasileiro sentiu a necessidade de desmentir o general.

Em Washington, Clinton não conseguiu disfarçar o seu mal estar.

No dia 21 de Julho, o presidente havia afirmado que o conflito colombiano se tornou já «uma questão de segurança nacional» para os EUA.

O czar, por inábil, contribuiu para que as pontas do véu que encobria a conspiração começassem a ser levantadas.

## O plano da CIA

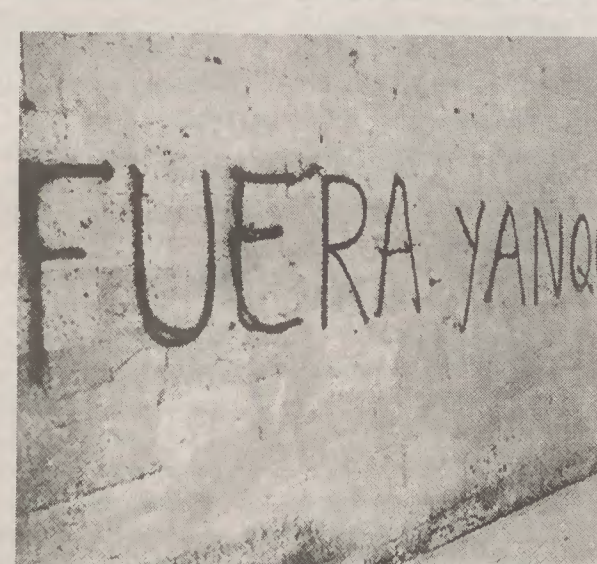
Em Buenos Aires, o diário *La Nación* informou na edição de 22 de Julho que o governo dos EUA sondara a Argentina sobre a possibilidade do lançamento de «uma iniciativa internacional para a Paz na Colômbia», iniciativa a que Washington daria a sua adesão. O presidente Menem não comentou, mas no dia 26

declarou que o seu país estava disposto a enviar tropas para a Colômbia se o governo de Pastrana lhe dirigisse um apelo nesse sentido. O vice-ministro dos Estrangeiros, Andres Cisneros, deixou entrever as hesitações argentinas ao esclarecer que o seu governo não se envolveria no problema colombiano «sem antes ouvir a opinião dos nossos vizinhos e sócios na Região», ou seja, os demais estados do Merco Sul.

Para a Administração Clinton, as esperanças de montar na América do Sul uma espécie de coligação que pudesse repetir no Hemisfério a função que os aliados da NATO cumpriram na Europa na agressão contra a Jugoslávia começaram a desvanecer-se quando Fernando Henrique Cardoso, de visita ao Peru, declarou em Lima que somente apoiaria qualquer tipo de cooperação internacional com a Colômbia se esta não implicasse «formas de intervenção nos seus assuntos internos». E a 27 de Julho, o ministro das Relações Exteriores, Luís Filipe Lampraia, clarificou as palavras de FHC ao sublinhar que «o Brasil não está de acordo com intervenções militares no Continente».

Em Lima, dois dias antes, o diário «República» num artigo de grande repercussão fizera revelações que confirmaram a gravidade e a complexidade que o plano conspirativo anti-colombiano assumira. Segundo o jornal, a CIA tinha apresentado em Junho a Vladimiro Montesinos, o assessor especial de Alberto Fujimori, um projecto alternativo, prevendo o malogro das negociações de paz entre o governo Pastrana e as FARC.

Estranhíssimo plano: traçava as linhas gerais da intervenção simultânea dos exércitos do Peru e do Equador na luta contra as FARC nas regiões próximas da fronteira, em operações coorde-



nadas com o exército colombiano. Segundo a revista «Brecha», de Montevideo, que publicou sobre o conjunto enovelado da conspiração um bem documentado artigo, «os EUA participariam com abundante material logístico, homens e armas de última tecnologia».

Os desmentidos de Washington foram, além de inconvenientes, ridículos. Em Bogotá, o diário *El Espectador* revelou na

sua edição de 27 de Julho que o avião norte-americano que caiu no Sul da Colômbia participava numa missão de espionagem. O aparelho, um DCH-7, tinha uma tripulação militar de 7 homens e estava equipado com material de alta tecnologia. Que faziam esses oficiais e soldados dos EUA sobrevoando uma zona totalmente controlada pelas FARC num voo secreto? Washington não rompeu o silêncio.

As FARC desmentiram qualquer participação sua na queda do avião, mas num comunicado difundido pela Internet advertiram Washington de que «se os EUA ampliarem a sua intervenção na Colômbia as suas tropas regressarão ao país com trágicos resultados, com mortos e feridos».

No mesmo comunicado as FARC informavam que em caso de intervenção, «todos os assessores norte-americanos e as instalações militares dos EUA serão considerados objectivos militares».

## A pergunta de Fidel

Os factos são suficientemente claros. Sobre a Colômbia pende a ameaça de uma brutal intervenção militar dos EUA. Somente as dificuldades encontradas por Washington

para formar uma coligação fantasma que desse cobertura política ao projecto forçaram a Casa Branca a desistir da concretização imediata do plano de agressão.

Mas o peso do fantasma da intervenção é tamanho que ninguém reagiu com surpresa às perguntas de Fidel Castro dirigiu no Brasil aos governantes europeus durante o Encontro que ali os levou recentemente. Mostraram-se quase todos perturbados quando solicitados a pronunciarem-se sobre as consequências do eventual bombardeamento pelos EUA de um país sul-americano, à sombra do novo conceito estratégico da NATO.

Aparentemente uma intervenção dos EUA na Colômbia seria uma insensatez política e militar. Washington não somente não poderia contar com o apoio dos seus aliados europeus como desencadearia uma vaga de indignação de dimensões continentais na América Latina, com efeitos desastrosos para a imagem dos EUA no hemisfério.

Os militares mais lúcidos do Pentágono desaprovam, aliás, a iniciativa ao analisar a hipótese da intervenção numa perspectiva estritamente militar. A situação seria totalmente diferente daquelas que os EUA enfrentaram na Bósnia e na Jugoslávia. O governo de Bogotá é um aliado firme de Washington. Cabe perguntar que objectivos iriam bombardear os aviões da USAF? A guerrilha das FARC está hoje disseminada por todo o país, embora disponha de bastiões onde controla a totalidade do território, como ocorre na Zona desmilitarizada de 42 000 km<sup>2</sup>, onde decorreu a primeira fase das negociações de paz com o governo de Pastrana.

Na Colômbia, os EUA encontrariam um inimigo inviolável, uma guerrilha com décadas de experiência, e um espírito de luta inquebrantável. Os 15 000 combatentes das FARC seriam um adversário formidável para uma tropa de intervenção norte-americana. Se Washington evitou no Kosovo envolver-se em operações no terreno contra o exército jugoslavo, a lógica mais elementar desaconselharia agora o confronto militar directo com as FARC.

A lógica, entretanto, raramente pesou nas grandes decisões que precederam as agressões norte-americanas a diferentes países. É preocupante - apenas um exemplo - a insistência com que os grandes *media* dos EUA começaram a satanizar a figura de Manuel Marulanda, o comandante supremo das FARC. Tentam repetir uma tática utilizada com êxito na demonização de personalidades como Kadafi, Saddam Hussein e, ultimamente Milosevic. Na tentativa de criar bom ambiente à intervenção comem neste caso o enorme erro de apresentarem como bandoleiro, assassino e aliado de narcotraficantes um homem que ganhou pela sua trajectória, ao longo de quatro décadas, na direcção de uma guerrilha invencível, o perfil de um herói. A campanha contra «Tiro Fijo», como é conhecido Marulanda, montada nos EUA, está a produzir resultados opostos ao visado. A máscara de Satã não se ajusta ao revolucionário que emerge na América Latina como personagem quase mítica.

O mais elementar bom senso desaconselharia, repito, uma intervenção militar norte-americana na Colômbia. O traço dominante na elaboração da política externa dos EUA não é, entretanto, o bom senso, mas sim uma irracionalidade crescente e agressiva. Daí a legitimidade do temor de que o sistema de poder que hoje põe e dispõe na grande república norte-americana envolva a América Latina nas labaredas de uma nova tragédia quando ainda não se extinguíram as chamas do brasileiro jugoslavo. É um irracionalismo aparentado com o do Reich nazi e não a lógica cartesiana que funciona como motor da insaciável ambição imperial dos EUA



A presença militar dos EUA na América Latina tem sido uma constante ao longo da conturbada história do subcontinente. A pretexto da «luta contra a droga» ou da «defesa da democracia», Washington sempre apoiou as ditaduras latino-americanas e os governos reaccionários contra os movimentos guerrilheiros que se batem pela justiça social e a liberdade. Apesar da intimidação militar, o povo colombiano tem repetidamente manifestado nas ruas o seu protesto contra as imposições do FMI e pela abertura democrática. Uma eventual intervenção na Colômbia, como a que parece estar na forja, poderá ser a reedição de um novo e sangrento Vietname









# Barrancos para além dos toiros

Como bem se sabe, Barrancos tem sido muito falada. Eminentemente juristas e equiparados que nunca deram mínimos sinais de preocupação pelo direito dos cidadãos ao trabalho, previsto em leis fundamentais, mostraram-se muito ralados por poder vir a ser recusado a uns bois o direito ao matadouro. Por seu lado, as TV's falaram mais de Barrancos em meia dúzia de dias que em todo o resto do ano. Chegou a coisa ao ponto de o ministro Jorge Coelho se mostrar perante as câmaras vivamente preocupado, não fosse Barrancos roubar protagonismo a Timor nos passados dias 30 e 31. Não fosse Timor uma situação de tragédia e teria sido, sem dúvida, caso para chacota.

Porém, na própria semana que antecedeu as festas de Barrancos, ocorreu qualquer coisa de inesperado: Barrancos foi falada, sim, mas não por causa dos seus touros. Foi numa emissão de «Sinais do Tempo», da TV2, no contexto de um trabalho sobre a Guerra Civil de Espanha assinado por Carlos Santos Pereira. Aí se disse que, mesmo mais de sessenta anos depois, a memória dessa guerra, e mais exactamente dos crimes atrozes cometidos pelos franquistas com a cumplicidade activa do fascismo português, persiste entre os barranquinhos, junto dos quais um trabalho de

o sentido de fraternidade com os republicanos espanhóis de 36 mantêm-se vivos em democratas do país inteiro. É que a resistência à barbárie franquista era então uma luta de todos os antifascistas portugueses, como de resto este «Sinais do Tempo» não deixou de registar quando recolheu palavras de um extarrafalista. Num certo sentido, poder-se-ia dizer que todos os democratas do nosso país eram «brigadistas» no sentimento, e muitos deles o foram de facto na ajuda concreta aos defensores da República mesmo sem terem cruzado a fronteira. Entre esses, estiveram sem dúvida muitos de Barrancos.

Os momentos em que foram referidos a Brigada Internacional e os 35 mil brigadistas que a integraram foram exactamente dos melhores de todo o trabalho de Santos Pereira pela carga emocional que sempre acompanha essa evocação, como é justo e inevitável. De resto, todo o programa se revestiu de muito interesse, é claro que não diminuído pela circunstância de a Guerra Civil Espanhola já ter sido tema de várias outras emissões, creio que

sempre na TV 2 e não decerto por acaso. O crime franquista teve entre nós, durante várias décadas, uma intensa cobertura de falsificações e invencionices cujos efeitos tóxicos ainda perduram, pelo que seria leviano supor que já não vale a pena voltar ao assunto. Para lá disto, há ainda as pequenas e já inconscientes distorções que desfocam o claro entendimento do que se passou. Por exemplo: o já

TVISTO

Correia da Fonseca



reportagem recolheu reminiscências muito vivas. É que, ao contrário do que as TV's quase sugeriram, embora decerto na mais perfeita inocência, Barrancos não é apenas uma festa com toiros de morte uma vez em cada ano: é solidariedade, sentido de justiça, cidadania. E, sempre que as circunstâncias o justificam, indignação pela crónica marginalização pelo chamado poder central. Quanto a isto, saltam-me à memória palavras de um velho fado: «... mais marradas dá a fome/do que um toiro tresmalhado».

## Não apenas na raia

Entenda-se: o centro do programa de Carlos Santos Pereira não foi Barrancos, mas sim a Guerra Civil espanhola, e de resto Barrancos foi citada no quadro da perenidade da guerra na lembrança das populações portuguesas da raia. Em todo o caso, parece-me que a informação prestada peca por defeito: embora os portugueses da fronteira, e mais ainda talvez os da raia alentejana, tenham sentido com maior proximidade a tragédia espanhola, a memória do conflito e

lugar-comum de caracterizar a Guerra Civil como «um ensaio para a Segunda Guerra Mundial», quando muito mais exacto e importante será olhá-la como um episódio extremo da luta de classes na Europa.

Apesar da qualidade do programa, não quero deixar de registar um pormenor que me desconcertou: a citação do «acordo Molotov-Ribbentrop», referido no âmbito do ano de 38 como tendo sido um dos factores de fragilização da defesa da República. Creio que a alusão só pode ter sido ao pacto germano-soviético na verdade assinado em Agosto de 39, já com Franco vitorioso, e cuja motivação e sentido são cronicamente falsificados pelo anticomunismo mais crapuloso. Mas, repito, este «Sinais do Tempo» foi um precioso e hoje raro momento de televisão. Com o mérito acrescido de vir lembrar-nos, naqueles dias em que as TV's quase proclamavam que Barrancos é só uma questão de matar ou não quatro toiros, a vila tem outras tradições, outra densidade, gente humanamente mais rica do que talvez desejem que imaginemos. E que, sem que nos tenhamos de envergonhar pelo seu apego às festas de Agosto, nos dá ainda outros motivos para que dela nos orgulhemos.

# O PSD de Durão Barroso

## — «um tigre de papel»

Carlos Gonçalves

Passaram pouco mais de cinco meses desde que se finou a AD, sufocada numa «vichyssoise» de Universidade Moderna e intrigalhadas diversas. Começou então o «ciclo Durão» e foi grande o entusiasmo dos «media» e dos barões. Em 1 de Abril, ironia de «dia das mentiras», o «Público» afirmava: «Durão faz subir o PSD». Mas hoje, à beira da campanha eleitoral, o PSD mais faz lembrar «um tigre de papel», como diria o maoísta Durão dos idos de 1975.

Há pouco mais de cinco meses, com o PP atascado na lama da Universidade Moderna e os «media» na onda do ministro Jorge Coelho para implodir a AD, Durão Barroso apareceu como a nova estrela do PSD, a salvação da direita em crise, o predestinado e desejado «príncipe herdeiro» do «cavaquismo» que finalmente reclamava o trono.

Mas passam as modas mediáticas (e Jorge Coelho vela por isso) e hoje, uns curtos quatro meses após o congresso de Coimbra o ter eleito presidente do PSD, a tónica alterou-se, fala-se agora de «líder fraco», de «PSD sem comando» e em «perda» e de «contestação a Durão», e data-se a próxima «noite das facas longas» para 10 de Outubro e o próximo Congresso para Novembro.

Para este acervo de comentários e ideias feitas da «opinião publicada», pesam, é evidente, a actual e bem efectiva convivência do PS com o PP do inenarrável Portas, mas pesam também elementos essenciais da realidade política, que embora muitas vezes esca-

essas políticas com alterações em quantidade e grau.

É por isso que a «oposição» do PSD se fica pelo manobrismo e manipulação da opinião pública, pelo assessorio e politiqueiro e nunca chega ao estrutural, ao poder económico e à repartição de rendimentos.

Por isso, como alerta o PCP, não se ouve o PSD, tal como não se ouve o PS ou o PP, a tomar partido pelos trabalhadores, pela defesa dos seus direitos, ou pelo aumento dos salários.

Por isso o PSD dramatiza até ao absurdo e sem qualquer respeito pela verdade, as «viagens fantasma», para fazer constar que os partidos são todos iguais e escamotear responsabilidades, fingindo reclamar inquiridos parlamentares que, se assim quizesse, podia impôr potestativamente.

Por isso Durão entra desbragadamente nas promessas do «bacalhau a pataco» as chamadas «5 medidas», que só comprometem quem nelas acreditar.



moteados, repercutem nas políticas, nas propostas e na «prestação» de Durão e do PSD.

O PSD nasceu como um híbrido de «recém-democratas», caciques e barões em busca do poder ou da sua recuperação e essa génese acentuou-lhe o carácter de «partido instrumento» dos interesses dos poderosos, «partido de aparelho de poder» e «partido de clientelas».

Ora o que se passa hoje em dia é que, como o PCP tem afirmado e é reconhecido por muitos «comentadores», o PS serve «abnegadamente» esses grandes interesses e cumpre os papeis e as políticas de direita, e fá-lo, até ver, com vantagens, pelo menos formais, para o grande capital.

O PSD de Durão, como aconteceu com o PSD de Marcelo, está refém das opções instrumentais pelo PS do grosso dos grandes senhores do dinheiro, está expropriado de alternativas nas políticas mais essenciais e estruturantes e está desertificado de clientelas pelo sinecurismo orientado do Governo PS.

Aliás, quando o PSD assume o objectivo de «fazer mais e melhor», obviamente das mesmas políticas que faz este Governo, está simultaneamente a elogiar as políticas (de direita) do PS, a reconhecer que não tem propostas de política essencialmente novas nem alternativas e a perfilar-se para continuar

Por isso acena ao capital financeiro com os «pactos de regime», comprovando a vontade de o servir ao menos tão bem como o PS, e reivindica a privatização da Caixa Geral de Depósitos, antes que Guterres a implemente sem aviso prévio.

Neste quadro, por que é que quem quer que esteja de acordo com as políticas de direita mudaria o sentido do seu apoio e do seu voto do PS para o PSD?

E a não ser que Cristo desça de novo à terra, não se descortina a possibilidade do PSD alterar a seu favor a situação e as expectativas eleitorais.

Por isso, pese embora Durão tenha algumas «saídas» a roçar o desastre, faça-se-lhe a justiça de reconhecer que qualquer outro putativo presidente do PSD, estaria em dificuldades quejandas.

De facto, até ver, o PSD mais parece «um tigre de papel».

E, também por isso, não existe qualquer perigo de regresso da direita ao governo.

A questão é assim a de colocar o PS em minoria inequívoca, para que não possam piorar ainda mais as suas políticas de direita.

E o caminho é o do reforço do PCP e da CDU para uma viragem à esquerda e uma política de esquerda em Portugal.



TELEVISÃO

Quinta, 2

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
12.10 Jornal da Tarde
12.55 Futebol: Azerbaijão-Portugal (Sub 21)
15.00 Nas Asas do Destino
16.20 Lições do Tonecas
16.50 Reis do Estúdio
18.15 País, País
19.15 Os Lobos
20.00 Telejornal
21.00 As Lições do Tonecas
21.40 Docas 2
22.50 Bibliotecas
23.30 Pós de Bem Querer
00.20 24 Horas

Sexta, 3

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.05 Bonanza
11.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 O Lugar da História - "Alves Redol"
15.10 Nas Asas do Destino
16.20 As Lições do Tonecas
16.55 Futebol: Azerbaijão-Portugal (AA)
19.00 Os Lobos
20.00 Telejornal
22.45 Noites de Verão
00.20 O Guarda-Costas
(de Mick Jackson, EUA/1992, com Kevin Costner, Whitney Houston.)

Sábado, 4

RTP 1

- 08.00 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Top +
15.00 Estrada Viva
16.50 Que Vida Esta
17.20 Comédia Louca
(de Peter Chelsom, Gr.Br./EUA/1995, com Oliver Platt, Oliver Reed, Jerry Lewis, Leslie Caron. Ver Destaque)
19.10 Sexto Sentido
20.00 Telejornal
21.00 Santa Casa
22.50 Hotel Bon Séjour
23.50 Taurada
00.50 Nash Bridges
01.45 24 Horas
02.35 Os Víciosos
(de Abel Ferrara, EUA/1995, com Lili Taylor, Annabella Sciorra, Kathryn Erbe, Paul Calderon. Terror)

Domingo, 5

RTP 1

- 08.00 Infantil / Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Made in Portugal
15.00 Solteiros
15.30 Heróis em Acção
16.30 O Regresso do Olho Vivo
(de Burton Nodella, EUA/1989, com Don Adams, Barbara Feldon, Bernie Jopell. Comédia)
18.00 Destinos de Sofia
18.30 Domingo Desportivo
20.00 Telejornal
21.00 Os Principais
22.30 Jet Set
23.05 Domingo Desportivo
00.20 O Conde de Monte Cristo
02.00 24 Horas
02.40 Perigo Iminente

RTP 2

- 09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
12.00 Nancy Drew
12.30 Clive James
13.00 Quem Sai aos Seus
13.30 Saber & Fazer
14.00 Jornal de África
14.30 Rotações
15.00 Desporto 2
19.10 Bom Bordo
19.45 Duke Ellington (Parte 2)
20.50 Grandes Mulheres
22.00 Jornal 2
22.35 Horizontes da Memória

Segunda, 6

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Nico d' Obra
14.15 Consultório
15.15 Nas Asas do Destino
16.30 Lições do Tonecas
17.00 Reis do Estúdio
18.15 País, País
18.55 País Regiões
19.15 Os Lobos
20.00 Telejornal
20.45 Especial Eleições (com Carlos Carvalhas)
21.25 Nós, os Ricos
22.00 Jogo Falado
23.55 Wyatt Earp
(de Lawrence Kasdan, EUA/1994, com Kevin Costner, Dennis Quaid, Gene Hackman, David Andrews. «Western»)
03.25 24 Horas
04.30 Gente da Cidade
05.30 Máquinas

RTP 2

- 14.30 Informação Gestual
15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
16.00 Rumo ao Sul
17.00 Euronews
17.30 Açores
18.00 Informação Religiosa

Terça, 7

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Nico d' Obra
14.15 Consultório
15.15 Nas Asas do Destino
16.15 Reis do Estúdio
17.55 Futebol: Roménia-Portugal (Sub 21)
20.00 Telejornal
20.45 Especial Eleições
21.25 Mr. Bean
22.00 Herman Enciclopédia
24.00 Jess
00.40 24 Horas
01.30 Sequestro, Brigada Submarina
02.30 A Bênção do Anjo Negro
(de Wes Craven, EUA/1982, com Maren Jensen, Sharon Stone, Ernest Borgnine. Terror)

RTP 2

- 14.30 Informação Gestual
15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
16.00 Derrick
17.05 Euronews

Quarta, 8

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Nico d' Obra
14.15 Consultório
15.15 Nas Asas do Destino
16.30 Lições do Tonecas
17.00 Reis do Estúdio
18.15 País, País
18.40 País Regiões
18.55 Futebol: Roménia-Portugal (AA)
21.00 Telejornal
21.45 Especial Eleições
22.25 Diário de Maria
23.55 Bigamia
00.55 Polícias
01.55 24 Horas
03.00 Assassina
(de John Badham, EUA/1993, com Bridget Fonda, Gabriel Byrne, Dermont Mulroney, Anne Bancroft. «Thriller»)

RTP 2

- 14.30 Informação Gestual
15.00 Ciclismo: Volta a Espanha



John Glenn, o astronauta, recorda um dos momentos mágicos da aventura espacial - a alunagem. Quarta, RTP2

01.10 Coração de Aluguer
(de Jeremy Kagan, EUA/1997, com Penelope Ann Miller, Brett Cullen, Barry Corbin. Comédia romântica)

RTP 2

- 15.00 Informação Gestual
15.45 Desastre no Espaço
16.35 Civilizações Desaparecidas
17.30 Meia de Música
18.00 A Fé dos Homens
18.40 Caderno Diário / Juvenil
20.40 Riscos
21.05 3º Calhau a Contar do Sol
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 A Sanguem Frio
00.15 D' Est
02.05 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite (com Carlos Carvalhas)
21.00 Malucos do Riso
21.30 Suave Veneno
22.30 Alice & Maravilhas
24.00 Cocktail
(de Roger Donaldson, EUA/1988, com Tom Cruise, Brian Brown, Elizabeth Shue, Lisa Banes, Laurence Luckinbill. Drama)
02.00 Último Jornal
02.35 Dra. Quinn
03.35 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
12.00 Pérola Negra
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Samantha
16.00 Animação
19.00 Heróis por Acaso
20.00 Asas nos Pés
21.00 Directo XXI
21.45 Corrida de Toiros
00.25 A Bola É Nossa
02.00 Tal Pai, Tal Filho
02.30 O Rosto da Lei

Drama)
02.00 24 Horas
02.50 Páginas Negras de Patricia Highsmith
03.50 Noites Tropicais
(de Jag Mundhra, União Indiana/1993, com Lee Anne Beoman, Asha Siewkunar, Ashok Rao. «Thriller»)

RTP 2

- 15.00 Informação Gestual
15.45 O Caminho das Estrelas
16.35 Civilizações Desaparecidas
17.35 Meia de Música
18.00 Programa Religioso
18.30 Caderno Diário / Juvenil
20.40 Riscos
21.05 3º Calhau a Contar do Sol
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 O Relógio do Apocalipse
00.20 O Corpo Humano
00.50 Meia de Música
01.20 Amigos

SIC

- 08.00 Rallye da Finlândia
08.30 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Ponto de Encontro
22.40 Suave Veneno
23.40 Jogo Limpo
02.00 Último Jornal
02.35 A Mulher do Assassino
(de Robert Dornhelm, EUA/1993, com Helena Bonham Carter, Robert Picardo, Frank Whaley. Drama)
04.35 Portugal Radical
05.05 Vibrações

TVI

- 09.00 Animação
12.00 Pérola Negra
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Samantha
16.00 Animação
19.00 Vámos Estragar o Dia do Pai
(Longa-metragem. Comédia)
21.00 Directo XXI
21.40 Os Reis da Música Nacional
00.20 Fúria Imediata
(de Craig Baxley, EUA, com Gregory Harrison, Hohn Galechi, Neal Patrick Harris. Drama)
02.15 Tal Pai, Tal Filho
02.40 O Rosto da Lei

RTP 2

- 09.00 Universidade Aberta
12.00 Aventuras Espaciais
12.25 Mentes que Brilham
13.15 O Importante São as Pessoas
14.30 Desporto 2
19.40 2001
20.10 Onda Curta
(Saudações aos Cubanos, Curta Metragem de Agnès Varda,



Vitorino Nemésio, o grande escritor que foi também uma das primeiras "estrelas" da televisão em Portugal: um "Retrato" segunda à noite na RTP2

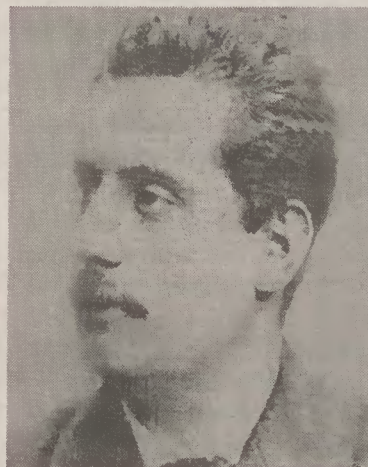
- Fr./1963. Documentário / Ver Destaque)
20.40 Departamento de Homicídios
22.00 Jornal 2
22.40 Passeio da Fama
23.40 O Lugar da História
00.40 Allô, Allô!
01.10 Jogo da Vida
01.40 Smith and Jones
02.10 O Diário do Sedutor
(de Danièle Dubroux, Fr./1995, com Chiara Mastroianni, Melvée Poupaud, Mathieu Malric, Jean-Pierre Léaud. Ver Destaque)

SIC

- 08.00 Buêrére
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Aventureiro Galante
(Longa Metragem)
16.00 Big Show Sic
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.20 Pequenos e Terríveis
23.20 Afrodísia
00.20 Terror na Auto-Estrada
(de Robert Harmon, EUA/1986, com Rutger Hauer, Jennifer Jason Leigh, C. Thomas Howell. «Thriller»)
02.45 Último Jornal
03.20 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
11.50 Top Rock
13.00 Contra-Ataque
14.30 Caras Lindas
16.00 Um Casamento de Conveniência
(de James Keach, EUA/1998, com James Brolin, Jane Seymour, Shirley Knight. Drama)
17.30 Sozinhos em Casa
(de Sean McNamara, EUA/1998, com Debby Boone, Jim Varney, Roey Zimmerman. Drama)
19.30 Directo XXI
20.00 Futebol: União de Leiria-Benfica
21.40 O Segredo das Estrelas
23.30 A Vingança do Falcão
(de Mika Kaurismäki, EUA/1993, com Fanny Busetin, Jolyon Baker, Jurgen Porchnow. Drama)
01.30 Os Visitantes da Noite
(de Jorge Montesi, EUA/1996, com Markie Post, Candance Cameron, Daler Midkiff. Terror)
02.20 Histórias Fantásticas



"La Bohème", por muitos considerada a obra maior de Puccini, transcrita para televisão: quarta-feira na RTP2

- 23.15 Faenas
23.45 Doze Indomáveis Patifes
(de Robert Aldrich, EUA/1967, com Lee Marvin, Ernest Borgnine, Charles Bronson, Robert Ryan, Donald Sutherland, John Cassavetes. Ver Destaque)

SIC

- 08.00 Buêrére
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Aventureiro Galante
(Longa-Metragem)
15.35 Vip
17.00 Rex, O Cão Polícia
18.10 Um Agente Muito Secreto
(de John Murlowski, EUA/1995, com Hulk Hogan, Lesley-Ann Down, Barry Bostwick. Acção / Comédia)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Um Sarilho Chamado Marina
21.40 O Fura-Vidas
22.10 Cantigas da Rua
23.30 A Besta da Guerra
(de Kevin Reynolds, EUA/1988, com Jason Patrick, Steven Bauer, George Dzundza, Stephen Baldwin. Guerra)
02.00 Último Jornal
02.35 Médicos sem Fronteiras
03.35 Portugal Radical

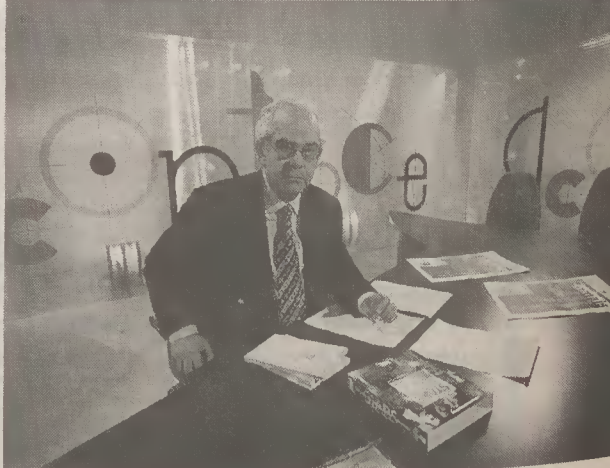
SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Imagens Reais
22.00 Suave Veneno
23.00 Sem Perdão Possível
(de Bob Misiorowski, EUA/1995, com Rutger Hauer, John Rys-Davies, Thomas Ian Griffith. Policial)
01.00 A Feira das Vaidades
02.00 Último Jornal
02.35 Cidade Escaldante
03.35 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
11.40 Pérola Negra
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
19.00 O Santo Matrimónio
(de Leonard Nimoy, EUA/1995, com Leonard Nimoy, John Schuck, Tate Donovan. Comédia)
21.00 Directo XXI
21.40 O Corcunda Notre-Dame
(com Richard Harris, Salma Hayek, Mandy Patinkin. Histórico)
23.25 Paixões Perigosas
(de Sam Irvin, EUA/1993, com C. Thomas Howell, Linda Fiorentino, Nancy Allen. Drama)
01.10 Tal Pai, Tal Filho
01.35 O Rosto da Lei
02.35 Desporto

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.



"Acontece" regressa na próxima semana, no mesmo horário

- 17.30 Meia de Música
18.00 Informação Religiosa
18.30 Caderno Diário / Juvenil
20.30 Riscos
21.05 3º Calhau a Contar do Sol
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.40 Acontece
23.00 Tentação de Vénus
(de Istvan Szabo, Gr.Br./1991, com Glenn Close, Niels Arestrup, Erland Josephson. Romântico / Musical)
01.00 Documentário: As Abelhas
01.50 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Imagens Reais
22.00 Suave Veneno
23.00 Sem Perdão Possível
(de Bob Misiorowski, EUA/1995, com Rutger Hauer, John Rys-Davies, Thomas Ian Griffith. Policial)
01.00 A Feira das Vaidades
02.00 Último Jornal
02.35 Cidade Escaldante
03.35 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
11.40 Pérola Negra
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
19.00 O Santo Matrimónio
(de Leonard Nimoy, EUA/1995, com Leonard Nimoy, John Schuck, Tate Donovan. Comédia)
21.00 Directo XXI
21.40 O Corcunda Notre-Dame
(com Richard Harris, Salma Hayek, Mandy Patinkin. Histórico)
23.25 Paixões Perigosas
(de Sam Irvin, EUA/1993, com C. Thomas Howell, Linda Fiorentino, Nancy Allen. Drama)
01.10 Tal Pai, Tal Filho
01.35 O Rosto da Lei
02.35 Desporto

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

- 16.00 O Caminho das Estrelas
17.05 Euronews
17.30 Documentário
18.00 Informação Religiosa
18.35 Meia de Música
19.00 Caderno Diário / Juvenil
20.40 Riscos
21.05 3º Calhau a Contar do Sol
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.40 Acontece
23.00 Sinais do Tempo ou Zoom
23.50 Ópera: "La Bohème", de Puccini
02.10 Godspeed John Glenn
03.00 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Vida das Aves (Ep. 2)
22.20 Suave Veneno
24.00 Actos de Traição
(de Jack Ersgard, EUA/1997, com Maria Conchita Alonso, Matt McCoy, Lee Hoffman. Acção)
02.00 Último Jornal
02.35 Toda a Verdade
03.35 O Sexo e a Cidade
04.05 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
11.40 Pérola Negra
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
19.00 As Aventuras do Meu Cão
(de Michael Scott, EUA/1995, com Alan Arkin, Chad Krowchuk, Don Franks. Aventuras)
21.00 Directo XXI
21.40 Quero Justiça!
22.40 Esboço de um Crime
(de Phedon Papamichael, EUA/1992, com Drew Barrymore, Franck McRae, Jeff Fahey, Sean Young. Policial)
00.30 O Corvo
01.20 Tal Pai, Tal Filho
01.50 O Rosto da Lei



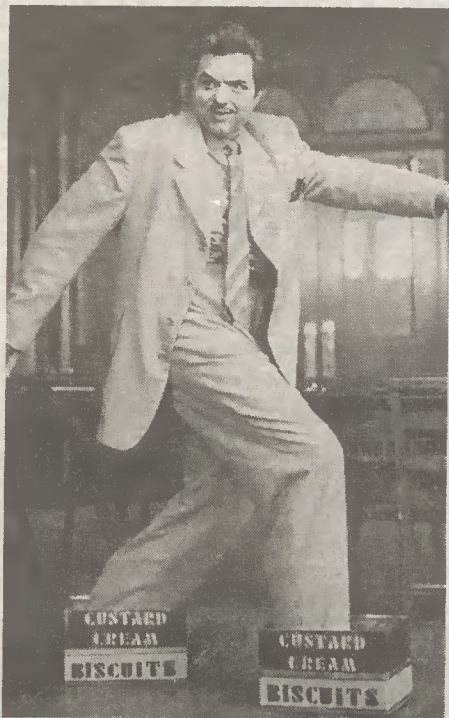
## TELEVISÃO

## Por isto e por aquilo...

## Comédia Louca

(Sábado, 17.20, RTP1)

«Tommy é filho de um célebre comediante e tenta também fazer carreira na comédia. Mas Tommy não tem graça nem talento e depois de um espectáculo desastroso em Las Vegas regressa a Blackpool na Inglaterra. Conhece os excêntricos irmãos Parker e torna-se amigo de Jack, o sobrinho deste. Tommy, porém, continua a tentar encontrar uma forma de se tornar num comediante com graça e mete-se numa incrível série de sarilhos até aceitar que não herdou os talentos do pai.» É assim que a própria RTP descreve um filme que estreia nas suas emissões e que parece ser uma comédia inteligente, à medida do humor britânico, e que tem, nos principais papeis, intérpretes bem conhecidos como Oliver Reed, Leslie Caron ou Jerry Lewis. A confirmar.



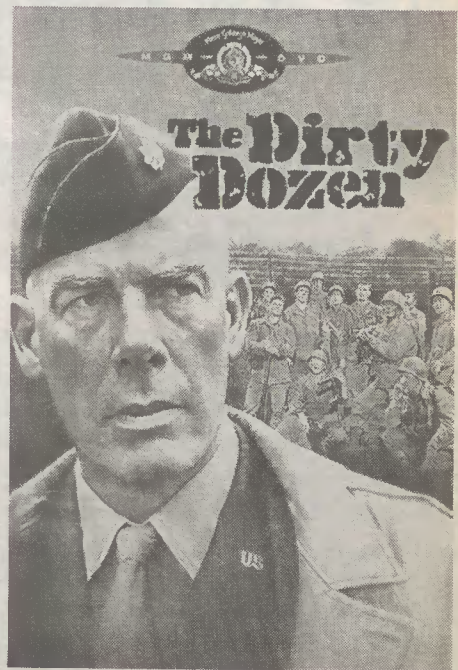
Oliver Platt, em «Comédia Louca», de Peter Chelsom

Ernest Borgnine, Robert Ryan e outros. Um filme de grande espectáculo que, como é natural, não deixa de ser empolgante.

## Zona de Perigo

(Domingo, 00.30, TVI)

Ao contrário do que poderia supor-se, pelo que se conhece dos antecedentes do argumentista (Stephen King) e do realizador (David Cronenberg), não estamos aqui perante uma história escabrosa daquelas que obrigam o espectador a desviar o olhar para escapar aos horrores mais variados ou ao sangue a jorrar em catadupas. Dito isto – e tratando-se de um filme de... terror – não se pode dizer que seja uma obra para pessoas «sensíveis», já que nele se conta a história de um homem (ainda por cima interpretado pelo inquietante Christopher Walken) que, depois de um acidente, fica com a faculdade (horrível que ela seja!) ou com a maldição de poder antever o destino de um pessoa, apenas tocando-lhe...

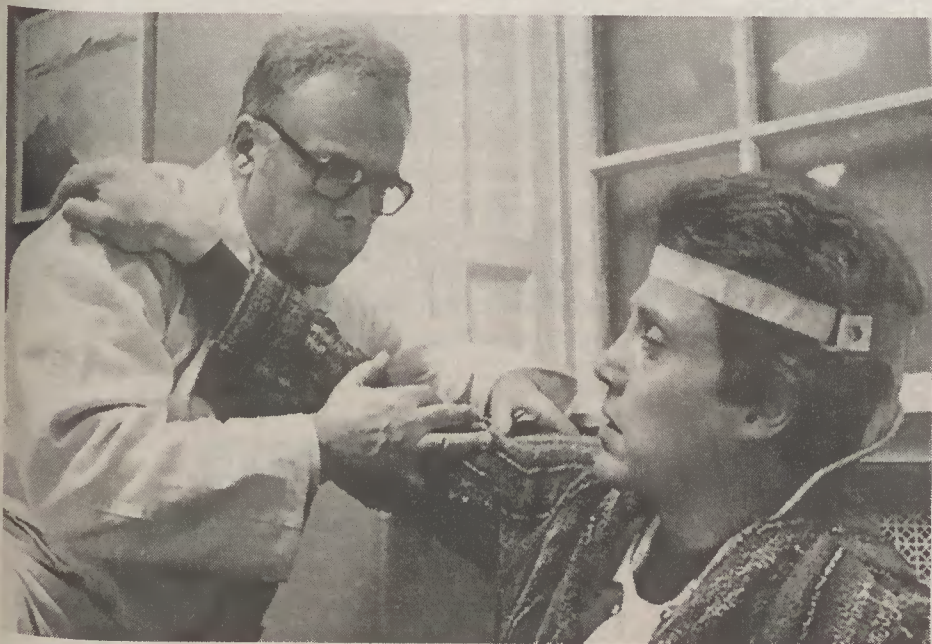


O cartaz de «Doze Indomáveis Patifes», filme de Robert Aldrich

## Onda Curta: Saudações dos Cubanos

(Sábado, 20.10, RTP2)

Trata-se, evidentemente, de um erro de tradução, já que, no título deste filme, deveria ler-se



Herbert Lom e Christopher Walken, em «Zona de Perigo», de David Cronenberg

Saudações aos Cubanos e não Saudações dos Cubanos. Não se trata, portanto, de uma simples gralha já que estamos perante um filme-documentário escrito e realizado pela cineasta francesa Agnès Varda em 63, praticamente a partir de 1800 fotografias das cerca de 4 mil que a realizadora fez em Cuba quando visitou o país depois da Revolução que derrubou a ditadura de Baptista e implantou, no continente americano, a primeira república democrática e socialista. Uma obra que, evidentemente, é uma saudação e uma homenagem apaixonada ao povo cubano e aos revolucionários que o conduziram à vitória e à liberdade. A descobrir e a recordar. É bem preciso!

## O Diário do Sedutor

(Sábado, 01.05, RTP2)

Outro filme a estrear nas televisões portuguesas e em relação ao qual apenas há que sublinhar expectativas e nenhuma certeza. Produzido por Paulo Branco, diz-se que *O Diário de Um Sedutor* é uma comédia divertida sobre os mecanismos da sedução e do amor, na qual uma estudante de psicologia acolhe no seu apartamento um amigo que só pensa em conquistá-la. Depois, há a história de um cadáver, a insinuação de outras paixões cruzadas (entre as quais a do próprio psicanalista da nossa estudante) e um homem negro que paira sobre tudo isto. Com Chiara Mastroianni, Mathieu Malric, Micheline Presle ou Jean-Pierre Léaud. Enfim, vamos a ver...

## Doze Indomáveis Patifes

(Domingo, 23.45, RTP2)

Pelo menos para quem é assinante da TV Cabo, mais do que visto é este filme, nos últimos meses exaustivamente transmitido em rotatividade no canal Hollywood. Mas, para o caso de haver alguém que ainda o não viu (!?), sempre diremos que se trata de um excelente filme de acção e de guerra, realizado por um cineasta que sabe da poda – Robert Aldrich – e cujo argumento não deixa de ter a sua originalidade. Um major do exército americano (Lee Marvin) é encarregado de recrutar doze combatentes capazes de não se importarem de arriscar a vida para participar numa importante mas perigosa acção de sabotagem de um castelo situado na França ocupada e no qual se reúnem, com frequência, altos dignitários nazis. E o nosso major não tem à sua disposição melhor solução do que reunir doze temíveis criminosos, oferecendo-lhes apenas em troca dos riscos inerentes à missão, a promessa da liberdade. Entre os patifes que Lee Marvin recruta, brilham a grande altura, actores como John Cassavettes, Telly Savalas, Donald Sutherland,

## Há Lodo no Cais

(Segunda, 03.30, SIC)

Como sempre, há duas formas de avaliar este filme: à primeira vista, estamos sem dúvida perante um fortíssimo argumento, escrito por Budd Schulberg, e uma poderosíssima direcção de imagem, a cargo de Boris Kaufman, transmitindo-nos com impressionante realismo uma história, como tantas outras, em que um homem só luta contra uma poderosa organização. Acontece que, vendo bem mais fundo, esse homem é um jovem estivador enfrentando um poderoso e corrupto sindicato apenas apoiado pela sua namorada e por um padre que, inclusivamente, o instiga à denúncia das circunstâncias que o levaram a ser cúmplice de um crime. Obra cinematográfica de

enorme força, em que nos é mostrado o amor e a paixão a contraporem-se à brutalidade do poder instalado, não é de somenos importância dizer-se que, objectivamente, se trata de um empreendimento polémico em extremo (para dizer o mínimo) no qual Elia Kazan – ele próprio marcado pelas vergonhosas posições de denúncia a que se entregou durante a «caça às bruxas» do *mac-carthysmo* – se entrega a uma manobra de confusão ao abordar acriticamente os sabidos problemas de infiltração do crime organizado em certos organismos do movimento sindical norte-americano. Interpretações magistrais do sensual Marlon Brando e da frágil Eve Marie Saint. E uma interpretação pleonástica e demasiado teatral de Karl Malden na personagem do padre.

## CABO &amp; SATÉLITE

## Mais uma noite temática a não perder

Intitula-se «A Escola, A Primeira Oportunidade» a noite temática que esta semana o canal franco-alemão Arte vai transmitir. Nele veremos, quatro documentários que se debruçam sobre um problema que afecta a sociedade capitalista, ou seja, a incapacidade de o sistema assegurar oportunidades iguais de educação para os seus cidadãos. Intitula-se, aliás, justamente, «*Une Question de Classe(s)*» o primeiro desses documentários, datado de 1999 e realizado por Jean-Michel Carré, um realizador que se tem mostrado preocupado com problemas da sociedade, como o sistema prisional ou a prostituição, e que afirma: «*se quisermos transformar a sociedade, é necessário começar pela escola.*». Seguem-se, depois, «*A l'École de la Sélection*» (de Lynn Alleway, Gr.Br./1997, 50 min.), «*Adieu, Barbiana*» (de Bernard Kleindienst, Fr./1994, 60 min.) e «*Trois Cas d'École*» (de Michèle Bourgeot e Mohamed Charbagi, Fr./1999, 55 min.), este último debruçando-se sobre três escolas públicas de Marselha, Génova e Hamburgo que acolhem crianças de origens sociais e culturais diferentes.

(Arte, quinta-feira, entre as 19.45 e as 23.45)

## As figuras do século

Começa a ser transmitida no próximo dia 5 uma nova série com a

qualidade (mas também o pendor ideológico que não engana) dos trabalhos de investigação e jornalismo da BBC. Desta vez, estará em foco a série «*As Figuras do Século*» que, todos os domingos, das 20.10 às 21 horas, a estação passará este mês a transmitir. Claro que nem todas as figuras deste século serão, propriamente, um modelo de virtudes: uma das que já estão anunciadas, por exemplo, é a do ditador espanhol Francisco Franco. Mas a BBC World teve o bom senso de inaugurar a série com uma figura, digamos assim, consensual como é a Lady Diana.

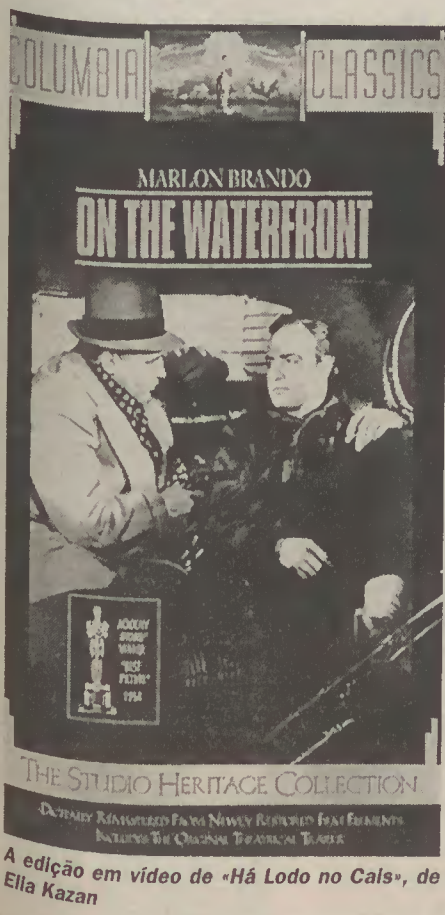
(BBC World, domingo, das 20.10 às 21 horas)



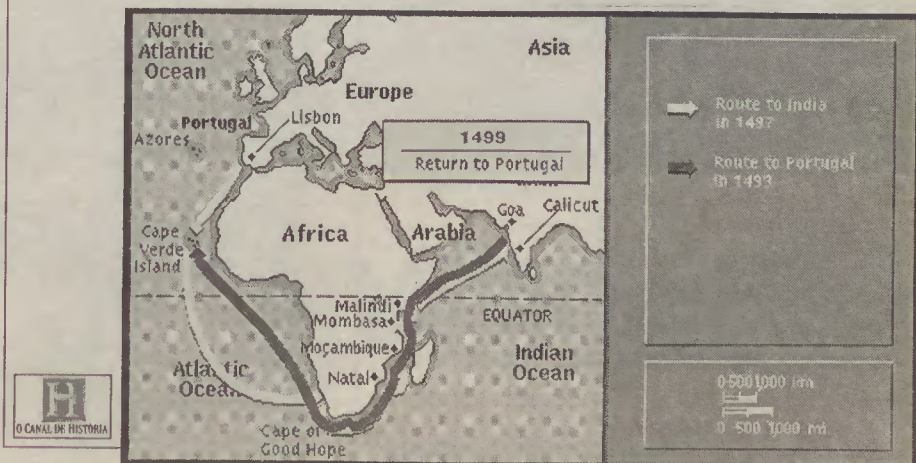
## As viagens dos portugueses

Na próxima quarta-feira 8 vai para o ar, no canal História, o segundo de seis episódios de uma série documental que começou ontem e que se debruça sobre os Descobrimientos Portugueses. Na gravura, vemos a reprodução do caminho marítimo para a Índia e o do regresso a Portugal da expedição de Vasco da Gama, naquele que foi um dos principais feitos dos portugueses na descoberta de novas paragens e uma das páginas mais brilhantes da nossa História.

(História, quartas-feiras, das 18 às 19 horas)



A edição em vídeo de «Há Lodo no Cais», de Elia Kazan





## ÚLTIMAS

ATALHE  
DE FOICEQuosque tandem,  
ó Jardim?!...

«A filosofia popular ensinou-me que cada um deve governar-se por si. A Madeira não vai descontar um tostão que seja para apoiar Timor.»

Estamos, obviamente, a citar Alberto João Jardim, o presidente do Governo Regional da Madeira, que acrescentou, no mesmo enxurro proferido para os jornalistas durante a votação do referendo em Timor: «Quando digo que não estou para entrar nessas aventuras financeiras é porque Portugal anda a gastar dinheiro com países estrangeiros – dinheiro que faz falta ao contribuinte – e não obtém nada em contrapartida.»

Posto isto, decretou: «A Região Autónoma da Madeira não aceita ser minimamente penalizada por causa de políticas timorenses.»

Dado o estatuto de inimizabilidade que, na prática, as afirmações de Alberto João Jardim continuam a gozar perante os titulares dos órgãos de soberania e os mais altos responsáveis dos poderes nacionais, apetece deixar em branco mais estas aberrações da criatura, quanto mais não seja porque ela, geralmente, as profere sob a mesma compulsividade que leva alguns psicopatas ao crime porque querem aparecer no telejornal.

Todavia, o assunto é demasiado sério para ser deixado em claro, ao contrário do que afirmou a dirigente do PS, Edite Estrela, que se escusou a comentar estas afirmações de Jardim porque não estava para «perder tempo com declarações mesquinhas» nem com «questões menores». Contudo, já não considerou uma «questão menor» nem «mesquinha» os insultos recentemente proferidos contra António Guterres, a quem Jardim chamou «mafioso». Nessa altura, a dirigente do PS arranhou logo tempo para sair à estocada na defesa do líder. Enfim, a mesquinhez também se avalia pela recepção que tem...

Em primeiro lugar, e como Alberto João Jardim está farto de saber, quem desconta seja o que for são os portugueses – sobretudo os portugueses que trabalham e produzem por conta de outrém... -, cabendo ao poder central, e em nome de todos os cidadãos, aplicar o grosso dessas verbas nos interesses públicos e nacionais. É em nome desses interesses que a Região Autónoma da Madeira recebe, desde e graças ao 25 de Abril, muitos e sempre crescentes milhões de contos/ano tirados do Orçamento de Estado para o seu desenvolvimento, cuja nebulosa gestão, aliás, tem sempre estado a cargo de governos regionais chefiados por Jardim.

Portanto, a «Madeira» que habita a cabeça deste homem como propriedade pessoal nunca «descontou» tostões para quem quer que fosse, tal como nenhuma outra parcela do território nacional o faz ou fará. Em contrapartida, a Madeira tem recebido (e bem) e vai continuar a receber (e bem) muitos milhões – de contos, não de tostões – tirados directamente da solidariedade nacional que Jardim, «ensinado» pela «filosofia popular», pelos vistos despreza.

O que João Jardim não despreza é o dinheiro dos contribuintes, de que fala como se ele estivesse depositado numa sua conta bancária. É essa, aliás, a linha mestra da sua pessoalíssima administração: gastar e esbanjar os dinheiros públicos a promover a ilusão de distribuir coisa sua.

Em segundo e último lugar, Jardim está muito longe de ser a Madeira, a Região Autónoma ou os madeirenses. Quanto muito, é Alberto João Jardim, nome que não é pêra-doce de carregar...

Se Cícero desse agora uma volta pela velha Lusitânia, era limpinho e não tarava nada vê-lo a perguntar ali para os lados de S. Bento: Quosque tandem, Jardim, abutere patenia nostra?

«Até quando, ó Jardim, abusarás da nossa paciência?»

■ Henrique Custódio

## Governo criou conselhos económicos e sociais regionais CGTP denuncia fraude e perigos de corporativização

Na primeira reunião da Comissão Executiva da CGTP, após o período de férias, foi exigida a valorização do trabalho no debate político e foram denunciados os perigos contidos no decreto-lei 332/99, publicado a 20 de Agosto.

Este decreto, que cria os conselhos económicos e sociais regionais, correspondendo aos limites das CCRs, foi considerado por Carvalho da Silva como «o diploma mais completo no sentido da fraude absoluta sobre o que é o tripartidismo». O coordenador da CGTP, em conferência de imprensa dada segunda-feira, salientou tratar-se de um problema que «exige atenção de todas as entidades, sob pena de caminhar para uma corporativização absoluta das relações laborais no nosso país e para uma desvalorização total do trabalho».

Depois de lembrar a ofensiva neoliberal que está há anos em curso na Europa, «na tentativa de colocar os sindicatos e as suas

organizações ao nível de representação de qualquer lobby», referiu discussões recentes onde ficou evidente que «as tentativas de institucionalizar este princípio foram travadas e hoje, na União Europeia, foi retomado o tripartidismo, com empresários, trabalhadores e interesses sociais diversos, devendo todas as partes ter representação equitativa».

Em Portugal também se tem discutido esta matéria, no Conselho Económico e Social, falando-se mesmo na alteração da sua composição. Mas o Governo dá um passo no sentido contrário, ao fazer publicar um decreto-lei que, para a CGTP, é «um escândalo absoluto». Carvalho da Silva apontou dois casos que jus-

tificam a indignação dos sindicalistas: «Se se cumprisse o que vem no diploma, iríamos ter um Conselho Económico e Social no Norte com 53 membros, dos quais 11 seriam representantes directos ou indirectos do Governo, 8 presidentes de câmara, 9 patronais, 17 de outros interesses, 5 indicados pelo próprio Conselho e 3 sindicais que, em última instância, a não haver entendimento, seriam designados pelo Governo. No Centro, seriam 3 representantes sindicais em 56 membros.»

É também criticada a forma como o diploma foi elaborado, apenas com a audição da Associação Nacional de Municípios. «É uma subversão do conceito de tripartidismo», protestou o coordenador da Intersindical Nacional, acusando o Governo de mostrar assim «a pretensão de tratar as organizações do trabalho ao nível de um lobby qualquer».

A par de declarações do ministro Jorge Coelho, ameaçando retomar depois das eleições a ofensiva legislativa contra o direito às férias, a publicação do DL 332/99 «é um muito mau indicador deste Governo», considerou Carvalho da Silva, admitindo que «alguma coisa muito grave anda por trás disto tudo» e prometendo que, por parte da CGTP, «procuraremos que isto não seja cumprido».

Na Executiva foram manifestadas fortes preocupações quanto à preparação das legislativas. «Salvo uma ou outra excepção das forças políticas, o debate é, até este momento, um debate profundamente fragilizado, sem conteúdos concretos, onde são empoladas questões laterais e secundárias», alertou o coordenador da Inter, salientando que «o País precisa de um debate político com qualidade» (ver pág. 7).

## Graves incidentes em Timor-Leste

O primeiro dia da contagem de votos ficou marcado por graves incidentes em Díli, onde ontem, cerca das 17 horas locais (10 horas em Portugal), elementos das milícias pró-Indonésia voltaram a atacar, primeiro no Bairro Mascarenhas e, pouco depois, junto da sede da Unamet, que acabaram por cercar. Jornalistas presentes no local – que também foram alvejados – noticiaram que foi incendiada uma casa, pertencente a um dirigente do CNRT. A polícia indonésia acorreu aos locais, na sequência dos graves distúrbios, mas não interveio.

Um grupo de jornalistas portugueses que se deslocou ao Bairro Mascarenhas foi expulso pelos elementos das milícias, perante a passividade dos agentes da polícia que ali se encontravam, relatou a Lusa, adiantando que a polícia limitou-se a aconselhá-los a abandonar a zona. A população fugiu, após o que se ouviram mais tiros disparados pelos milicianos.

Segundo alguns jovens que se encontravam no local, o bairro já

só era habitado por homens, que ficaram para defender as casas. Estes mesmos jovens acabaram por ser alvo dos tiros das milícias, pouco depois de terem falado com os jornalistas. Elementos da UNAMET que passaram no local foram igualmente visados.

Ontem e hoje deviam ser contados os boletins de voto, para verificar se o seu número corresponde ao de votantes no referendo de segunda-feira. Segue-se a contagem da votação propriamente dita, que poderá demorar mais um ou dois dias.

Anteontem foi constituída a Comissão Consultiva para a Transição de Timor-Leste, composta por dez elementos indicados pelo Conselho Nacional da Resistência Timorense, por outros dez integracionistas, escolhidos pela UNIF, cinco personalidades nomeadas pelo secretário-geral da ONU, e ainda os bispos Carlos Ximenes Belo e Basílio do Nascimento, como conselheiros honorários, e o governador de Timor-Leste, Abílio Osório Soares, como membro honorário.

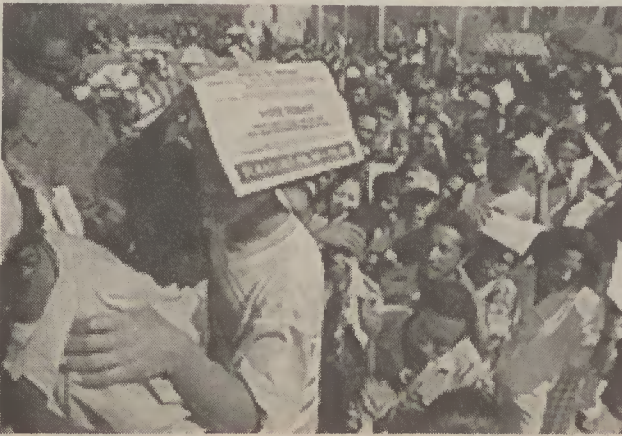


Imagem da votação em Timor

## Terceira greve dos informáticos

Decorre desde segunda-feira e até às 24 horas de amanhã a terceira semana de greves sectoriais dos trabalhadores informáticos da Administração Pública, agora abrangendo o Tribunal de Contas e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. A greve iniciou-se com uma adesão de cem por cento, anunciou a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, lembrando que esta é uma forma de protesto contra o facto de o Governo não ter ainda apresentado uma proposta

credível de reestruturação das carreiras profissionais e do estatuto remuneratório.

Nos últimos dois meses, já paralisaram os informáticos da Segurança Social e os da Saúde e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. A manter-se a posição do Governo, seguem-se greves semanais dos informáticos das Finanças (20 a 24 de Setembro), da Administração Local (27 de Setembro a 1 de Outubro) e do Ministério da Justiça (4 a 8 de Outubro).

## Carlos Carvalhas visita Alentejo e Madeira

Na próxima terça-feira, o secretário-geral do PCP visita vários concelhos alentejanos, numa jornada que conclui com um jantar, com apoiantes da CDU, em Borba. A partir das 12 horas, Carlos Carvalhas é recebido na CM de Mora, contacta seareiros de tomate e visita o Centro de Dia de Montoito. O itinerário prevê ainda breves paragens em Bencatel e na Aldeia da Venda.

Na quarta-feira, Carlos Carvalhas estará na RA da Madeira: a partir das 11.30 horas, acompanhado de dirigentes do Partido, deputados e candidatos da CDU, visita Belém, para contactos com a população da zona piscatória, e o Bairro Social da Quinta do Leme (ambas as localidades no concelho de Câmara de Lobos), participando depois

num almoço-festa. Cerca das 15 horas, Carvalhas visita a zona da Corujeira. Às 19 horas tem lugar um encontro com activistas da CDU, no centro de trabalho do PCP, no Funchal.

Na segunda-feira à noite, Carlos Carvalhas visita as Festas da Vindima, em Palmela.

O secretário-geral do PCP é entrevistado hoje na SIC, no «Jornal da Noite», onde voltará a estar na próxima quinta-feira, dia 9. Será também entrevistado segunda-feira na RTP1, no suplemento do «Telejornal».



5 603199 000445